

Guia Afetivo da Periferia



Guia Afetivo da Periferia

Marcus Vinícius Faustini



Programa Petrobras Cultural



Apoio



Copyright © 2009 MARCUS VINICIUS FAUSTINI
COLEÇÃO TRAMAS URBANAS (LITERATURA DA PERIFERIA BRASIL)

curadoria
HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA

consultoria
ECIO SALLES

produção editorial
CAMILLA SAVOIA

projeto gráfico
CUBICULO

GUIA AFETIVO DA PERIFERIA

produtor gráfico
SIDNEI BALBINO

revisão
CAMILLA SAVOIA
REBECA BOLITE

revisão tipográfica
CAMILLA SAVOIA

F271g

Faustini, Vinicius

Guia afetivo da periferia / Vinicius Faustini.

- Rio de Janeiro : Aeroplano, 2009.
il.-(Tramas urbanas ; 11)

ISBN 978-85-7820-026-8

1. Faustini, Marcus - Ficção. 2. Diretores e produtores de teatro - Brasil - Ficção. 3. Subúrbios - Rio de Janeiro (RJ) - Ficção. 4. Romance brasileiro. I. Programa Petrobras Cultural. II. Título. III. Série.

09-5169. CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

30.09.09 05.10.09 015517

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
AEROPLANO EDITORA E CONSULTORIA LTDA

AV. ATAULFO DE PAIVA, 658 / SALA 401
LEBLON - RIO DE JANEIRO - RJ
CEP: 22.440-030
TEL: 21 2529-6974
TELEFAX: 21 2239-7399

aeroplano@aeroplanoeditora.com.br
www.aeroplanoeditora.com.br

A ideia de falar sobre cultura da periferia quase sempre esteve associada ao trabalho de avaliar, qualificar ou autorizar a produção cultural dos artistas que se encontram na periferia por critérios sociais, econômicos e culturais. Faz parte dessa percepção de que a cultura da periferia sempre existiu, mas não tinha oportunidade de ter sua voz.

No entanto, nas últimas décadas, uma série de trabalhos vem mostrar que não se trata apenas de artistas procurando inserção cultural, mas de fenômenos orgânicos, profundamente conectados com experiências sociais específicas. Não raro, boa parte dessas histórias assume contornos biográficos de um sujeito ou de um grupo mobilizados em torno da sua periferia, suas condições socioeconômicas e a afirmação cultural de suas comunidades.

Essas mesmas periferias têm gerado soluções originais, criativas, sustentáveis e autônomas, como são exemplos a Cooperifa, o Tecnobrega, o Viva Favela e outros tantos casos que estão entre os títulos da primeira fase desta coleção.

Viabilizado por meio do patrocínio da Petrobras, a continuidade do projeto Tramas Urbanas trata de procurar não apenas dar voz à periferia, mas investigar nessas experiências novas formas de responder a questões culturais, sociais e políticas emergentes. Afinal, como diz a curadora do projeto, “mais do que a Internet, a periferia é a grande novidade do século XXI”.

Petrobras - Petróleo Brasileiro S.A.

Na virada do século XX para o XXI, a nova cultura da periferia se impõe como um dos movimentos culturais de ponta no país, com feição própria, uma indisfarçável dicção proativa e, claro, projeto de transformação social. Esses são apenas alguns dos traços de inovação nas práticas que atualmente se desdobram no panorama da cultura popular brasileira, uma das vertentes mais fortes de nossa tradição cultural.

Ainda que a produção cultural das periferias comece hoje a ser reconhecida como uma das tendências criativas mais importantes e, mesmo, politicamente inaugural, sua história ainda está para ser contada.

É neste sentido que a coleção Tramas Urbanas tem como seu objetivo maior dar a vez e a voz aos protagonistas deste novo capítulo da memória cultural brasileira.

Tramas Urbanas é uma resposta editorial, política e afetiva ao direito da periferia de contar sua própria história.

Helôisa Buarque de Hollanda

*Agradeço à Heloisa Buarque de Hollanda pelo carinhoso convite.
Écio Salles, amigo que transformou projeto em ação.
Luiz Eduardo Soares, pelas generosas palavras.
Agradeço também à Maria Antonia Goulart, Heraldo Bezerra,
Jaílson Souza e Silva, Rodrigo Fonseca, Camilla Savoia
e o povo do Cubículo. Este livro não teria se concretizado sem a
generosidade de Júlio Ludemir que me trouxe método e encorajamento.*

Dedico este livro à

*Dona Creuza e seu Pimenta, meus pais
Meu irmãos Diego e Daniele
Meu sobrinho Gabriel
Minhas tias Terezinha e Sivirina
E à todos os meus familiares.*

Para

*Valquíria,
Amor que cruza a madrugada e no dia
seguinte ajuda a tirar água do poço.
Minha filha Maria,
O teu olhar melhora o meu.
Meu enteado Dante,
Alegria e força que brilham.
Alexandre Damascena, Anderson Barnabé
e Cristiane Braz,
Amigos de sonhos e caminhadas.*

*Em memória de meus avós,
Sivirino Alves Pequeno e Antonia Alves Pequeno.*

Sumário

015 Prefácio

Cap.01 MEU TERRITÓRIO

022 Os primeiros verões em Santa Cruz
O Hangar do Zeppelin
Beco da Luxúria
839
Corujão depois do 839
O Brizola do muro da noite do Corujão
Procedimentos aprendidos na estação
do Engenho de Dentro

038

Vans
Sorria, você está na Barra
Está tudo entre Ipanema e Santa Cruz
Sábado pela manhã rumo a Santa Cruz
Pôr do sol no Cezarão
Economia
Visões com o Bé

058

A Tuberculose e o cinema para um
ex-menor do Banco do Brasil da
Primeiro de Março
A Tuberculose e o Cemitério do Caju
O Português
Lote no centro da cidade
Angu de milho juntou Trotski
e Fitzgerald na banca do
Largo da Carioca
Diálogos com o padraço
Excesso de realidade

076

Maclei
Caixa
Etiquetas
Maritacas de Santa Teresa
Japão

Guaratiba

Posto de gasolina

Madureira

092

Madureira tem guloseimas
Sábados de feira e sonho na Maré
O Abajur da Pedro Américo

Cap.02 PRIMEIROS MAPAS

100

Cachorros e a explosão da
Presidente Vargas
Vidas Secas na Presidente Vargas
Dobrar a esquina
Domingo de Coca-Cola
O outdoor das Sardinhas 88 na descida
para São Gonçalo

115

O Fumacê
João Johnny na Uruguaiana
João Johnny e a tia evangélica
Geografia afetiva da Rua das Marrecas
Calçado

125

Profissão
HB
Baile
Deus e o trabalho
Violência
Um amigo do Cemitério do Caju
Guilherme de Almeida, a tatuagem
em inglês e a amendoeira no Cezarão
140 Autoviação

Cap.03 A BÚSSOLA

144

O espaço sideral era na Chacrinha
O espaço sideral me fez subir em
edifícios no centro do Rio e
encontrar Allen Ginsberg

- A rua asfaltada e os azulejos amarelos
Dia de salário nas Casas da Banha
da Avenida Brasil
- 151 Casas da Banha versus Mercadinho
O Fliperama da padaria
Atari
Na garupa da Suzuki
A cabeça e o pé da galinha do aviário
do Jacarezinho
- 160 Bula
Máquina de escrever
Primeiro táxi
Vento Veloz
Tia rica de Laranjeiras
Salvo pela tia em Paquetá
- 171 Balas de tamarindo
Dieta de remédios
Cidade de Deus entre os buracos
dos tijolos
Acordes da Dilermando Reis
Vila Militar
- 182 Um circo na Chacrinha para
o primeiro beijo
- 184 Índice de Imagens
- 187 Sobre o autor

*É assim com nosso passado. Trabalho perdido procurar
evocá-lo, todos os esforços de nossa inteligência
permanecem inúteis. Está ele oculto, fora de seu domínio e
de seu alcance, em algum objeto material (na sensação que
nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos.
Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes
de morrer, ou que não o encontremos nunca.*

Prefácio

Romance de formação; etnografia urbana; história social do subúrbio carioca; flagrantes idiossincráticos da Baixada fluminense; memórias; confissões; biografia precoce; fragmentos de um discurso amoroso sobre o Rio de Janeiro; viagens sentimentais de um artista quando jovem; relatos de um *flaneur*; crônicas da província; retratos de geração; álbum de família; mapas da cidade; mosaico, vitral, jogo de armar; cartas ao leitor desconhecido; “cartas a meu pai”; razão e sensibilidade; Trotsky e Truffaut; o arrebatamento da descoberta; o despertar da primavera; inventário de cheiros, sabores e imagens ao longo de um itinerário existencial e histórico; diário de bordo; notas de trabalho em progresso; travessia; a cultura debaixo da pedra no meio do caminho; passagens.

Todos esses títulos — cada qual com seu toque de mistério e submetido, é claro, a uma reinterpretação criativa — seriam pertinentes, tanto em sua dimensão descritiva, quanto em suas alusões conceituais e em seus ecos imaginários. Pertinentes para nomear esse livro inclassificável e primoroso — breve e poderoso; simples e irresistível; despretensioso e fundamental; contido e emocionante; preciso e indisciplinado; curto e exaustivo; minimalista e interminável; direto e reflexivo; torrencial, telegráfico, aforismático — de Marcus Vinícius Faustini.

Não vou dizer o que ele é, porque, sendo o objeto que você tem em mãos, seria ocioso. Não ousarei sintetizar seu sentido, porque é plural, polissêmico, em permanente deslocamento e dialógico, mesmo, paradoxalmente, evocando

o monólogo e o fluxo de consciência de um repórter de seu tempo — objetivo, portanto, mas, surpreendentemente, pela mediação da subjetividade, isto é, por meio da introspecção mnemônica. Daí a tese de aparência ligeira e leviana, na verdade ferozmente sofisticada: “Nunca gostei do excesso de realidade presente na boca dos arautos que falam sobre o Rio, seja em mesa de bar, entrevista de canal a cabo ou seminário de universitárias charmosas. Na cidade, eu procuro a ficção.”

É a ficção que devolve o protagonismo ao narrador, mais ator/ passageiro/ *flâneur* do que observador/ voyeur/ inquiridor. Quando o jogo de linguagem valoriza o que se chama “real”, o autor é neutralizado para que venha à tona o *fenômeno*, senhor soberano que toma a cena. Na prosa de Faustini, é o ator quem toma a palavra, e o ator é o autor-narrador, que explora o campo fértil de sua própria memória e de sua vivência singular. Mas se engana quem supuser que haja, aqui, egolatria ou celebração ingênua e soberba da consciência. Equivoca-se quem deduzir que se trata, aqui, de um *revival* da velha metafísica da representação. Nada mais estranho a esse aparentemente transparente relato. O narrador-ator que reina nesse espaço discursivo nem de longe corresponde ao sujeito, pilar da representação “especular” do real e caução da verossimilhança. O ator-narrador, aqui, é a máscara, essa *persona* falsa cuja mentira se revela como tal, promovendo a torção poética de que nos falava Fernando Pessoa: o nome em nome do qual presta testemunho — o autor/*persona*/ator/máscara —, desfigurando para reconfigurá-lo, editando a si mesmo e aos seus sentimentos e memórias para nos confundir e nos separar de nossas convicções naturalizantes e dessensibilizadoras, convence-nos que é dor a dor que deveras sente. Convence-nos, então, que pode ser outro o mundo (e nós mesmos tais como nos percebemos, condenando-nos a repetir-nos). Persuade-nos que

pode ser diferente o mundo a que nos amarramos como se fora a inexorável “realidade”, implacável, insuperável, naturalizada, des-historicizada, imobilizada, despolitizada.

O movimento do texto de Faustini é sinuoso como suas trajetórias urbanas, e tortuoso como seu percurso existencial. A “realidade” flagrada por seu relato é reescrita ou mapeada pela memória — uma memória seletiva como sempre, e também crítica, irônica, simultaneamente distanciada e compassivo-amorosa, semi-naturalista e desfigurada/reconfigurada —, aqui menos caudalosa que em nossos memorialistas consagrados, como Pedro Nava, e mais sincopada, trincada, batida, trabalhada em ilha de edição, “sampleada”, talhada a marteladas rítmicas e descontínuas por um narrador-DJ.

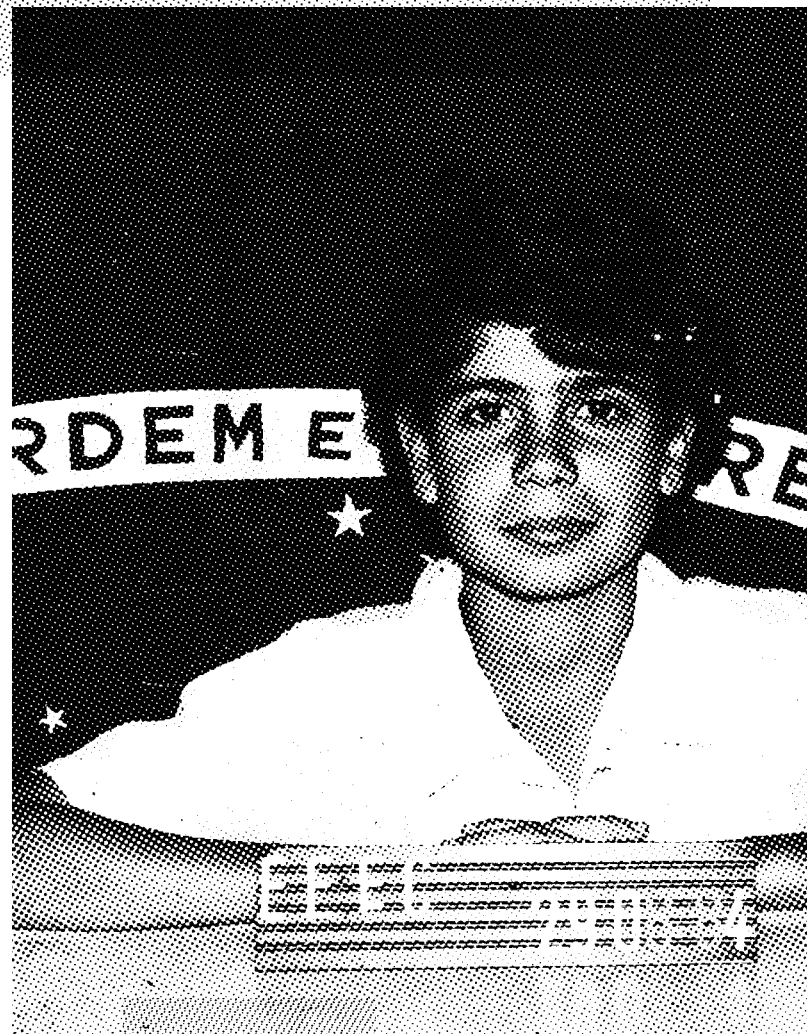
Quanta nostalgia em uma paisagem literária antinostálgica; quanta melancolia, em um ambiente estético corrosivo, nada indulgente. Quanto paradoxo; quanta ambivalência. De novo, a sinuosidade. A linha do destino narrativa avança e recua, nos afasta e logo nos devolve à cena doméstica, tão ligada à rua, tão desprovida de privacidade individualizante, mas, ainda assim, tão acolhedora e essencial ao indivíduo que cresce em solidão e babélica sociabilidade.

Como o cão de seu tempo, ao qual Canetti comparava o poeta, nada escapa ao escrutínio do relato, nenhum odor, som, ruído, nenhum impulso ou vapor, qualquer luz ou sombra que mereça uma oração, mesmo que se insinuando pela fresta da máscara, essa *persona* que circula oculta e invisível, para melhor ver e ouvir, inclusive para mais intensamente ver-se e dar-se a ver nos e pelos outros. A *persona*, o ator, vaga vagabundo, *clown* mendicante pelos sinais de trânsito, na rua das Marrecas, repousando nos pilotis de Capanema e *Le Corbusier*, fechando a passeata com a nissei sedutora numa escadaria de metrô.

Faustini narra seus relatos como o anjo lançado de costas para o futuro, na imagem de Benjamin. Mas imanta o passado com o sopro de uma humanidade envolvente e calorosa, mesmo quando a história transformou ruas, casas, sonhos e amores em cinzas e escombros. Talvez porque, a despeito da dicção substantiva e econômica, fria, seu amor pelo subúrbio e pelo povo pobre da cidade seja irrefreável e comovente. Irresistivelmente comovente. As ruínas do passado cintilam ainda e inspiram o passageiro que cruza a cidade.

Atravessando todos os quadrantes da cidade, o narrador embaralha as cartas, os mapas, as visões cristalizadas — quando não estigmatizantes — e recontextualiza identidades, flexibilizando-as, combinando-as como um operador sincrético. Hermes — o narrador/máscara/cão de seu tempo — traduz os códigos entre si e fluidifica os canais de comunicação, editando a seu modo um Rio de Janeiro sem a cicatriz da dicotomia centro-periferia. Quem gravita em torno de quem? Onde é o umbigo do mundo? Movendo-se para cima, para baixo, aquém, além e através, faz-se, o autor-máscara, na tessitura de conexões inusitadas, seta em movimento, deslocando poderes, reescrevendo geografias, desenhando, em seu percurso pedestre e libertário, o arco de novos encontros e as inflexões de esquinas improváveis. Na ponta do lápis eletrônico e da agulha do *pick-up*, o risco de outras sensibilidades, outras sociabilidades.

Luiz Eduardo Soares





MEU

TERRITÓRIO

Cap. 01
Meu território

Cap. 01
Meu território

Os primeiros verões em Santa Cruz

O barulho do ventilador lá de casa me tirava o sono nas noites de verão em que era usado para espantar, além do calor, as muriçocas. Era um FAET de aço que meu padraсто comprou num ferro-velho, em Paciência, e consertou pintando de azul as hélices com tinta a óleo. Em dias mais frescos, quando estava desligado, ocupava-me em estourar as bolhas de tinta.

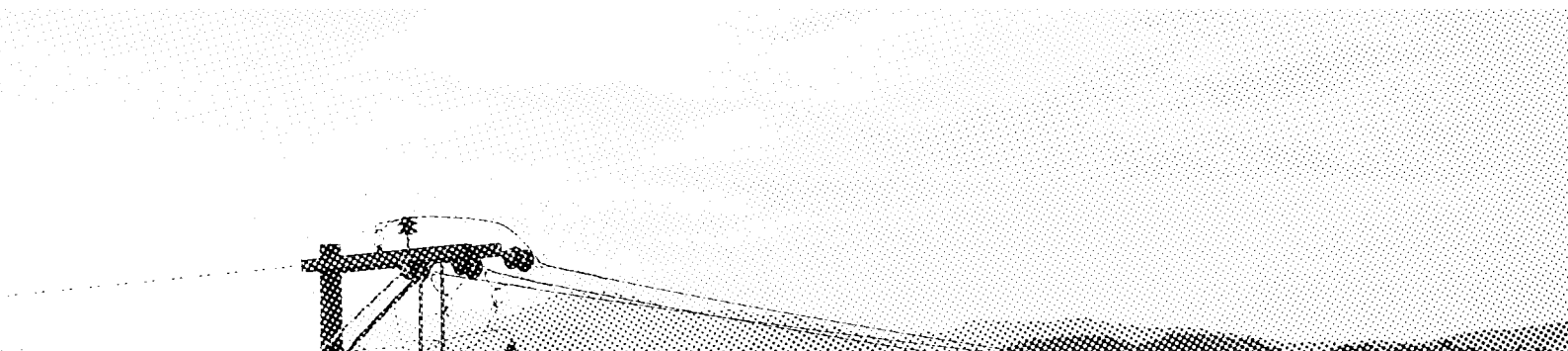
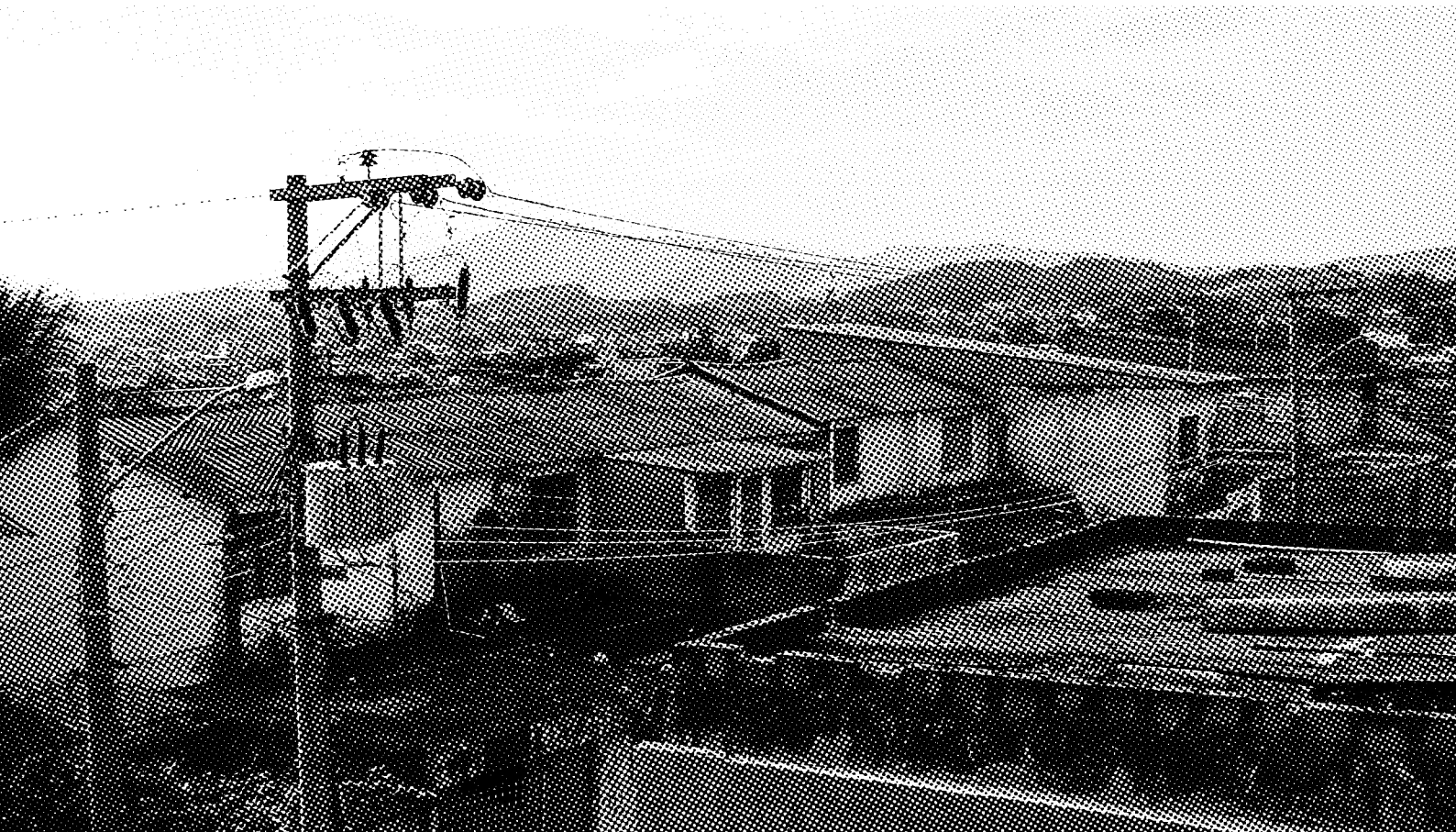
Na escala do direito ao ventilador, quando eu não podia ficar com ele, tomava sacolé de Nescau durante a madrugada para aliviar a quentura. Essa minha estratégia só perdia para o desfile de sombrinhas que coloriam o Cezarão no dia seguinte ao meio-dia, sob sol a pino. As evangélicas, todas de cabelo grande, protegiam orgulhosamente os cabelos soltos com as sombrinhas. Era tão quente que saía vapor do asfalto, e as pessoas ficavam desfocadas a distância. Mesmo assim, eu subia no telhado para ver os jatos da aeronáutica cruzarem o céu de Santa Cruz antes de pousarem no hangar do Zeppelin.

Do telhado, era possível ouvir o barulho dos jatos e o do ventilador, que disputavam entre si. Todos esses elementos eram organizados em minha cabeça como uma sequência de um precário filme futurista, ambientado num conjunto habitacional do terceiro mundo. Era a minha forma de compreender o que os historiadores chamavam de “sertão carioca” e

adaptar esta visão ao que fazia minha cabeça na época: a cena pós-punk do leste europeu e o filme *A classe operária vai ao paraíso*. Quando subia no telhado, levava uma pequena vitrola portátil vermelha e bege e escutava o vinil do Joy Division. Enquanto o sol rachava, eu tentava traduzir a letra com um minidicionário. Foi um verdadeiro choque térmico em minha cabeça os primeiros verões passados em Santa Cruz. Minhas maiores sensações vinham dos dias de chuva e das ruas de barro, todas vividas na primeira infância, na Baixada Fluminense.

Morávamos numa avenida de casas construídas por um senhorio português em cima de um brejo, numa rua de barro. Quando chovia, e quase sempre chovia, gostava de tomar banho e deixar a cabeça em baixo de uma calha onde a água caía com força de cachoeira. Centrava a queda da água na moleira para testar se ela realmente estava dura. Ficava ali imóvel e sentia o nível da água subir nos meus pés. Os sapos começavam a coaxar, a avenida de casas ia enchendo e, quando a água começava a mudar de cor, para o preto ou para o barro, minha mãe mandava eu sair para não pegar doenças. Obedecia, mas ficava atento ao fim da chuva para correr e jogar bola na lama da rua. Dias de chuva e de sol foram determinando minha percepção sobre as coisas.





O Hangar do Zeppelin

Entrei no Hangar uma única vez. Ao ver os aviões dispostos lado a lado e a altura monumental do edifício, minha cabeça orquestrou a realização de um sonho de menino. Participar de uma guerra. Em minhas brincadeiras solitárias de moleque, os pregadores de roupa eram os tanques de guerra e os palitos de fósforo, os soldados. Fiquei surpreso com a sensação confortável da lembrança naquele lugar, pois nunca tive simpatia por nenhum dos monumentos militares presentes em Santa Cruz. Cheguei até a interromper um namoro iniciado na barraca de pescaria de uma festa na Paróquia de Nossa Senhora da Glória, quando descobri que a menina era moradora da Vila Militar. Minha formação de militante do movimento estudantil dos anos 1980 era de enfrentamento juvenil, a qualquer custo, com tudo que lembrasse o período da ditadura militar. A lembrança da brincadeira foi interrompida pelo guia que explicava com gosto histórico que o hangar do Zeppelin era uma edificação construída no final da década de 1930 para abrigar os dirigíveis Graff Zeppelin e o Hindenbourg da linha aérea entre a Alemanha e o Brasil, na rota Frankfurt-Recife-Rio de Janeiro.

Os bravos historiadores de Santa Cruz dizem também que a palavra Clóvis surgiu quando tripulantes estrangeiros viram os mascarados no carnaval do bairro e chamaram de *Clown*. A população local rapidamente transformou em Clóvis.

A base aérea das placas indicativas nos postes, além de guardar o hangar, levanta esse voo para a cidade dentro de mim.



Beco da Luxúria

Cabe tudo dentro do beco. Cabe, sobretudo, a primeira sensação que tive de conseguir juntar corpo, palavra e território. Minha cabeça, tronco e membros; meu pensamento e emoção eram esquarterjados. Na rua que já foi conhecida como Beco da Luxúria, hoje chamada 20 de Abril, perto do Campo de Santana no centro do Rio, fica o lugar onde costurei essas partes que agora sinto ligadas pela circulação do sangue carregado de memórias. O casarão que abriga a Escola de Teatro Martins Pena me recebeu com a generosidade de um padre com um leproso. Ali, sentado no pátio, conversei várias vezes com essas partes que teimavam em se separar. Tudo se fez e se desfez várias vezes. Então, de tanto treinar, mapas distanciados para a minha trajetória pessoal deram lugar a elaboração de um órgão a mais que precisava para disparar esse novo corpo que aprendi a ter ali. A primeira vez que percebi que consegui me juntar produziu-se um instante de prazer estético que não esperava ter a partir de mim. Depois de sair da aula, no ponto de ônibus em frente ao Hospital Souza Aguiar, esperando o 398, que me levaria até Campo Grande, onde eu pegaria o 839, para finalmente chegar em casa, reparei que o letreiro luminoso do 398 estava piscando. Este efeito me tirou da dispersão causada pelas sirenes das ambulâncias que capturavam meus pensamentos com facilidade para a morte e “coisas ruins”. Não havia nada de extraordinário nesse acontecimento. Na verdade, o letreiro estava com defeito. Entretanto, além de fazer perceber a chegada do ônibus, criou-se uma beleza na palavra Campo Grande até então não conhecida por mim. Já no ônibus lotado, com o corpo deformado feito legume de chepa, lembrei do trecho de um livro que tinha lido no “Beco” naquela tarde: o belo é uma força.

839

O 839 era um daqueles cata-mendigos da madrugada. Durante os três anos do meu curso noturno de teatro, experimentei várias estratégias para chegar em casa, inclusive dormir na rua ou no banco de espera do Hospital Souza Aguiar. Conseguir chegar à rodoviária de Campo Grande e, de lá, pegar o 839 — Campo Grande/Cezarão — era a minha meta durante as noites de segunda a sexta.

A linha era composta por ônibus velhos, barulhentos, com bancos sem encosto. Mas isso não significava desconforto algum diante da promessa de chegar em casa para bater um prato fundo de feijão, arroz, pepino inteiro e bife de chã de dentro batido, bem passado, feito com esmero pela dona Creuza. Quase sempre comia-o assistindo ao Corujão.

A rodoviária de Campo Grande era suja, sempre suja. Os camelôs é que lhe davam vida. Ela é típica da chegada de construções contemporâneas na periferia: mistura de concreto e cimento sem pintura. Os pregões de camelôs de filmes, salgadinhos de camarão e Serenatas de Amor animam a madrugada junto com o cheiro de mijadas sobrepostas e a fumaça de churrasquinho.

Certa vez, cheguei à rodoviária um pouco mais de uma da manhã com a barriga gritando de fome. Vinha só com o almoço de bife de fígado, feito pela incansável dona Creuza, e precisava de algo para comer que organizasse meu sentido de espera pelo jantar. Já estava puto da vida, pois sabia que naquela madrugada tinha filme de Charles Bronson no Corujão e havia apostado que dessa vez ele, enfim, ia sorrir. Meu humor e minha fome seriam acalmados por aquele churrasquinho, que eu já havia ensaiado comer no caminho do Centro até a rodoviária de Campo Grande. Saber que tinha moedas suficientes para comê-lo acalmava minha fome e devolvia minha capacidade de trabalhar. Pensar e criar histórias eram meu trabalho preferido naquela época também.



Pedi o churrasquinho, mas comi com receio de perder o 839 da próxima hora cheia. Se o perdesse, teria que esperar mais uma hora. Já tinha comido outras poucas vezes o churrasquinho deste camelô, que escolhi entre os demais por tê-lo visto lendo enquanto trabalhava. Não fiz isso, porque achei bonito o fato de ele ser um leitor. Num raciocínio rápido, pensei que, como ele era leitor, não corresponderia à fama de sacanas e sujismundos que rondava o imaginário das pessoas em relação aos camelôs que trabalhavam na madrugada da rodoviária. Ele costumava ler Paulo Coelho, o que não me causava nenhum espanto. Naquela época, *Brida* e *O Alquimista* eram evangelhos de quem lia e tinha pretensões intelectuais na periferia.

Nesse dia, entretanto, o danado me surpreendeu. Ele tinha nas mãos o *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski. Estavam ali, dispostos naquele momento diante de mim, engolindo a madrugada como eu engolia o churrasquinho, universos que até então eu acreditava antagônicos: churrasquinho, filme pirata, cheiro de mijo, Paulo Coelho, Dostoiévski, aço, concreto, parede sem emboço e uma pichação da época do Brizola.

Consegui pegar o ônibus de uma hora e nunca mais vi o camelô. Ele deve ter arrumado um outro emprego ou mudado de horário. Lembrei dele uma outra madrugada, quando estava na mesma saga do 839. Encurvado no banco com os joelhos apoiados no encosto do banco da frente, eu lia um trecho de *Equus*, de Peter Shaffer. Tinha que decorar para a aula de teatro do dia seguinte. De súbito, uma pedra quebrou o vidro, passando por cima da minha cabeça. Estar lendo e encurvado no banco pelo cansaço salvaram minha cabeça de mais uma cicatriz.

Corujão depois do 839

Na pequena sala de paredes chapiscadas da casa da Rua 50, o relógio de parede coreano, comprado na Rua da Alfândega, devorava as horas. A única coisa que me acalmava e embalava o sono era assistir ao Corujão. Além dos filmes do Charles Bronson, gostava da dublagem de *Um dia de Cão* — a perfeita ligação entre as imagens de Al Pacino e a voz de Nelson Batista me fazia acreditar que eu podia compreender qualquer indivíduo do mundo. O Corujão foi determinante na minha formação.

O Brizola do muro da noite do Corujão

Só conheci leite tipo B por causa do governo Brizola. Antes dele era raro leite lá em casa. Um saco tipo C, geralmente da marca CCPL, tinha que durar a semana inteira, e, para isso, a maior parte do copo americano tinha que ser de café. A fiscalização de minha mãe e de meu padrasto era permanente. Misturar Claybom no café era minha saída para a situação. Ganhar o saquinho individual de leite diariamente na Escola Estadual Euclides da Cunha fez o nome de Brizola circular no recreio mais do que o medo da professora de Educação Moral e Cívica.

Procedimentos aprendidos na estação do Engenho de Dentro

Como a viagem do centro de Santa Cruz até o centro do Rio se tornou por diversas razões cotidiana, comecei a criar procedimentos que me fizessem esquecer como era longa. Quando fazia o trajeto de trem, dividia a viagem em duas partes para não ser tomado pelo tédio da repetição. Da estação de Santa Cruz até a de Engenho de Dentro, era um mundo. Do Engenho de Dentro até a Central do Brasil, era outra galáxia. Tinha o hábito de descer sempre na estação do Engenho de Dentro para trocar de ramal. Esperava o próximo trem em direção à Central. Essa troca era apropriada para a sensação de ficção que buscava com a intenção de disputar com o cansaço do corpo. A estação inteira era cheia de ferros redondos que

naquela época eu intuía ser o que tinha escutado sobre *art nouveau*. Ali, sentia-me confiante. Era a confirmação de que, domingo a domingo, mesmo sem dinheiro, fazia mais sentido andar pela rua do que ficar em casa. Na espera do trem, observava as pessoas e criava pequenas histórias para cada uma. Era meu território particular de invenção. Valia para descanso tanto quanto uma sesta, tão defendida por meu avô ao longo da vida. Imaginava que poderia conseguir ganhar dinheiro algum dia com essas histórias. Carregava esta ideia comigo desde a primeira redação na Escola Estadual Euclides da Cunha, em Caxias, onde narrei em letra de fôrma as andanças de um cachorro vira-lata pela rua e recebi da professora um elogio comedido, mas encorajador.

Com a sesta de pensamentos feita na estação do Engenho de Dentro e a vontade imprecisa de ser, como um analgésico para o cansaço, eu mergulhava num vagão qualquer e ao longo das estações seguintes observava, pelas janelas do trem, como as casas ficavam diferentes até o centro do Rio. Era um outro procedimento em minha busca de criar histórias para diminuir o cansaço. O prazer de ver o céu brilhar pela janela nas casas diminuía também o calor do vagão, mas era interrompido pelas repetidas vozes do vendedor de Prestobarba. Devido à falta de grana e à presença constante de todo tipo de vendedor e produtos em toda parte, por várias vezes prestei muita atenção no jeito de venderem. Cogitava trabalhar assim. Falar dava dinheiro, escrever, não. Mesmo suando e com o corpo cansado como o meu, a voz desses vendedores era saltitante e disputava com bravura o barulho do atrito dos trilhos com as rodas do trem. Eu que me sentia orgulhoso por ser chamado de guerreiro, me rendia à coragem desses arautos territoriais. Meu projeto de escrever foi bombardeado pelo projeto da fala como instrumento de sobrevivência. Esses trabalhos sempre estiveram por perto. Por indicação de uma vizinha rezadeira, uma vez, ainda garoto, quase me tornei vendedor

de lençol e urso de pelúcia de porta em porta na região da Leopoldina. No desejado conforto da van, que sempre pegava quando tinha algum dinheiro, pensando sempre em manter esta forma de me transportar, abandonei qualquer leitura, pensamento e observação de janela, para ouvir o cara que trabalhava abrindo e fechando a porta da van falar o trajeto ao longo das paradas na Avenida Brasil. Gostava, em especial, da voz anasalada de um deles, que anunciava o roteiro SANTA CRUZ-CASTELO imitando voz de buzina. Perceber falas, tons, vozes e frases ditas foi ocupando o lugar do procedimento de criar histórias. As oportunidades de tramos com a voz foram aparecendo: animador de festa, Papai Noel no Carrefour de São Gonçalo, Urso Fred no Shopping Madureira e toda sorte de subempregos que me serviam para ter alguma grana. Andar de van foi virando uma obsessão. A beleza do céu que se impunha sobre as casas vistas pela janela, em meu trajeto de trem entre o Engenho de Dentro até a Central, e o repertório de recursos para um aspirante a escritor que isso trazia não foram vitoriosos contra a minha tentativa de descobrir formas de ganhar dinheiro para cruzar a cidade de van e não ficar tão cansado. A voz foi ficando cada vez mais presente, a máquina de escrever encostada num canto. A bússola interna aceitava o sentido, mas não a direção. O corpo se manteve cansado nas viagens de van financiadas pelas animações de festa que passei a fazer fantasiado de Peter Pan, nas quais executava alguns trejeitos de voz inspirados no vendedor de amendoim Nakaiama, com quem cheguei a conversar um dia na estação do Engenho de Dentro.



Vans

Antes da proliferação de vans e kombis como meio de transporte alternativo, a viagem do Cesarão ao centro de Santa Cruz ou do centro do Rio de Janeiro à Barra da Tijuca chegava a durar mais de duas horas.

A possibilidade de conversar com as meninas dos conjuntos habitacionais de Santa Cruz que trabalhavam nas lanchonetes dos shoppings da Barra, fez com que muitos rapazes tivessem como meta o trabalho como motorista dessas vans. Era comum o banco da frente estar sempre perfumado e, perto das onze da noite, o ponto de ônibus em frente ao Barra Shopping ficar com uma fila de vans rumo a Santa Cruz. O continente asiático entrou para o vocabulário do *trailer* que vendia hambúrguer com generosos pedaços de bacon que embalavam o assunto da origem das vans coreanas nas madrugadas de sábado na entrada da comunidade do Rolas.

Sorria, você está na Barra

Eu vi a placa “Sorria, você está na Barra” mudar ao longo dos anos. Quando não aguentava mais voltar para Santa Cruz pela Avenida Brasil ou de trem, comecei a ir até a Barra para de lá pegar um ônibus para casa. Já vi aquela placa pequena em madeira e meio high-tech, mas sempre no mesmo lugar.

Tentava chegar ao ponto final do 882 sempre um pouco antes da meia-noite. Como o 839, depois de meia-noite era só de hora em hora. Nos dias em que perdia o horário, só me restava sentar no meio-fio e conversar com os caras que trabalhavam no fechamento do McDonald's.

Havia uma disputa entre eles descrita nessas conversas. Era comum eles disputarem quem limpava mais rápido as máquinas do McDonald's. A disputa se estendeu entre as unidades. E um campeonato à margem dos gerentes se criou nos McDonald's cariocas. Meu irmão também trabalhou no McDonald's, mas não participou desses campeonatos.

Alheias à *mise-en-scène* Miami Beach do bairro, as conversas e gargalhadas continuavam dentro do ônibus lotado, onde se juntavam outros trabalhadores. Dentro do ônibus, até aniversário se comemorava. Ronda e sueca eram como bater cartão. Todos nós ríamos muito dentro do ônibus na madrugada, mas não era por indicação da placa.

Um condomínio de pessoas, e não de prédios, se realizava dentro do 882. A encarnação era generalizada. Perto da serra da Grota Funda, ela dava lugar ao cansaço e ao sono. Era como se a contagiante estada na Barra da Tijuca fosse substituída pela tranquilidade das gigantescas antenas parabólicas da Embratel, em Pedra de Guaratiba.

Com a cabeça traçando estratégias para cruzar a Avenida Brasil no dia seguinte, era só descer na praça e pedir um x-tudo para encerrar o dia no último quiosque aberto.

Está tudo entre Ipanema e Santa Cruz

Todo o meu aprendizado está nesse percurso. Tudo o que está localizado entre Santa Cruz e Ipanema. Sentado no meio-fio, esperando a van de madrugada, vendo o mar bravio como o que engoliu Escobar, eis a Ipanema que se repetiu durante anos para mim. Desenvolvi uma relação com a madrugada de





Ipanema e invejava a Ipanema solar, do cinema e da literatura. Nunca tive coragem de frequentar Ipanema durante o dia, mas me sentia em casa sentado no meio-fio esperando a van para Santa Cruz.

A madrugada de Ipanema abrigou uma das melhores conversas que tive até hoje. Sempre acreditei nas conversas. Eunice era uma francesa que trabalhava um tempo em lanchonetes e depois partia para viajar pelo mundo. O excesso de pintas em seu rosto disputava em harmonia com as pintas dos seus olhos azuis. Conheci Eunice na Lapa e a convidei para passear de madrugada, na praia de Ipanema. Gosto desta hora, porque a rua está vazia. “Sobra mais mundo para a gente.” Não sei exatamente se essa frase é minha ou dela.

Caminhamos na areia, falamos de filmes, de gostos e da possibilidade de se encontrar alguém parecido com você em outro lugar do mundo. Durante sua estada no Brasil, nos encontramos mais vezes. Mas aquela foi a nossa conversa enlaçadora. Eunice estava de partida para a França, onde ganharia dinheiro para ir ao Japão. Sua determinação em circular o mundo durante a vida encorajou minha circulação pela cidade.

Anos depois, encontrei Eunice no meio de um bloco no carnaval de Santa Teresa. Ela me reconheceu e perguntou sobre Ipanema. Disse que passei a frequentar Ipanema de dia e que da calçada olhava as barracas de praia, enfileiradas uma ao lado da outra. E tive a mesma sensação de estar olhando da laje da Rua 50 as casas enfileiradas do Cezarão.

Sábado pela manhã rumo a Santa Cruz

Sábado pela manhã era noite. Ele começava no trem às seis horas da manhã, voltando para Santa Cruz. Deitado no banco, eu dormia com a certeza de que seria acordado: Santa Cruz era a última estação. O atrito das rodas do vagão nos trilhos,



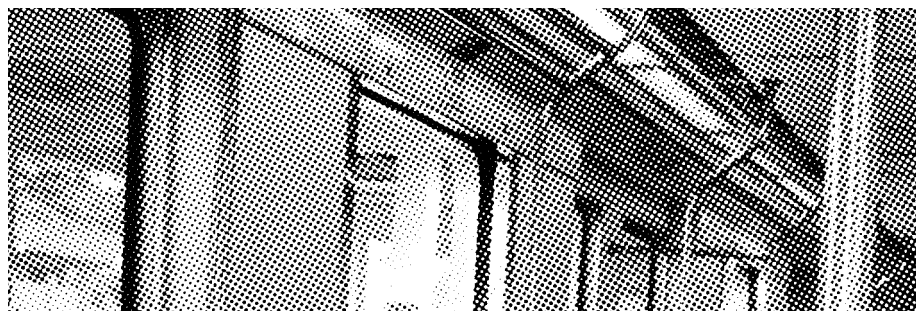


irritante nas segundas-feiras pela manhã, funcionava como uma cantiga de ninar nestes dias.

Sexta-feira à noite era noite. Depois de uma semana de trabalho, quando tinha emprego, ou de angústia e tédio, quando não tinha nada o que fazer, era imprevisível o meu itinerário. Punks no Méier, shows darks em Santa Cruz da Serra, baile funk no Cezarão, conhaque barato nos botecos da Cruz Vermelha, Angu do Gomes na madruca da Praça XV ou chope com Steinhegger no Amarelinho da Cinelândia. O importante era achar um lugar ou uma bebida barata, que garantisse baganas de pensamento noite a dentro. Sexta à noite tinha que valer a pena, pois sábado era dia de missa.

O destino da sexta à noite não era apenas o que estava em jogo. O trajeto também fazia parte da experiência. O começo era kombi com luz neon azul-céu acesa na parte interna, com uma buzina anunciando: “Cezarão, Estação de Santa Cruz.” Dentro da kombi, menores ambulantes, evangélicos indo pregar, trabalhadores e tipos como eu conversavam ambientados por esse neon e pelo funk das caixas de som do carro. No centro de Santa Cruz, a única forma de sair para qualquer outro lugar do Rio era esperar uma hora pelo 390 (Sepetiba/Passeio) ou dividir espaço em uma van com os travestis que iam para a Lapa. Para impor respeito, ficava sério em meu canto, mas muito atento ao intercâmbio de batons e ao vocabulário deles. A Avenida Brasil passava mais rápido pela janela do que o batom pelas bocas dos travestis.

Jamais encontrei um desses travestis no trem que me levava de volta para Santa Cruz, no sábado pela manhã. A volta era solitária até eu cruzar com o caminhão da Ultragás, no caminho da estação de trem até o Cezarão. Ele anunciava sua presença com um Pour Elise agudo e eletrônico proveniente do alto-falante tipo corneta acima da cabine. Com a frequência desses encontros, o motorista passou a acenar um “tudo joia?” acompanhado de um polegar para cima.



Chegando à Rua 50, a orquestra continuava. Era uma babel sonora, onde funk, música evangélica, motor de carro ligado, notícias de rádio, pagode, vassoura em atrito com o chão e até “Black Dog”, do Led Zeppelin, e “Because I love you”, do Stevie B., saíam das casas. As substâncias ingeridas na noite anterior faziam estes sons se apresentarem em detalhes e muitas vezes a minha caminhada era interrompida por vômitos. Era hora de dormir. Sábado pela manhã era noite. Era certo que, lá para o meio-dia, apesar de contrariada, dona Creuza colocaria rodela de batatas cruas e geladas em meu córtex cerebral, para ajudar a me recuperar da ressaca.

Pôr do sol no Cezarão

Sempre gostei dessa hora do dia em que começam a se acender os faróis de carros e ônibus, e os postes. É o final de tarde. Nunca gostei de chamá-lo de crepúsculo. Não gosto da sonoridade da palavra.

Na Avenida Brasil, voltando em pé para o Cezarão num 388 lotado, essas luzes e o cheiro da fábrica de sabão no cruzamento com a Linha Vermelha embalam os meus pensamentos. É só encostar a cabeça no braço pendurado e, mesmo cansado, me permitir a experiência das cores das luzes e do odor do sabão e dos canos de descarga.

Ao longo do caminho até Santa Cruz, os olhos se deparam com vários operários e operárias das fábricas que margeiam a avenida. Com seus uniformes de brim azul, eles pedalam de bicicleta para casa. Os olhos de gato brilham sutilmente nos aros das rodas.

Essa é uma situação que se repete desde o dia em que nos mudamos de Caxias para Santa Cruz. Na caçamba de um caminhão de areia, eu segurava os poucos móveis e cruzava até o fim a Avenida Brasil pela primeira vez. O sentimento ainda não era de admiração. Estava revoltado com a ideia de deixar os amigos da Chacrinha e não entendia como meu

padraço tinha dado o fusquinha e o revólver 38 em troca de uma casa no Cezarão. Foi num final de tarde que o Cezarão nos recebeu.

Na laje do Cezarão, o pôr do sol vem cor de ouro avermelhado ao longe e acompanhado de sons de crianças brincando e de bife na frigideira. É o melhor pôr do sol da cidade do Rio de Janeiro. É tragante a ponto de você não conseguir nem aplaudir. As mais de cinco mil casas do conjunto começam uma a uma a acender suas lâmpadas. O ponto de ônibus recebe de volta aqueles que foram atrás de sustento. Outras crianças amarram linha em pedaços de meia, galhos de árvores e notas de dinheiro, puxando e assustando quem passa perto.

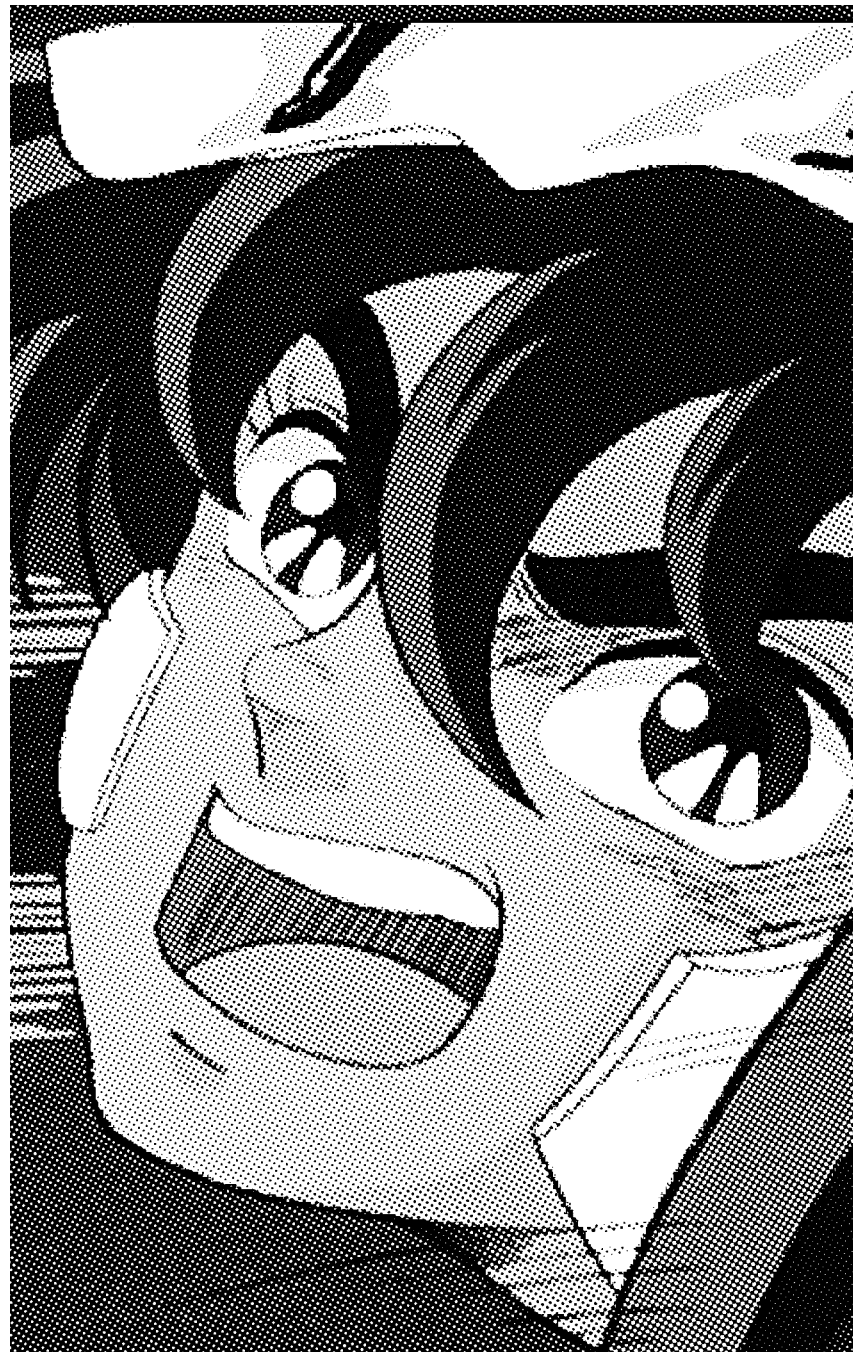
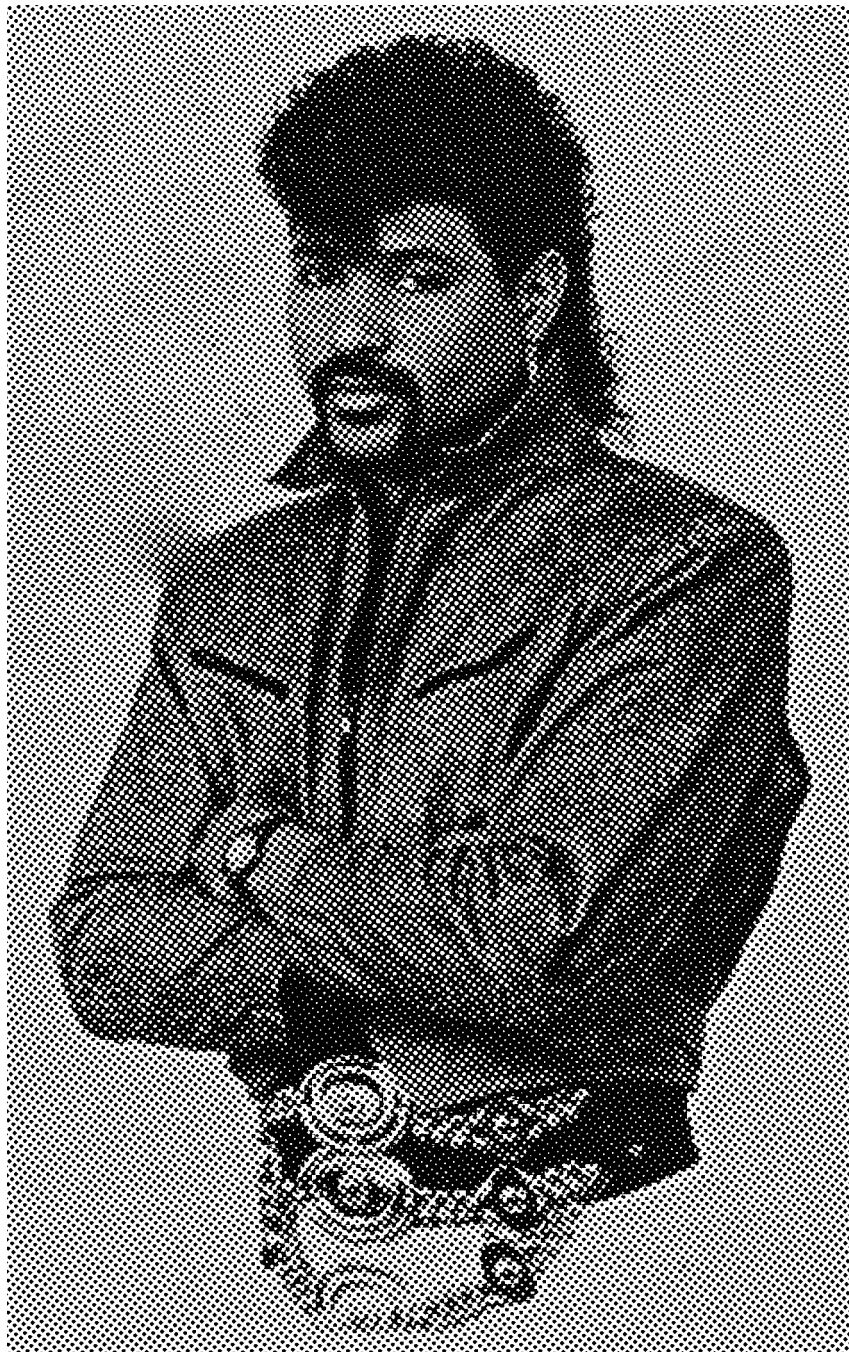
Com um pouco de sorte, os moleques podem até ganhar um trocado de quem eles acabaram de mexer. É dessa maneira que o dinheiro da Zona Sul carioca chega às mãos de um moleque de Santa Cruz. O moleque pensou o dia inteiro neste momento.

Comecei a prestar atenção em pôr do sol muito novo, quando minha mãe me colocou num colégio interno em Paquetá, onde cada menino tinha o nome pintado na própria roupa. Final de tarde era hora de olhar pela janela e sentir o cheiro do mate fervendo e ir em direção ao refeitório, para beber o mate e comer o pão com manteiga tostado direto no garfo. Foi durante um pôr do sol que meu avô me tirou desse colégio interno.

O pôr do sol é a melhor hora do dia.

Economia

Para garantir a minha circulação pela cidade, criei uma economia muito particular. Uma estratégia simples. Quando tinha emprego ou trabalho, investia tudo em livros e discos. Gostava de comprar nos camelôs de vinil da 13 de Maio, na Cinelândia. Foi ali que comprei o Sub, uma das primeiras coletâneas de bandas punk do Brasil. Era uma capa vermelha, apenas com a



palavra “Sub” escrita com letras quadradas. Sub passou a ser minha palavra preferida. Sentia-me incluído nela.

Corria os sebos atrás de livros. Perdi a conta de quantos *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes, eu comprei para dar de presente às possíveis namoradas.

Desempregado ou sem trabalho, percorria essa mesma geografia vendendo essas mesmas mercadorias, por um preço significativamente inferior. O único vinil que não conseguia vender, sempre rejeitado, foi o do Daminhão Experiência. Por mais importante que fosse o livro ou o disco, eu não titubeava em vendê-lo quando precisava de dinheiro para ir a um show.

Sofistiquei a minha estratégia quando era estudante de teatro. Parava nos sinais de trânsito do centro da cidade e abordava os carros, dizendo que era estudante de teatro e que precisava de uma colaboração para me manter vivo como artista. Minha meta era arrumar mais ou menos o que equivale hoje a R\$ 18,00. Isso dava para garantir a passagem, um almoço, as cópias de textos teatrais e um bom porre de cerveja na Praça da Cruz Vermelha, às sextas-feiras.

Assim, passei a mapear o centro do Rio de Janeiro de acordo com as minhas possibilidades de sobrevivência. Invariavelmente, comia em pé numa padaria da Rua da Carioca que oferecia um prato feito num prato de sobremesa. Era a minirrapidinha. Você podia colocar tudo o que coubesse naquele prato.

Estas situações me fizeram ter uma relação especial com livros. O primeiro deles foi *O homem que calculava*, de Malba Tahan, apresentado por um professor de matemática da sétima série na sala de aula. Certa vez, trabalhando de Papai Noel no Carrefour de São Gonçalo, garantindo a caracterização do personagem com espumas dentro da roupa, reconheci esse professor. Num breve lapso emocional, abordei-o com entusiasmo. E ele ficou surpreso em ouvir da boca do bom

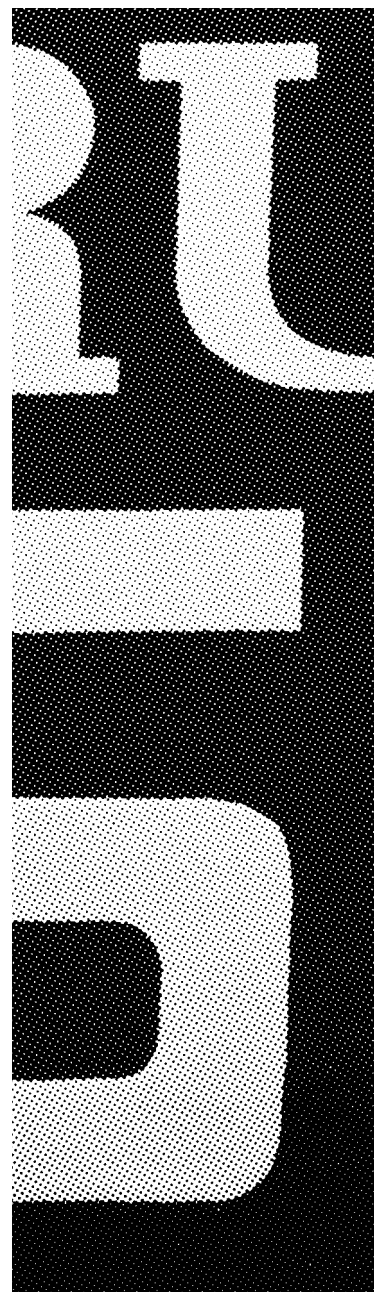
velhinho que tinha sido seu aluno e que suas aulas tinham sido decisivas para me tornar quem eu era.

É muito provável que ele tenha ouvido essa frase de maneira confusa. Imagino que não desejava aquela profissão para nenhum de seus alunos. Ele nunca imaginaria que aquele trabalho me traria a grana que me bancaria o verão inteiro. Entre uma risada e outra, eu só fazia contas. A força que me fazia querer ser inteligente era trágica, me movia para frente até mesmo parado.

Visões com o Bé

Toda a região do Passeio, Lapa e Lavradio é cercada de visões. É o terreiro de encontros com os espíritos literários que já habitaram a cidade. É fácil encontrar, perambulando pelas imediações, o Bandeira e sua tuberculose caminhando ao longo dos Arcos. Embaixo dos Arcos da Lapa, já experimentei algumas de minhas melhores visões. De segunda a segunda, Bé e eu guardávamos algum dinheiro para a cerveja, que tomávamos sentados embaixo dos Arcos. O Bandeira aparecia para nós entre punks, moleques de rua, vendedores ambulantes e trabalhadores da Light mergulhados em bueiros. Nunca sentou ao nosso lado, mas estava sempre à espreita, no beco.

A visão mais curiosa foi a que juntou Seiya de Pégasus, personagem dos Cavaleiros do Zodíaco, com o corpo de um punk que dançava na Joaquim Silva. Um cenário invadiu minha cabeça: imaginei todos os punks ali presentes vestidos com as armaduras de cavaleiros cantando *Take My Breathe Away*. Era para isso que servia nossas visões na Lapa. Misturar o que ninguém misturava, para no dia seguinte, de volta à Rua 50, contar para o Damascena, num de nossos papos sobre viver.



A Tuberculose e o cinema para um ex-menor do Banco do Brasil da Primeiro de Março

Resolvi andar mais rápido e pedalei a ponto de não sentir mais o esforço. Era a minha única folga no cemitério e nem a chuva me tirou a ideia de cruzar as ruas do Cezarão de bicicleta. Pedalava ouvindo a fita cassete do fascículo 1 do curso de inglês, comprado na banca de jornal do Seu João. A voz feminina, parecida com a de elevadores do centro da Cidade, anunciava a *lesson one*. A fita e o *walkman* haviam consumido a maior parte do meu salário da semana. Era certo que teria que vender meus vales-transporte daquele mês no Largo da Carioca para os trocadores de van. Perderia 20 por cento do valor, mas dinheiro no bolso é dinheiro no bolso, não é papel. Eu precisava do dinheiro para fazer coisas que organizassem a minha cabeça. Os enterros eram impactantes a ponto de derrubar o Seiya de Pégasus que considerava ser. Trabalhava em pé, de terça a domingo, numa cantina em frente a seis capelas assistindo aos mais diversos tipos de enterros. Algumas vezes virava a noite em serviço ouvindo choros, vendendo cigarros, cafezinhos e fazendo alguns mistos-quentes. Conversava pouco, ouvia demasiadamente e pensava em coisas acontecidas. A cabeça, que minha mãe

já havia pedido que fosse rezada na época dos pesadelos, ficou maior do que o resto do corpo. Os procedimentos que criei para suportar o trabalho cotidiano diante da morte eram todos para a cabeça. Minha folga tinha que ser espetacular. Não estava mais disposto a dormir o dia inteiro, como havia acontecido nas primeiras folgas deste emprego. Era comum, nestas folgas, como forma de trabalhar a cabeça, eu tentar imitar cenas de filme apenas para mim. Enquanto pedalava, uma ligeira dor no pulmão desviava a minha tentativa de imitar uma sensação cinematográfica que me fizesse agir como um personagem de filme sobre subúrbios europeus e fazer o dia ter sentido. Era a segunda vez que eu a sentia, mas o foco da estratégia era a cabeça, não o corpo. Percebi que esta segunda-feira estava perfeita para o argumento: “Jovem que não estudava mais, morador da periferia, trabalhando em cemitério e com folga apenas nas segundas, pega a bicicleta, mesmo sob forte chuva e sai pedalando pela comunidade com *walkman* ouvindo a aula de inglês.” Pedalei quase a tarde inteira, o que fez a dor no pulmão aumentar muito. Naquela mesma noite, a dor seria acompanhada por febre e suor. O cobertor tipo carne seca da rua da Alfândega ficou ensopado. Era a tuberculose que tinha chegado e seria minha companheira durante os próximos seis meses. A minha habilidade para descer escadas correndo, desenvolvida quando era menor auxiliar do Banco do Brasil da Primeiro de Março e tinha que distribuir relatórios e cheques pelas seções e guichês deram lugar a um passo lento, acompanhado pelas fisgadas de dor no lado esquerdo do pulmão, na escada da casa da Rua 50 metade azulejada, metade vermelho.

A Tuberculose e o Cemitério do Caju

A notícia do médico acabou com o espetáculo íntimo que eu fazia de mim mesmo trabalhando no cemitério. Para suportar os sete dias da semana de trabalho no Caju e mais duas horas em média de viagem entre o trabalho e a minha casa,







eu desenvolvia minha relação com o dispositivo cinematográfico. Largava o Cemitério e corria para o cinema. Ia sempre às sessões do CCBB, porque eram mais baratas e mantinha a minha relação com o prédio. Justificava o emprego poder ir ao cinema, sair de casa para morar numa vaga, comprar livros em sebos, conversar sobre cinema no Zumbi Bar. Estava decidido a ficar bom e a possibilidade de ficar uns meses em casa sem trabalhar recebendo salário fazia a tuberculose parecer uma coisa boa. A grana garantia os remédios e os alimentos, que o médico orientava sentado na cadeira de ferro. Perguntei de que lado do pulmão era. Esquerdo, ele respondeu. Fiquei mais corajoso com essa escolha do bacilo. Era o lado dos poetas. Estava impactado na época com um vinil que eu tinha do Sérgio Cardoso recitando Álvares de Azevedo e sabia que sua tuberculose tinha sido do lado esquerdo. E foi assim: venci os seis meses de febre nos finais de tarde lendo trechos do Proust que tinha comprado no sebo do Prédio da Avenida Central. Fiz da minha tuberculose meu pacto com a literatura. Decidi ler o Proust por ser tão difícil quanto a doença. Várias vezes tive que voltar a página e ler outra vez. Só não era mais difícil que tomar os comprimidos vermelhos antes das refeições. Pareciam, de tão grandes, com os exércitos maiores do WAR. A grana do salário do cemitério me ajudou a comprar os livros, além da comida. Tudo mantido dentro da Lei pelo meu patrão, “o Português!”, como gostava de ser chamado.

O Português

Os portugueses devem ter experimentado algum tipo de delírio quando descobriram a vista de Santa Teresa em direção à Zona Norte. Imagino que a Mata Atlântica diante dos olhos deles produzia o mesmo efeito que o mangue em Caxias produzia em mim quando tentava pegar passarinho com meu estilingue.

Lote no centro da cidade

No decorrer dos anos, adquiri o hábito de caminhar quando quero pensar sobre algo. Independentemente do lugar em que esteja morando, repito o mesmo ritual para tomar uma decisão. Quando a cabeça está maior que o corpo, canso o corpo para equilibrar as coisas.

Caminho por todo o centro da cidade: Alfândega, Largo da Carioca, Cinelândia, Candelária, Praça XV, até chegar ao Palácio Gustavo Capanema. Gosto de cruzar aqueles pilotis e sentir o vento ba-tendo na cara. É tão bom como pedir um guaraná Convenção e um cachorro-quente na praça do Curral Falso, em Santa Cruz.

Descobri recentemente que Nietzsche dizia que devemos pensar andando, o que me encorajou a transformar esse hábito em discurso pessoal. Em determinadas ocasiões, cheguei a passar pelo Capanema várias vezes no mesmo dia. Sempre que passo por aquele lugar, imagino algum tipo de ocupação. Ali já conversei com Simplício, o míope físico e moralmente do Joaquim Manuel de Macedo. Discorremos sobre a utilidade da sua luneta mágica nos tempos atuais.

Quando exausto, sento encostado no pilotis e espero o tempo passar. Ali é o meu lugar no centro do Rio de Janeiro. Todo carioca deveria ter direito a um lote imaginário no centro da cidade, onde seria o lugar mais apropriado para pensarmos no sentido de ser carioca. É como uma homilia sem sermão. Um nirvana sem exercício espiritual.

Com um pouco de sorte, você recebe uma lufada de ar que te faz cerrar os olhos brevemente e cria uma situação literária ideal para narrar o acontecido. Imagino ser assim também no coração de outras civilizações. Deve ter uma pilastra em Jerusalém ou em Nova York que reorganize o sentido de alguém.

Imagino que esta relação com o Capanema aconteça por ele carregar o carma de ter sido construído nos arredores do finado Morro do Castelo, a primeira favela a ser removida do Rio de Janeiro.



Angu de milho juntou Trotsky e Fitzgerald na banca do Largo da Carioca

A velha mochila jeans, com mancha de tinta de caneta estourada, abrigava minha única refeição. Dentro do pote térmico verde-musgo da *Tupperware*, estava o angu de milho doce, com canela em pó na superfície, feito pela dona Creuza. Não perdia nem para o saquinho de leite distribuído nas escolas públicas na época do Brizola, nem para o macarrão com carne moída parecida com comida de cachorro que garantia a minha presença no Ensino Fundamental. Seu único rival era o sacolé de Nescau.

A mochila, toda rabiscada com trechos de “Este lado do paraíso”, de Scott Fitzgerald, dividia espaço com o símbolo da IV Internacional. Ali era o único lugar do mundo onde americanos e comunistas conviviam pacificamente durante a Guerra Fria. Não sei dizer exatamente como, mas para mim havia uma ligação univitelina entre Trotsky e Amory Blane, personagem principal do livro de Fitzgerald.

Algumas vezes, o angu derramava dentro da mochila. A minha preocupação maior não era com as fotocópias que carregava para ler. Era com a possibilidade de o angu sujar os trechos do livro na mochila.

Ter uma mochila toda rabiscada era como ter uma roupa de marca. Dentro do ônibus ou dentro do trem, colocava a mochila de modo que o passageiro ao lado conseguisse ler o que estava escrito. Eu queria ser um outdoor tanto do charmoso ceticismo burguês do Amory Blane quanto do charmoso espírito revolucionário trotskista. Se você não tem isso na sua juventude, você está morto.

Apesar de tudo à minha volta propor a minha morte, eu queria estar vivo. Era como se a mochila fosse um livro de autoajuda, que eu lia para me encorajar. Ela só perdia para a banca do Largo da Carioca, que expõe mapas do Rio de Janeiro e do Brasil para os transeuntes. Diante dos mapas, eu pensava nos meus possíveis futuros. Se nada desse certo, de tanto andar pela cidade, eu poderia ser um bom motorista de táxi.

Ao comer o angu de milho doce, as incertezas davam lugar à coragem trotskista e à perspicácia fitzgeraldiana. Assim, eu olhava o mapa dos bairros do Rio de Janeiro exposto na banca e ia renomeando a cidade. Santa Cruz passei a chamar de um mar de possibilidades e Ipanema, de talvez. Se me restar o táxi, oferecerei corridas grátis para a primeira menina bonita que escolher este trajeto.

Diálogos com o padrasto

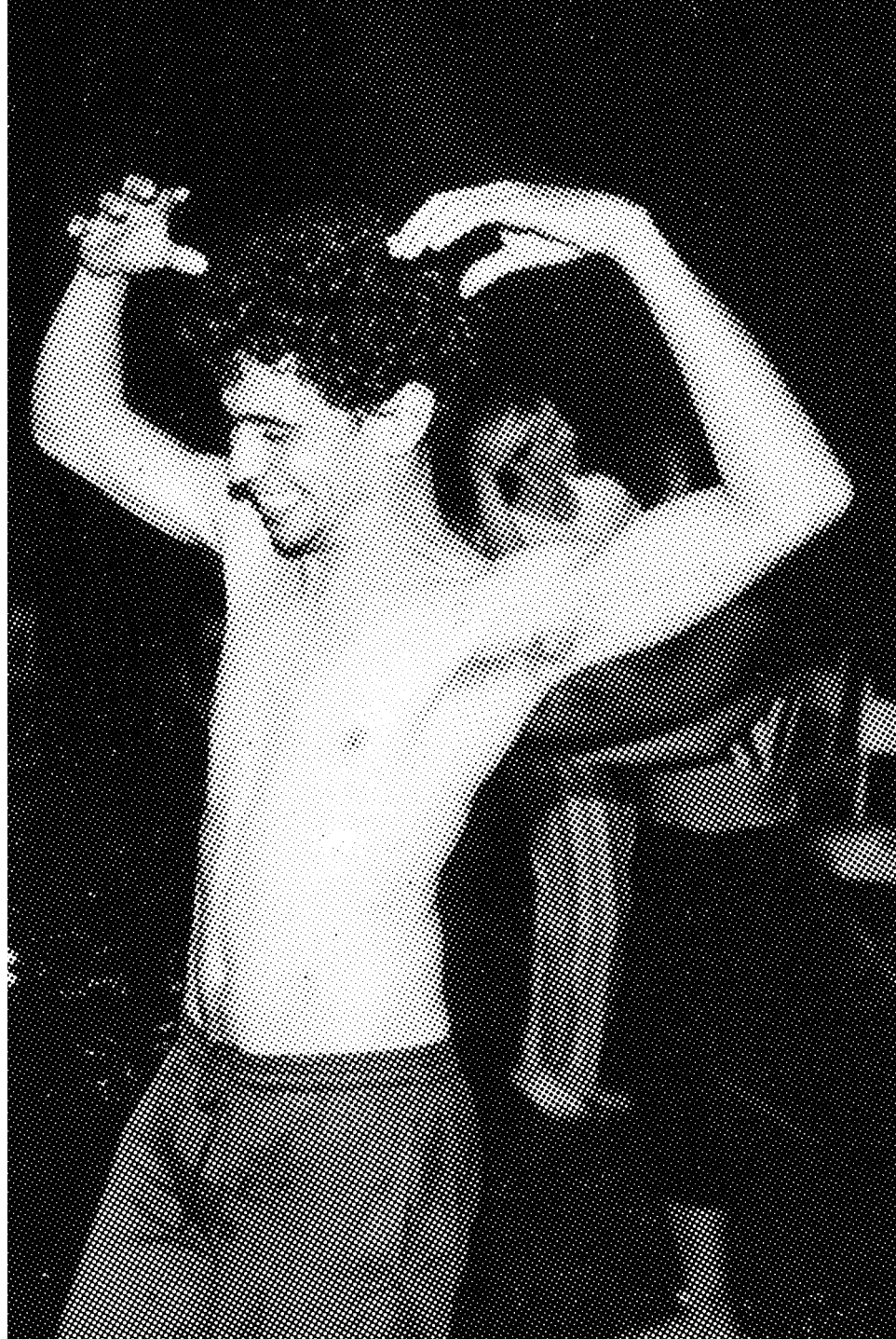
Durante dois anos, convivi na pequena casa do Cezarão com meu padrasto sem falar com ele. Eu sentava à mesa, na frente dele, e ele dizia para minha mãe. “Mande seu filho passar manteiga no pão direito.” E minha mãe repassava as orientações em seguida. Eu pegava a faca e esfolava o tablete de Doriana e respondia: “Mãe, diz pra ele que ele não manda em mim.”

Quando precisava saber como chegar em algum lugar do Rio de Janeiro, perguntava à minha mãe. Ela subia as escadas e o consultava na cama, onde ele estava repousando depois de uma noite trabalhando como vigia. Foi dessa maneira que aprendi o melhor caminho para chegar ao Rocha.

Era lá que estavam escondidos os miguelitos que eu teria que jogar nos pneus de ônibus, na greve geral de 1988. Mas isso ele não podia saber. Durante esses dois anos, quando precisava saber onde ficava algum lugar da cidade, repetia a operação. Mesmo sem falar comigo, meu padrasto me ensinou a andar pela cidade.

Os piores momentos, entretanto, foram nos dias de Natal. Depois de um cumprimento, só me restava sentar em frente à TV e assistir, calado, à reprise dublada de *O mágico de Oz*, típica dessas noites. Voltamos a nos falar sem um momento de reconciliação. O cansaço nos venceu.





Excesso de realidade

Nunca gostei do excesso de realidade presente na boca dos arautos que falam sobre o Rio, seja em mesa de bar, entrevista de canal a cabo ou seminário de universitárias charmosas. Na cidade, eu procuro a ficção.

Não se trata de inventar histórias, nem de negar-se ao mundo, aos objetos e às relações formativas desta civilização carioca. Trata-se de fruir, de buscar ao longo do dia o direito a esse instante. Ele é possível até mesmo sob o sol a pino, quando você é um camelô e arruma fileiras amarelas e vermelhas de bombons *Serenata de Amor* sobre a lona de plástico azul na calçada, imitando a vitrine da loja de roupa de grife atrás.

Neste momento, você deve negar-se a qualquer entendimento sociológico da vida deste rapaz que produza compaixão, pois logo em seguida ele vai oferecer três bombons por um real com uma voz anasalada, num pregão que lembra o negro que vendia cocada em *Dom Casmurro*. Ele sabe que a forma de executar o pregão é decisiva para que você compre ou não o bombom. Mesmo sem ter lido Machado, ele já se apropriou das estratégias de ficção.

Quando comecei a perceber que essa estratégia do camelô funcionava, decidi treinar estratégias de ficção com as pessoas com as quais convivia. Gosto de ver a reação desse

indivíduo carioca diante de quem faz uso de estratégias ficcionais. Não resisto a uma roda na rua, principalmente as do Largo da Carioca. Paro sempre para ver o tipo que ameaça pular no aro de bicicleta com facas espetadas para a plateia de office-boys e transeuntes diversos. Ele nunca pula, mas seus gestos e o seu tom de voz são decisivos no atraso de documentos de escritórios no centro da cidade.

Não é fácil negar-se ao excesso de realidade. É preciso treinamento. Gosto de treinar no carnaval. Gosto de ir a Oswaldo Cruz. Ligo minha câmera e fico sentado no meio-fio esperando a performática saída de quase cem bate-bolas de um pequeno portão de chapa de aço. Eles desfilam cores, bexigadas furiosas no chão e sons incompreensíveis.

Melhor mesmo é estar dentro desse grupo, usando uma dessas fantasias e participando dessa saída explosiva. De dentro da máscara, nada ao redor é realidade. Você escolhe como contar. Melhor mesmo é deixar se levar pela fruição e embarcar, executando boladas e os mesmos sons incompreensíveis.

Entretanto, num carnaval que não me lembro ao certo, decidi enfrentar a realidade. Com jeans e camiseta, coloquei uma máscara de bate-bola e parti de Santa Cruz em direção ao centro da cidade. Não a tirei nem mesmo nas baldeações que tive que fazer. Ficar escondido sob a máscara era tão encorajador que me fazia pensar em coisas extraordinárias para a minha vida, apesar do medo, denunciado por minha respiração, de ser confundido no ônibus com um bandido.

Na hora de descer, posicionei o meu rosto no espelho retrovisor do centro do ônibus e vi a máscara. Gostei do que vi. Não se trata de viver algum personagem. Trata-se de poder entregar-se à fruição. De não se preocupar com as reações faciais que você terá de fazer ao encontrar pessoas. No Rio de Janeiro da ficção, a liberdade é total.

Maclei

De todos os moleques vendedores de bala do centro do Rio de Janeiro, Maclei se destaca. Cabelo cortado rente ao couro cabeludo, com uma divisão feita à máquina, ele oferece balas com voz suave e com um olhar fixo.

Se você não conclui a compra, ele saca de sua mochila uma caixinha embrulhada com papel presente, onde se pode ler I.C.D.F. Ao perguntarmos o que significa, ele dispara: “Instituto do Cavalheiro com Deficiência Financeira.”

A tirada é surpreendente e revela arrojada inteligência. Não resta outra coisa a não ser colocar uma moeda na caixinha. Conversando com ele, você descobre que Maclei prefere ganhar as moedas a realizar a venda dos chicletes. O dinheiro da caixinha, segundo ele, é para os seus passeios de domingo. O do chiclete é para ajudar em casa.

A estratégia é fruto de uma negociação com a mãe. Ele só volta para sua casa, numa comunidade perto de um CIEP em São Gonçalo, quando garante o passeio de fim de semana.

Alguns minutos depois, você é abordado por um garoto menor. Ele também oferece chiclete, mas por pouca experiência já deixa a caixinha à mostra. O que temos agora é o I.G.D.F. Na explicação de voz fina e olhar disperso do menino, revela-se o Instituto do Garoto com Deficiência Financeira.

É só abrir um sorriso para que a gente descubra que são irmãos e que se trata de uma estratégia familiar. Enquanto muitos cariocas têm medo da abordagem desses meninos, eles estão reinventando a nossa língua.

Caixa

A profissão que mais respeito é a de caixa de supermercado. Quando vou ao supermercado, sempre puxo um papo na hora de pagar. Até hoje, esta é a profissão que dá abrigo às



nordestinas que vêm tentar a sorte na cidade grande. É preciso ter respeito por essas mulheres.

Apesar dos designs cada vez mais atrativos e da presença dos dispositivos eletrônicos nos supermercados contemporâneos, o espaço que lhes resta não é nada sofisticado. Muitas vezes são submetidas até mesmo a humilhações. Em alguns casos, elas sempre têm por perto um fiscal, que mais parece um capataz pronto para virar capitão do mato .

Num sentido oposto a esse cenário, gosto de flagrar o sorriso delas nas conversas que entabulam entre si. Meu projeto de amor perfeito, durante grande parte de minha juventude, foi um dia encontrar uma caixa da Mesbla que gostasse de cinema francês.

Também gosto do modo como elas usam brinco. Entre as bijuterias usadas, há uma variação especial de brincos nas caixas de supermercado. Quando garoto, não entendia por que as meninas usavam brinco. Passei a entender com elas, as caixas de supermercado. Acredito que elas queiram se apresentar bem para o freguês, independente dos uniformes.

Quando chegou ao Rio de Janeiro, o primeiro emprego de minha mãe foi o de caixa de supermercado. Ainda lembro dos brincos que usava.

Etiquetas

Só consegui circular pela cidade, porque passava despercebido. Em Paciência, eu e meus amigos fomos uma vez parados pela polícia. Só um deles tomou tapa na cara. Ele era negro. Eu era invisível. Era como se eu não estivesse ali.

A vontade de ser visto me fez encomendar etiquetas de marcas para costurar no lado externo de minhas roupas: Cyclone e Company eram as minhas preferidas. Quando chegava a época de Natal, eu já tinha juntado uma quantidade maior do que as possíveis roupas que ganharia.

Coloquei etiqueta da Cyclone até em sandália, o que configurava o flagrante delito. Pelo menos naquela época a Cyclone não vendia sandálias. Ao entrar em alguma repartição ou prédio da cidade e perceber que alguém olhava desconfiado, colocava a etiqueta bem à vista, para demonstrar que era bem-apegoado.

Foi assim que fiz quando fui bater um prato na casa de um amigo secundarista tijucano. Tive vários amigos tijucanos que me deram guarida. Quando o porteiro me olhou de maneira estranha, me debrucei na mesa de modo que a etiqueta costurada no bolso da camisa de botão fosse lida por ele. O cômico é que era uma camisa de escola, com um brasão do Rio de Janeiro no bolso ao lado da etiqueta costurada.

De alguma maneira, eu reconhecia os momentos em que devia ser notado e aqueles em que devia passar despercebido.

Maritacas de Santa Teresa

No filme “Um homem sem importância”, em que Vianinha faz um cara da periferia que não cabe mais dentro de si, há uma sequência em que ele está em Santa Teresa com um grupo de jovens meio hippies, meio toda-tentativa-de-se-mostrar-a-leveza-daquela-geração. Vianinha não consegue se integrar a esse espírito dos jovens que acabou de conhecer, e, pensativo, observa a vista de uma Zona Norte solar que divisa do alto do morro.

Na rua Aarão Reis, há uma casa que já foi de um cineasta, com duas vistas particulares de Santa Teresa. Uma delas a mostra para dentro: tranquila, com casas erguidas ao longo de várias décadas, que produzem uma sensação nostálgica no olhar. No centro dessas casas, ergue-se um hotel. Ele abrirá espaço para os gringos que buscam uma idílica mistura de Rio de Janeiro e Veneza em pleno século XXI.

Esses gringos se deslumbram no passeio de bonde, mas são incapazes de pensar nos negros que andam em pé, para não pagar a mesma viagem em que esses turistas buscam epifanias no final da tarde. Fico imaginando o anúncio de Santa Teresa em outros países: venha se perder em Santa Teresa!

Do outro lado da casa, a mesma vista de Vianinha apresenta diante de nós um Rio de Janeiro profundo: a Igreja da Penha, que subi para pagar promessa; as torres de Campos Elíseos, queimando combustível noite a dentro; e um mar de favelas: Mineira, Catumbi, Providência, Mangueira, Complexo do Alemão.

Ao carioca que um dia puder desfrutar dessa vista, sugiro que o faça numa quinta-feira à noite, onde poderá ver, desse mesmo lugar, um grupo de garbosos jovens negros. Eles sobem a Aarão Reis de volta a suas casas na favela entoando, junto com moleques menores, cantos de capoeira. Quase na mesma hora, subirá lentamente uma senhora velha, negra, com peitos do tamanho de um peito de uma mulher na cena de um filme de Fellini, com o pé que, de tanto andar, cresceu para os lados.

Se isso não o sensibilizar, vá a este mesmo local num sábado de manhã e veja um grupo de crianças, todas elas com uniforme de um time de futebol, descendo a Aarão Reis segurando uma corda que os une. Elas entoam gritos de guerra puxados por um negro magro, de pouco cabelo. Apesar de explodir carinho em seus olhos, cobra muita disciplina no caminho.

Esta é a Santa Teresa que dialoga com a Santa Teresa dos gringos, artistas e playboys. O jeito de pular dentro do bonde é mais bonito do que o pular do bonde com que Gilberto Gil homenageou um rapaz da Bahia que usava calça americana.

Ao lado desta mesma casa, uma árvore de galhos secos serve de entreposto para as maritacas que rumam em direção ao mar nos dias que precedem chuva. Elas disputam

espaço com as cigarras, que cantam até explodir nos finais de tarde. Esta Santa Teresa que me abrigou é tão generosa que aceita o mesmo samba ser executado pelo bêbado que volta para casa, todo sábado à noite.

Japão

Não sei dizer exatamente como, mas pensar sobre o Japão ocupou minha cabeça durante grande parte da adolescência. A China, eu sei exatamente como entrou. As pastelarias chinesas espalhadas pelo centro do Rio me salvaram várias vezes. Além disso, a China era comunista e eu gostava de exaltar o Exército Vermelho de Mao Tsé-Tung. No WAR, dominar a China antes de qualquer outro território era decisivo quando o objetivo incluía conquistar a Ásia.

A localização no mapa sempre desfavorecia o Japão nas rodadas do jogo em cima da laje de uma das casas da Rua 50. A relação com a China ficou tão desproporcional com a do Japão, que cheguei a ler um livro dessas coleções de banca de jornal encontrado na quitinete de uma de minhas tias. O livro, que contava a saga de uma família chinesa em meio à fome, se chamava *A boa terra*. Não conheço ninguém que o tenha lido.

A China foi mais impactante em minha cabeça, pois conheci o Japão nos seriados que via na TV preto e branco lá de casa, que só depois teve tela tricolor. As peripécias dos toscos monstros lutando com *Spectreman* concentravam meus olhos na TV depois de chegar da escola. Saber de cor as falas e os golpes da luta entre os personagens eram decisivos para o recreio da escola no dia seguinte.

Um dia, prestes a fazer 17 anos, num final de passeata do movimento estudantil, conheci uma nissei. Foi arrebatador. Transei com ela na escadaria do metrô da Afonso Pena. Não perguntei nada sobre o Japão, mas decididamente ele venceu a pelega de meu imaginário. Fui para Santa Cruz de trem

às seis da manhã, depois de dormir mais uma vez no banco do Hospital Souza Aguiar. Na Central do Brasil, tomei um caldo de mocotó. Na estação de Inhoaíba, tive que sair do trem para vomitar. Era muito para uma mesma noite.

Nunca mais vi a menina, e passei a procurar, por indicação dela, filmes de um diretor que filmava de cócoras: Ozu.

Guaratiba

O que determinou o meu ensaio para o sexo foram os filmes franceses. Não foram as transmissões carnavalescas da madrugada da Manchete e da Band, nem os filmes de sacanagem da Cicciolina.

Curiosamente, o primeiro filme francês que vi se chamava *A noite americana*. Vi na casa de uma namorada da Ilha do Governador, que tentava me impressionar com seu acervo cultural — entre discos, livros e VHSs. Fiquei sabendo que ela fazia isso com todos os rapazes de seus breves namoros. Um de nós chegou a tomar um litro de álcool em protesto contra o fim do namoro com essa arrebatadora guria, que dizia que sexo bom tem cheiro.

Como ela, o filme do Truffaut foi arrebatador. Até aquele filme e aquela mulher, sexo era muito funcional para mim. Era comer uma gostosa. Truffaut me apresentou a *mise-en-scène* do sexo. Passei a ler jornal nas bancas procurando filme francês e convidava toda menina para assisti-los. Não era ver para imitar. Gostava do tom de voz dos diálogos intelectuais que precediam as cenas de sexo.

No trem, a cabeça construía uma diegese singular: “imagina se aquela mulher ali sentasse do meu lado e me falasse coisas incríveis e depois fôssemos para o motel!?” Creio que o meu gosto por leitura foi absolutamente influenciado pela possibilidade de encontrar-me numa situação dessas dentro de um sebo do centro do Rio.

Passei a sair de Santa Cruz para frequentar sessões e mostras de cinema que quase não tinham ninguém. No início, a minha estratégia era convidar o objeto de sedução para essas sessões. Isso não deu muito certo. Comecei a ouvir de algumas meninas que eu era um cara diferente. A estratégia mudou. Procurei conhecer meninas nessas sessões de cinema.

Os amantes da ponte Neuf, de Leos Carax, foi o esplendor dessa estratégia. No início da sessão, eu era o único espectador. Ao sair do pequeno cinema do Museu da República, fui abordado por uma voz rouca, mas suave. “O que você achou do filme?” Naquele momento, ficou provado que Deus existia e que a vida, mesmo para um moleque da periferia, pode ser tão incrível, ácida, intempestiva, sexy e irônica, como foi para o Amory Blane, personagem de *Este lado do paraíso*, de Scott Fitzgerald. Eu me senti vivendo um prazer burguês sem um centavo no bolso.

O papo sobre o filme me rendeu a descoberta de que ela também era moradora da periferia e que era acusada de ser diferente por gostar de filmes esquisitos, livros esquisitos, músicas esquisitas e roupas esquisitas. Para coroar essa experiência literária deste momento da minha vida, ela também morava em Santa Cruz.

Começamos a andar juntos pela cidade. Guardei minhas pretensões sexuais para um momento mais adequado. Levei-a para andar na minha rua preferida — a Rua do Lavradio. Tinha lido, numa clínica de olhos quando fui entregador de lentes de contato da Bausch-Lomb, que um dos prédios da Rua do Lavradio era um marco da arquitetura moderna. Sabia também que aquela tinha sido uma rua de muitos teatros. Gostava de levar as meninas ali e falar com propriedade sobre isso e enveredar pela época de João do Rio, terminando com o significado da palavra francesa flunar. Ela não era boba — e também tinha suas estratégias. Num dos encontros, apresentou-me Clarice. Foi arrebatador.



Mas a vida é dura para um jovem da periferia. E aquela menina linda, magrinha, pequena, com os ilíacos pontudos, teve que arrumar um emprego. Foi trabalhar no McDonald's da Barra da Tijuca, e nossos encontros se tornaram menos frequentes. O sexo existiu, mas ainda não tinha sido à altura da experiência que foi conhecê-la.

Marquei de pegá-la na saída do trabalho depois de um papo meio duro, truncado, em que fiz críticas severas ao McDonald's durante um encontro casual num dos quiosques da pracinha da igreja do Curral Falso. Fui buscá-la no meio da tarde e pegamos o ônibus tipo frescão, que fazia o caminho Castelo/Santa Cruz. O ônibus estava vazio. Estrategicamente, propus ficarmos no último banco.

Para tirar o cheiro de gordura da chapa em que trabalhava, ela ensopava de creme rinse o cabelo meio louro, meio preto. Dentro daquele ônibus a caminho do Cezarão, o cheiro da mistura de creme rinse com gordura e o sol batendo no último banco eram a nova forma de fazer filme francês. Depois de lambuzar minha mão em seu cabelo, segurei-a nos ilíacos e achei engraçado a palavra "Guaratiba", que li rapidamente numa placa do caminho. O desenho da sua cervical nas curvas parecia encenado para um plano/sequência.

Nunca mais nos encontramos.

Posto de gasolina

Trabalhar em posto de gasolina, em loja de conveniência, já foi uma atividade desejada por rapazes pobres desta cidade à procura do primeiro emprego. Trabalhei em um posto de gasolina mais ou menos como frentista. Era entre a Lagoa, o Leblon e a Gávea. Tinha o nome do meu time, Flamengo. Vinha de Santa Cruz trabalhar. Era um frentista que não colocava gasolina. Apenas acompanhava o cliente, dando-lhe instruções precisas e decoradas.

Era um teste da Esso no Brasil para tentar colocar aqui o incrível modelo americano de abastecimento e serviços afins ao consumidor. Eu particularmente não suportei esta novidade, pois, apesar do novo modelo, no segundo dia de trabalho eles me colocaram para lavar o símbolo da Esso, que era gigante e ficava na entrada do posto. Foi humilhante para um rapaz que já tinha se engajado nas lutas anticapitalistas das ruas desta cidade.

Nunca mais voltei para o posto e ganhei um singelo anúncio de abandono de emprego nos classificados de domingo do jornal *O Dia*, que era uma leitura obrigatória nos domingos em que tinha dinheiro para comprar galinha viva no galinheiro e jornal. Foi uma das coisas que creio ter sido importante além da necessidade para eu ter gosto pelo trabalho, como diz minha família.

Mesmo quando empregado, ainda leio todo domingo a parte de emprego.

Madureira

Juntei dinheiro durante quase um ano. Era 1991. Passei na loja de instrumentos musicais em frente à estação de Madureira quase todos os sábados daquele ano paquerando aquela bateria. Falava com propriedade de um tal de samba-jazz, mesmo sem saber tocar. Sábado por volta das onze horas pegar o trem e por vezes tomar um picolé Dragão Chinês e por outras um mastigar Gamadinho era o que embalava a contagem regressiva das estações até Madureira. A cada sábado, eu fazia ao vendedor as mesmas perguntas: quanto custa, quantas vezes parcela? Nestes quase 300 dias de espera, vi evangélico comprando bateria, vi o Neguim deixar de dedilhar o antebraço e comprar sua primeira guitarra Gianini com o dinheiro dos motores de fuscas que consertou. Naquele ano, Madureira era uma obsessão.

No trem, cheguei a paquerar uma menina que fazia curso preparatório para as Agulhas Negras num salão em cima da loja que vendia a minha bateria. Jenifer gostava de conversar sobre as miniaturas que colecionava na penteadeira herdada da avó, penteadeira que só começou a gostar quando colocou as miniaturas em cima. Na saída do preparatório, ela mergulhava em Madureira atrás de miniaturas. Para impressioná-la, algumas vezes paguei-lhe um pastel e um caldo de cana. Durante todo esse tempo, não ouvi um único samba em Madureira. Nas peijas de pregões entre camelôs e locutores de lojas, nunca ouvi um samba. Suspeitando da eleição de Madureira como um lugar de uma certa ingenuidade poética, onde o jongo e o samba parecem ser sempre





cantados numa cadência triste de um rio que passou em nossas vidas, criei a percepção de que Madureira é um lugar de negócios, de transação, de pregão, de vendedor de balas, de lucro no centavo. Se cartão de crédito internacional está para o Sheraton, moeda de um centavo está para Madureira. Ainda hoje há uma babel de vozes nos calçadões, mercadões e shoppinhos, onde o capitalismo precário carioca experimenta as delícias de todas as possibilidades de Control C e Control V no século XXI. É ali, nas coloridas capas impressas em baixa resolução dos DVDs piratas, que pegamos da mão do camelô o sentido de negociação das ruas do bairro. Minha exaustiva negociação para comprar a bateria afastou Jenifer de mim. Só consegui comprar a bateria no ano seguinte, gastando menos no trem. Com um amigo que tocava numa banda punk e ao mesmo tempo na missa da igreja comecei a aprender algumas batidas.

Madureira tem guloseimas

Qualquer trocado extra no bolso rapidamente se transformaria numa guloseima: balas Soft, Juquinha, Zorro, Mirabel, amendoim Nakaiama, “bananada açucarada”, entre outros passatempos do paladar. Mas nada se comparava à sensação de tomar um picolé Dragão Chinês sabor milho verde, dentro do trem. O prazer começava pelo pregão anunciado: “O poderoso Dragão Chinês.” Depois era só cuidar para não deixar de lamber nenhuma gota derretida na mão, afinal o aproveitamento tinha que ser completo — até o palito eu chupava como quem chupa osso de galinha. O Gamadinho era o único que chegava perto da sensação do Dragão Chinês — abrir a pequena embalagem prateada com coraçõezinhos cor-de-rosa e arremessar o cubo doce direto para os molares era um gesto automático que realizava imitando precisão de robô. Perdi alguns dentes ao longo da adolescência.

Sábados de feira e sonho na Maré

Aos sábados, a passarela 9 da Avenida Brasil ganha uma nova geografia humana.

A pressa e o improvisado do mundo do trabalho carioca semanal que a Maré ajuda a sustentar é substituída por bicicletas guiadas com orgulho, motos que transportam sorrisos, evangélicos engravatados seguindo a seta de sua missão, adolescentes em direção aos cursos de sonhos de sábado e sacolas de legumes e frutas em mãos firmes. Na descida da passarela, a feira da Teixeira recebe o transeunte com sons, cores, cheiros e sabores. Os DVDs atualizam os gostos de rockeiros, funqueiros, lambadeiros, pagodeiros e moleques fissurados em novos jogos. Desde que comecei a acompanhar meu avô, que vendia sua “garapa de maracujá”, visitei feiras pela cidade. Na Maré, a feira se mistura com as lojas e vielas que continuam os sons e cores de sábado. Nos salões, cabelos e unhas ensaiam movimentos para o baile. Numa pequena loja você encontra a Galega e seu filho servindo uma carne de sol frita que gosto de comer pensando em meu avô.

O Abajur da Pedro Américo

Comprei meu primeiro abajur numa loja tipo 1,99. Morava numa vaga no Catete que já vinha com armário, cama e uma mesa de cabeceira. Dividia o quarto com um cara que chegava bêbado todo dia. Passava a noite inteira sentindo o cheiro de álcool que emanava de suas entranhas.

No outro quarto do apartamento, morava um cearense que vinha fugido com uma cicatriz de tiro na barriga. Ele também fedia a cachaça. O meu abajur foi o elo entre nós. Eu o deixava aceso toda noite. Tinha determinado que leria todas as noites para compensar a situação em que estava vivendo.

A estranheza de um pobre diante de um abajur é gigantesca. Estava acostumado com a lâmpada fluorescente. Muito



antes de se falar em racionamento, lá em casa tinha esse tipo de lâmpada. Meu padrasto comprava em um ferro-velho. Ele gostava de falar a palavra transistor e ficava orgulhoso com o resultado na conta de luz. Era a única casa do Cezarão que não tinha lâmpada comum. Uma verdadeira apoteose de cupins suicidas era o único momento de beleza dessas lâmpadas. Era belo ver a obsessão deles pela lâmpada.

Certa noite, o bêbado puxou assunto comigo fazendo um comentário que lembrava minha mãe. "Luz de abajur não é muito boa pra ler, não." Ficamos amigos e, ao longo das noites seguintes, ele me contou que havia sido preso político e torturado. Não satisfeito com suas contundentes descrições, me levou até a esquina da Presidente Wilson com a Antônio Carlos e reencenou sua libertação. Era um dia de semana, e a cidade estava alheia à perturbadora sensação que a história trazia.

O seu torturador parou o carro naquela esquina, colocou uma arma no porta-luvas e disse que ele podia pegar a arma e atirar. Ele não hesitou. Pegou a arma e apertou o gatilho. Estava sem bala. Escutei essa história ali e pelos próximos três meses dentro do quarto. Quando ele dormia, adquirei o hábito de levar o abajur até o seu rosto e procurar alguma cicatriz.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL N.º 1107

Meu território: 97

"C I N E M A"

DATA	HORA	POLTRONA
20 SET 1983	10:00	

VAN LIO APENAS PARA
A SESSÃO TRUQUEADA.

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 — Rio de Janeiro (RJ)

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL N.º 1107

TAXA DE MANUTENÇÃO

"C I N E M A"

DATA	HORA	POLTRONA
20 SET 1983	10:00	

VAN LIO APENAS PARA
A SESSÃO TRUQUEADA.

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 — Rio de Janeiro (RJ)

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL N.º 1107

TAXA DE MANUTENÇÃO

"C I N E M A"

DATA	HORA	POLTRONA
20 SET 1983	10:00	

Cap. 02
Primeiros mapas

PRIMEIROS MAPAS

Cap. 02
Primeiros mapas

MAPAS

Cachorros e a explosão da Presidente Vargas

Sempre vivi para a rua e para as coisas que tinham nela. Minha primeira negociação com meu padrasto e minha mãe foi pedir para ir até o portão à noite. Deixava o portão entreaberto e ia brincar de garrafão na rua, com receio de um cachorro entrar e estragar o lixo ensacado para a coleta do dia seguinte. Sabia que ninguém de casa gostava muito de cachorro. Principalmente cachorro de rua, vira-lata.

Enquanto a molecada marcava o chão com água para formar o garrafão, um cachorro seguia cheirando e lambendo a marca d'água. Gostava daquela intimidade do cachorro conosco. Queria ter um cachorro, mas o argumento para que eu não tivesse era de que a casa era pequena demais para isso. Consegui criar girino, rã, pintinho trocado por garrafa na Kombi, preá, casa de marimbondo e até coelho. Nunca um cachorro, mesmo propondo que ele “ficaria mais tempo na rua comigo do que em casa”. A saída foi fazer dos cães da rua meus parceiros. Tive vários cachorros que acompanharam meus itinerários. Baleia foi a primeira. O nome foi dado porque ela era muito gorda, o que me surpreendeu quando descobri que o mesmo nome foi dado ao cachorro de Fabiano, em *Vidas Secas*. A de Fabiano caminhava pelo sertão, a minha ficava embaixo da cristaleira de uma tia que morava em Duque de Caxias e convivia bem com as galinhas e porcos do quintal. Baleia e eu não éramos de muita

brincadeira um com o outro. Entretanto, quando aparecia alguém no portão, seu latido forte e agudo me impressionava e era suficiente para caracterizar nossa amizade. Ainda carrego aquele latido comigo. Nunca mais encontrei algo parecido. Até mesmo a matilha de cães que dormia amarrada num carrinho de supermercado com o mendigo da vara de pescar e ferida exposta na perna, na entrada da favela do Jacarezinho, não produzia latidos com efeito parecido.

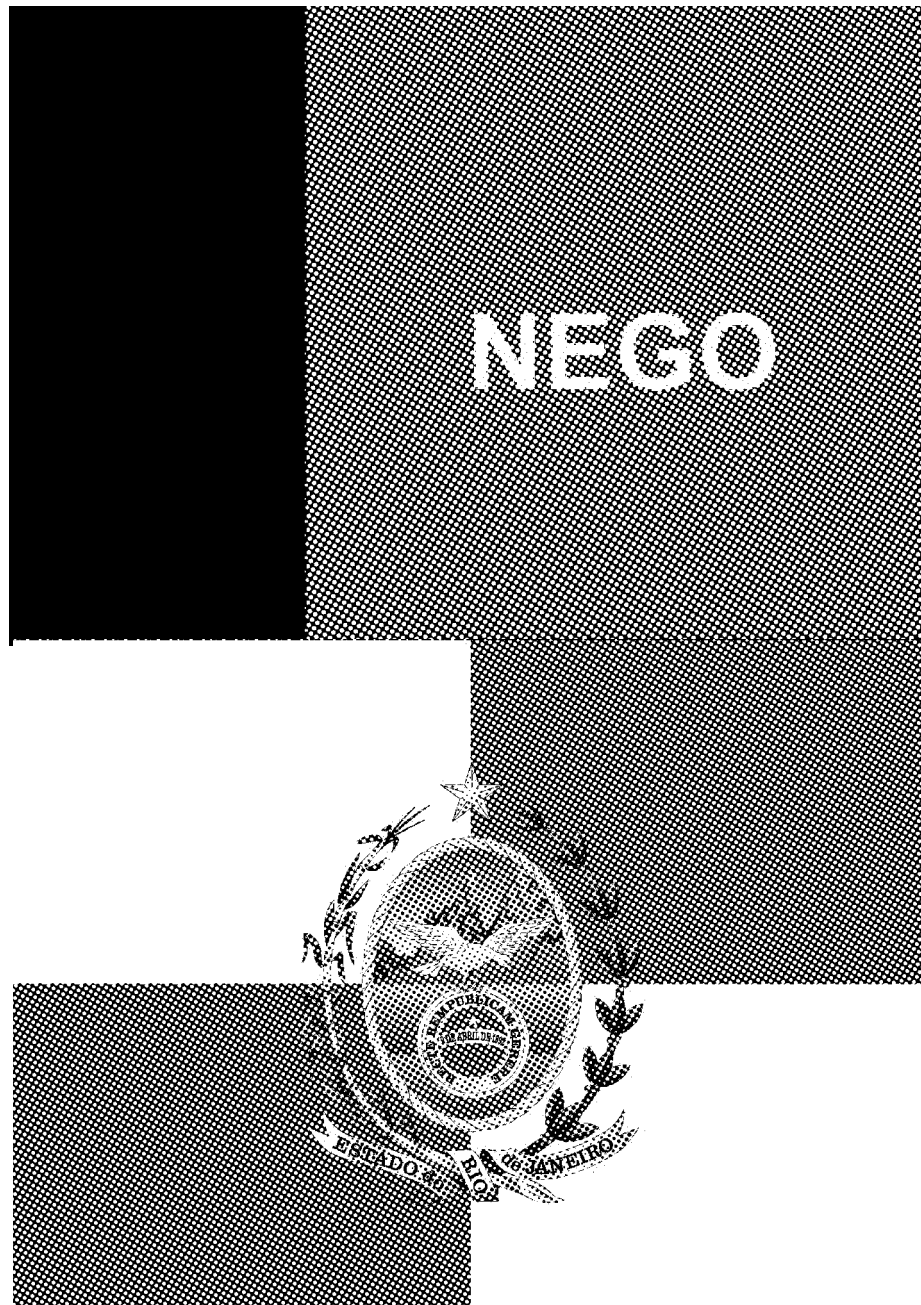
Fui me envolver com outra cachorra. Dessa vez não pelo latido, mas pelo olhar. Martina tinha olhar de pedinte. Recebeu o nome, pois foi adotada por todos os alunos da escola de teatro Martins Pena. Ela era uma pedinte, qualquer um que se aproximasse comendo algo, ela pedia. Chegava perto e encarava com seus olhos até você ceder. Caminhava tranquilamente pela escola como um contrarregra que conhece todos os segredos do palco. Sabia a hora de pedir ou de sair de cena. Alguns diziam que ela era uma reencarnação de uma puta que tinha tentado ser atriz, ali mesmo na Rua 20 de Abril – o Beco da Luxúria.

Apesar de Baleia e Martina consagrarem minhas amizades caninas, minha cabeça guarda, como marca desta forma de amizade, a delicadeza de um momento quase imperceptível ocorrido numa comemoração de virada de ano na Rua 50. Os fogos ocupavam o vasto céu do Cezarão, quando uma menina de cabelo até a bunda foi acompanhada por seu cachorro que cheirava o tênis novo ganhado no Natal. Era um gesto carinhoso do cachorro, dando importância ao presente. Ela retribuía, elegendo-o como o único que podia tocá-lo. Ninguém ousou naquela madrugada dar o pisão típico de tênis novo. Alheios aos fogos, eles desfilavam a amizade deles pela comunidade. Aquela cena era perfeita para o meu plano de ficção para a cidade do Rio de Janeiro: explodir a Av. Presidente Vargas e ficar assistindo de um viaduto ao lado de um cão e depois caminhar pelos

escombros. O máximo que consegui foi fazer uma vizinha evangélica, que escutava o culto de descarrego no volume máximo do rádio, tomar uma corrida de um vira-lata. Neste dia, corri para dentro de casa, fechei o portão e aceitei a banana que minha mãe sempre me oferecia quando chegava em casa.

Vidas Secas na Presidente Vargas

Assisti ao filme *Vidas Secas* antes de ler o livro. Foi na biblioteca pública da Av. Presidente Vargas, que tinha cabines de vídeo gratuitas. Chamava de “a biblioteca do Brizola e do Darcy Ribeiro”. Quando morava em Caxias e vinha para o Centro, em companhia do HB do Mate com angu, passava algumas tardes ali, vendo filmes e catando frases e imagens neles. As imagens do filme de longas caminhadas e de um céu que castigava em preto e branco marcaram minha leitura tardia do livro.



Dobrar a esquina

Quando o moleque volta da escola e dobra a esquina no final da tarde, ele já vai largando a mochila toda rabiscada e tirando a velha calça jeans já tingida três vezes naquele ano para esconder as tintas de caneta estourada no bolso. Ele corre para casa, joga a mochila e a calça pelo portão, partindo direto para a pelada de golzinho montada com Kichutes na rua. Além da alegria estampada em seu rosto e em sua voz que já dispara gritos de guerra, um sentimento de tranquilidade faz seu corpo ter mais gingado durante a partida. Ele sabe que quando o céu escurecer por completo vai ser chamado para casa, onde um pão francês com uma fatia de mortadela o espera.

Lá pelos 15 anos, quando dobra a esquina no mesmo final de tarde, esse moleque, já rapaz, tem a expectativa de encontrar a menina da rua, que até “uns anos atrás era magrela” e não olhava, e agora é louco para parar, conversar, chamar de colega e dar dois beijinhos no rosto, tentando chegar na boca. No encontro, para causar efeito, os olhos e a voz ganham gingado parecido com os da partida. Cigarras, nas amendoeiras do entorno, explodem sirenes e causam risos nos dois. O cheiro de creme rinse nos cabelos de ambos demonstra uma preparação para o encontro.

Quando ele começa a trabalhar e chega a essa mesma esquina de madrugada, a sensação de dobrar a esquina é outra. É o medo de encontrar o “carro do bicho”, que pode te passar na madrugada. Chegando em casa, ele é recebido com um prato feito e um “graças a Deus” de sua mãe que tem orgulho de ter mais um filho trabalhador, apesar do medo das noites em que ele não volta para casa. Para ele, o medo é menor que a sua vontade de futuro. No dia seguinte, ele repetirá o trajeto trabalho-escola-casa.

Para minha mãe, esquina era lugar de vagabundo, de quem jogava ronda. Assim como eu, os moleques de todas as ruas em que morei faziam da esquina o quintal de casa, para desgosto de muitas mães além da minha. Numa madrugada em que eu e meu amigo Damascena, apesar dos protestos maternos, ficamos sentados no meio-fio da esquina da Rua 50, aconteceu algo que reforçaria a preocupação que “subia a pressão” de minha mãe. Estávamos olhando o muro pintado com o rosto de jogadores brasileiros de alguma Copa do Mundo perdida e certamente conversávamos sobre algum projeto capaz de mudar nossas vidas, quando fomos surpreendidos por um cara correndo. Ele dobrou a esquina e tudo ficou tranquilo. No outro dia, porém, soubemos que estava morto. Isso só reforçou o coro da dona Creuza, dizendo que esquina não dá nada na vida para ninguém. Ela ainda sofisticou a narrativa, dizendo que quem fica na esquina arrastando chinelinho, havaiana furada com prego segurando as tiras, é um verdadeiro sem-futuro. Ouvir isso e ter esse fantasma na cabeça é terrível para um jovem. Ele tem o mesmo amor pela casa e pela rua. Ficar na esquina é tão importante quanto ter um quarto. Minha mãe diz isso, porque ela nunca cruzou a esquina da Rio Branco com a Presidente Vargas num dia de domingo pela manhã e sentiu o início da civilização carioca a seus pés. Falava mal de esquinas e dos perigos da vida na cidade, mas elogiava a

cidade de Brasília, com gosto, sempre que podia. Chegava a anunciar que queria mudar de cidade “no ano que vem”. Uma parte de seus irmãos morava na capital desde que deixara a Paraíba e já tinha casa própria e telefone. A conexão Rio-Brasília estava em todos os corações da família. Minha tia Tereza juntava dinheiro todo ano com seu trabalho de caixa nas Lojas Helal para visitar a família na capital do país. Assim como minha mãe, ela também falava com gosto da cidade. Escolhia sempre um sobrinho para ir com ela nas férias. Passei algumas férias por lá. Uma delas foi devastadora na minha cabeça. Na viagem, tive que ir num banco de madeira extra colocado no corredor, por causa de uma passagem vendida em duplicidade. Dezoito horas cansativas de viagem no “bujãozinho da Itapemirim”. Além disso, em Brasília, todos os parentes diziam que eu estava muito magro. “Era por causa das lombrigas.” Um primo mais velho, porém, executou uma frase que dava sentido para minha implicância com a cidade:

— Brasília é uma cidade sem esquinas.

Voltei para o Rio gostando ainda mais de esquinas.

Domingo de Coca-Cola

Sandália Katina Surf no pé, com furo na sola, e casco de um litro de Coca-Cola gelado na mão numa temperatura que, só de tocar, você já sabe que vai refrescar a goela. É um domingo de verão abafado, onde as telhas de zinco da pequena casa da Rua 50 fazem a minha mãe dizer: “Tá tão quente que o miolo fica mole.”

Macarrão com frango frito e Coca-cola. O macarrão e o frango frito até se repetiam em outros dias da semana — às vezes juntos, às vezes separados. Mas a Coca-Cola só dava mesmo para comprar aos domingos, e mesmo assim no fiado na birosca da esquina.



Depois de uma semana inteira de Ki-suco de groselha, não só para beber, mas também substituindo o leite nos bolos do lanche de fim de tarde, gastar o resto de sola da Katina Surf para caminhar até a birosca e pegar a Coca-Cola era quase um desfile de autoestima para os outros moleques da Rua 50. Todos os meninos tinham o mesmo orgulho quando desfilavam com uma garrafa do refrigerante. Lembro de certa vez ter ficado sabendo que um dos moleques da rua tinha tomado porrada em casa, porque deixara a garrafa cair e quebrar. Isso reforçou o meu cuidado nesses domingos, pois já era conhecedor do tamanho da mão do meu padrasto.

O calor era tanto que as canecas de alumínio com o brasão dos times cariocas, mesmo vazias, eram colocadas dentro da geladeira barulhenta e de pés enferrujados. O encontro do conteúdo da garrafa de Coca-Cola com essa caneca produzia a organização dos sentidos desses domingos. Criei uma disciplina estética e sensorial de só tomar o desejado líquido depois que todo o gás borbulhasse na caneca, produzindo o tradicional estalo.

O domingo, que por muitas vezes era angustiante, pois forçava a convivência de muitas pessoas dentro de uma pequena casa, ganhava um sentido extraordinário com aquele gesto, naquele momento. Ao engolir em pequenos tragos, sentia exatamente a sensação de prazer oferecida pelos comerciais da empresa na TV, que tinha Bombril na antena para sintonizar a imagem na distante Santa Cruz e pegava melhor na hora dos comerciais do que na hora do típico filme dublado que passava naquelas tardes.

Para um moleque que ainda não gozava, a demonstração pública desse prazer vinha em forma de arroto. O arroto era recebido pelo resto da casa com uma quase coletiva classificação de “seu porco”, dita com o tom de correção ao indivíduo digna de um coro grego.

Depois do macarrão, do frango frito e da Coca-Cola forrarem a barriga, era só ir para a rua e esperar acontecer algo. O que, um dia, realmente aconteceu. Em alguma tarde dessas, parei de tomar Coca-Cola por influência direta da minha primeira leitura de Karl Marx, que chegou a minhas mãos em folhas mimeografadas. Não foi por isso, no entanto, que o seu Zé da Birosca perdeu um cliente. Continuei indo lá, repetindo a compra para o resto da família.





O outdoor das Sardinhas 88 na descida para São Gonçalo

Na época de muita inflação, uma das comidas mais comuns lá de casa era a lata de Sardinhas 88. Lata de milho e lata de ervilha também faziam parte da dieta. Junto com uma caixinha vermelha de uvas passas, que não sei como aparecia de vez em quando, esses ingredientes configuravam a imitação de arroz à grega lá de casa. Minha mãe e meu padrasto usavam a expressão “arroz à grega” com um orgulho de quem tinha conseguido sair do sufoco de grana naquele mês. Apesar das reclamações, com o prato na mão, eu sentava para comer na porta da cozinha e fitava a goiabeira mirando a sobremesa.

Além de explicar detalhadamente com seu caderninho na mão como conseguiu fazer o salário render, o orgulho de meu padrasto era mostrar a qualquer visita a “despensa cheia”. Era uma estante de aço preta que ficava ao lado do basculante catado no ferro-velho, que virou a única janela da cozinha. Latas de óleo, arroz, feijão e enlatados baratos coloriam o ambiente. Ele emendava a conversa sobre os produtos com as histórias da época em que foi motorista de carro-forte, com o qual chegou a ir até Buenos Aires.

Entretanto, o que deixava os visitantes impressionados era a quantidade de latas de sardinha expostas na despensa. Havia tanto a opção com óleo comestível quanto a com molho de tomate. A maioria das pessoas lá de casa gostava da opção com molho de tomate. Eu preferia com óleo comestível. Quando comia misturada ao miojo, incrementava o sabor do seu tempero em pó.

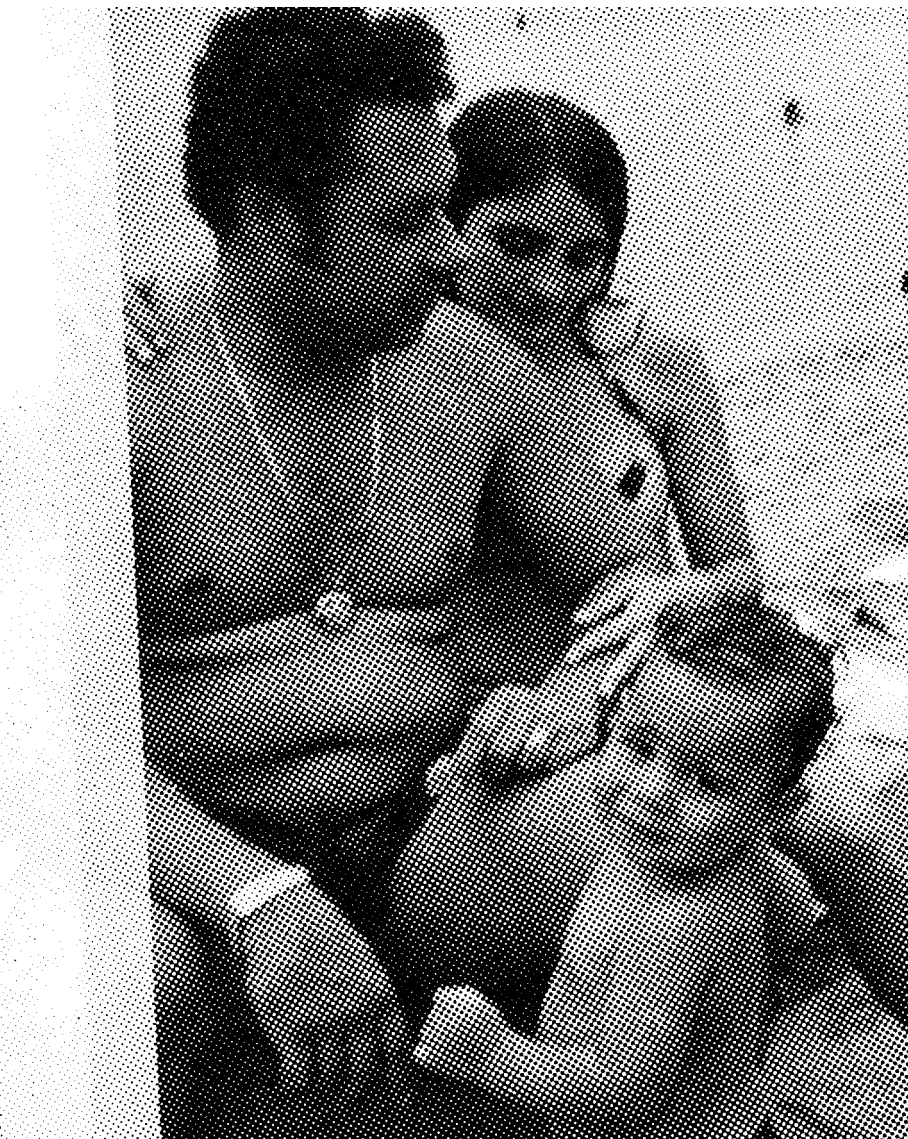
Comer esses produtos trazia uma emoção de relação com o mundo além da cozinha lá de casa. Senti-me membro de um selete clube quando reconheci num outdoor de madeira e fundo amarelo a propaganda das sardinhas. O anúncio ficava na frente de um galpão gigante na descida da Ponte

Rio/Niterói, em direção à São Gonçalo, que imaginei ser a fábrica das sardinhas em virtude do forte cheiro de peixe morto que chegava da Baía de Guanabara. Só conheci dois outros cheiros tão marcantes: o cheiro da fábrica de sabão da Avenida Brasil, na altura do cruzamento com a Linha Vermelha, e o cheiro do fumacê passando às sete da manhã para matar os mosquitos da Rua 50.

Uma outra combinação desenvolvida por minha mãe e rapidamente transformada em hábito foi a salada de sardinha, ervilha, milho, cebola e tomate. O tomate e a cebola eram cortados em pedaços bem pequenos, colocados em seguida próximos à ervilha e ao milho.

Uma outra lata despertava o meu interesse na despensa. Em meio à repetição dos outros produtos, essa era única. Era a lata de Leite Moça, que, depois de aberta e usada sempre na mesma receita de pudim da minha mãe, ia para a geladeira com uma pequena sobra. Era certo que naquela madrugada eu visitaria a geladeira para sugar, em ruidosos goles, o Leite Moça como sobremesa da salada de sardinha. Eu tomava sabendo que ia levar porrada. Foi o que aconteceu numa madrugada em que encontrei novamente a mão do meu padrasto.

Achava isso engraçado, porque parecia uma gague de comercial. A publicidade brasileira deve muito à minha família e às famílias de origem popular. Durante anos, enquanto a publicidade era precária e não tinha escala, nós experimentamos esses produtos como quem come caviar. No meu caso, a fissura por Sardinhas 88 era tão grande que, quando não tinha abridor de lata, eu pegava uma faca e batia com martelo. Era estimulante ver o óleo sair pelas pequenas fissuras na lata. Assim como era estimulante ver a minha mãe abrindo a lata de presuntos Swift, rodando a pequena chave que vinha pregada nela.





Além da promessa do gosto desses produtos, as cores eram bastante atrativas. Minha mãe, quando chegou da Paraíba com os seus irmãos, era magra, cabelo longo, com olhos tristes, como vi numa foto preto e branco dela junto ao Cristo, hoje perdida. Durante todos esses anos de Rio de Janeiro, minha mãe seguiu à risca a cartilha da publicidade dos enlatados (e agora congelados) destinados às camadas populares. Ela não é mais magra.

O Fumacê

O cheiro do fumacê tinha gosto de remédio amargo, e era acompanhado lá em casa por telas de náilon verde nas janelas com o intuito de impedir a entrada dos mosquitos. Apesar deste gosto, era mais suportável do que o cheiro da bomba de *Flitz*. Minha alergia a mosquitos, que deixava o meu corpo todo cheio de feridas, fez os venenos contra insetos serem constantes na vida lá de casa. Depois que conheci Marcão — um mata-mosquitos que lutava Viet Vo Dao, arte marcial dos vietcongues, e escutava Poison e U2 — cogitei a possibilidade de me vingar das feridas trabalhando também num fumacê.

João Johnny na Uruguaiana

— João Johnny!

Foi exatamente isso que eu gritei, cheio de envelopes na mão, caminhando pela Rua Uruguaiana. Tinha acabado de passar algum tempo olhando um jogo de marmanjos esper-tinhos, que tentavam enganar os transeuntes com apostas em torno de uma forminha de bolo embaixo da qual escondiam uma bolinha.

— João Johnny — gritei de novo.

Os envelopes caíram no chão. Lembrei que não podia perder aqueles documentos e que tinha de chegar logo ao Banco do Brasil, da Presidente Wilson. Esse era o meu trabalho nas manhãs dos dias de semana. Eu era office-boy, com um uniforme azul-marinho da cabeça aos pés, sapato cavalo-branco e crachá do Banco do Brasil no bolso.

Peguei os documentos do chão e não vi mais João Johnny, pois um anúncio do McDonald's fitou minha fome. Sentei-me na minha cadeira preferida daquele McDonald's — eu elegia uma cadeira preferida em todo McDonald's. E ali fiz o que mais gostava: pensar.

Olhando pelo fumê da janela do segundo andar, vi a fauna de todo tipo de indivíduo apressado que se entrega às profundezas sonoras e imagéticas das onze horas da manhã de

um bom dia da semana da Rua Uruguaiana. Acreditava que nunca mais na vida encontraria João Johnny. Nunca tinha conversado com ele, mas sabia quem era. Figuras míticas como João Johnny habitam o imaginário de moleques de toda a periferia. São os caras maiores, hoje chamados de sinistros. Os seus feitos dominam a conversa dos moleques.

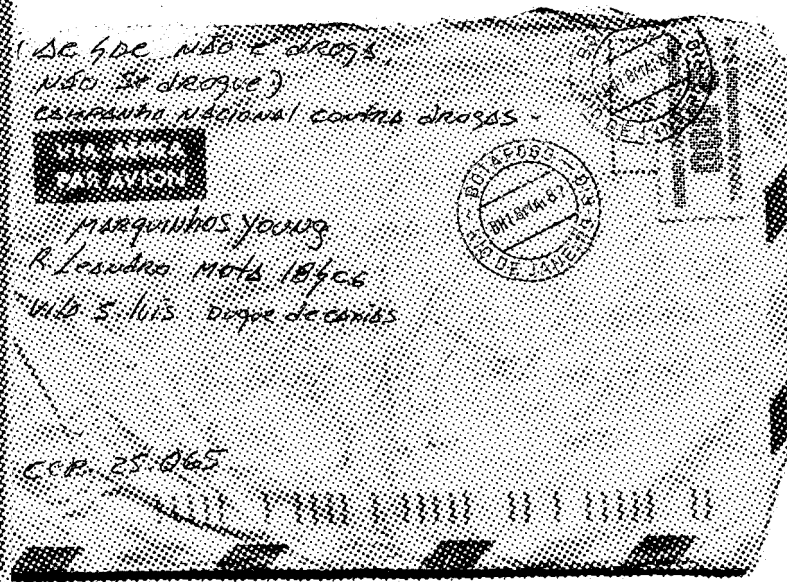
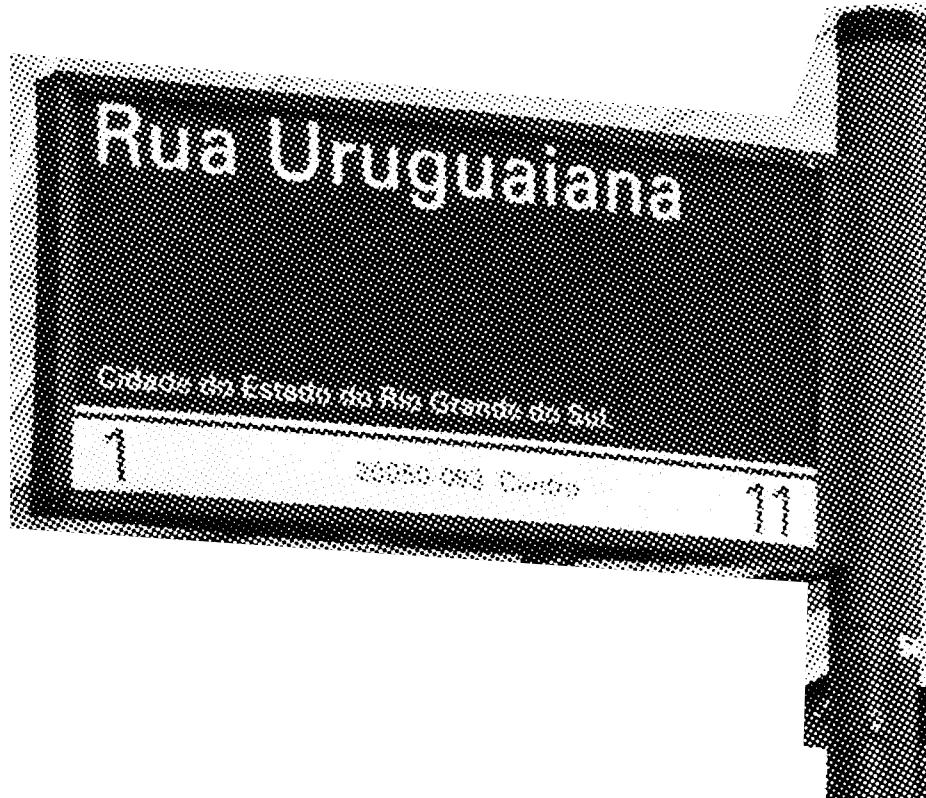
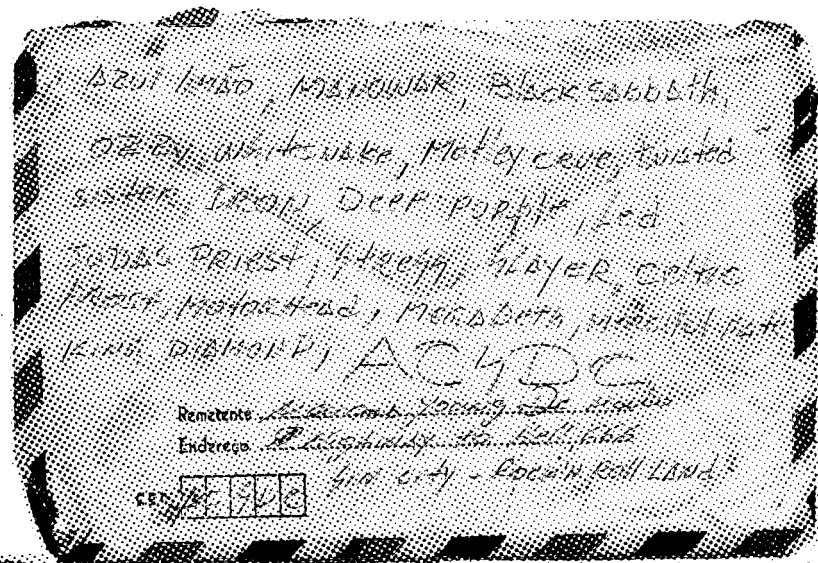
Apesar de não conversar com João Johnny, sabia quem ele era. Tinha cruzado minha vida várias vezes. Quando foi evangélico, João Johnny era só João. Passava de cabeça baixa na rua, com a bíblia apertada no sovaco e calça tergal cobrindo as pernas finas e longas. Passaria despercebido, não fosse um pequeno detalhe que chamava a atenção da molecada. João era muito bom de bola. Fazia embaixadinha até com coco, que eventualmente caía do pé na casa da vizinha.

Depois de um tempo, João sumiu e eu cresci um pouco. Quando voltei a encontrá-lo, ele não era mais João — era Johnny. Da época de evangélico, a única herança era a guitarra que usava para cantar louvores no culto. As odes ao Senhor deram lugar a *riffs* de um som que só pelo nome assustava as mães da Baixada: *death metal*, expressão que Johnny gostava de falar com voz cavernosa.

Quando o nome de João Johnny era invocado entre as mães do bairro, todas afirmavam que era um caso típico de má influência, de má companhia. Corria solto entre os ouvidos que João tinha aprendido as tais músicas nos intervalos dos ensaios com a banda da presbiteriana e que fora expulso da igreja pelo pastor quando tocou “Sabbath Bloody Sabbath” dentro do templo. João desandou de vez e virou Johnny, apelido dado a vários roqueiros daquelas bandas por influência do filme *Johnny vai à guerra*.

O cabelo de Johnny cresceu, mas não balançava. Assim como João, Johnny também sumiu. E sumiu mesmo. Ninguém mais viu. Uns contavam que tinha entrado para o Exército e era

visto andando de Escort XR3 prata conversível a 20 quilômetros por hora, falando com todos. Outros diziam que tinha virado gari, mas nada era certo. Eu me vi ali de novo, pensando na figura de João Johnny e olhando para o nada. Só que agora o que estava na direção do meu olhar não era mais o coqueiro da vizinha. O precário reino de uma velha preguiça cujo tronco ela passava o dia inteiro para escalar havia sido substituído pela sinfonia de pés da Uruguaiana.



João Johnny e a tia evangélica

Era comum entre os que escutavam rock pesado na década de 1980 ter um certo receio em escutar *death metal*. A música, com mensagens ditas satânicas, desagradava as mães. Enquanto o *heavy metal* narrava aventuras encenadas contra os céus e os infernos, o *death metal* descrevia o inferno. Mas João Johnny gostava de urrar guturalmente as frases em “inglês dos infernos”, como dizia minha tia evangélica com seus longos cabelos brancos quando morou lá em casa. Eu as apelidei de As mães anti-imperialistas da Chacrinha.

Geografia afetiva da Rua das Marrecas

A Rua das Marrecas é uma pequena rua nos arredores do centro afetivo.

Numa ponta, eu tenho o Passeio Público, onde sempre que passo imagino um encontro com o míope Simplício de *A Luneta Mágica*. A ideia de encontrar um objeto mágico que me fizesse ver as coisas, os lugares e as pessoas em projeção me arrebatou depois da descoberta do livro de Joaquim Manuel de Macedo. A porrada de cassetete tomada em uma de minhas primeiras passeatas faz a imaginação desse encontro dar lugar à lembrança da luta estudantil pelo passe livre, que sempre terminava em frente à antiga sede da Secretaria de Educação.

Na outra ponta da rua, diviso os Arcos da Lapa, que guardam a criatividade de um moleque sem dinheiro, que convidava as meninas para conversar a vida, livros e a Lapa sobre os arcos depois que os bondes paravam de circular. Algumas transas com calça jeans e calcinhas arriadas na canela, seguidas de corridas de trombadinhas, habitam a vista a partir da esquina da Rua das Marrecas.



No percurso da rua, um misto de botecos, sobrados, prédios de escritórios decadentes, comida a quilo barata e até mesmo uma loja de venda de moto. Tudo isso na companhia pacífica do histórico Batalhão de Polícia Militar e de algumas prostitutas que ainda insistem em trabalhar ali. Por agora, pequenos panfletos oferecendo dinheiro rápido quase não são mais vistos. A novidade é o mesmo formato de panfleto oferecendo sexo a dois reais o minuto.

Mesmo com essa geografia contundente, a Rua das Marrecas é uma das passagens mais cômicas no meu mapa sentimental da cidade. O som que sai da boca de quem fala o seu nome a faz parecer cômica: Rua das Mar-re-cas. Essa comichidade sonora traz a leveza necessária para contar a história de minha tentativa de me tornar um militante exemplar da revolução marxista-leninista-trotskista brasileira.

Durante algum tempo, essa rua foi minha obsessão territorial. Era o único lugar na cidade, no meio dos anos 1980, onde eu conseguia as obras do Lênin. Comprava-as na livraria de uma editora curiosamente chamada de Progresso.

Era a minha disneylândia socialista particular. Além de várias edições dos clássicos do comunismo em português de Portugal, ali encontrei cartazes que dividiriam a parede chapiscada e untada de cal do vão fechado com cortina feita de lençol que eu chamava de “meu quarto”, em minha casa no Cezarão. Black Sabbath, Chile Libre, Lênin e Trotski dividiam a mesma parede demonizada por minha mãe.

Na parte de cima da livraria, havia um pequeno curso de russo no qual cheguei a me inscrever várias vezes. Minha pretensão juvenil era ler Lênin no original. Era como acreditar que aquele que leu os clássicos marxistas-leninistas no original estaria dando uma demonstração de ser um militante mais combativo.

A ideia teve reforço quando conheci, na época do Movimento Estudantil, um secundarista tijucano da minha idade. Ele queria estudar relações internacionais e já falava russo. Seu pai era comunista.

Cheguei a frequentar algumas aulas gratuitas, prometendo pagar no final. Mas, como não tinha dinheiro, abandonei o projeto. Abandonei também porque, na minha cabeça, não configurava uma língua tão importante para a história do mundo ser ensinada na Rua das Marrecas. Vivia procurando sentido para as coisas, de maneira que me impulsionasse a sair de Santa Cruz e a querer viver. A sonoridade cômica do nome da rua não combinava com o *Pravda* exposto na Lojinha.

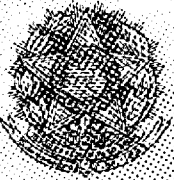
Calçado

Sempre gostei de andar bem calçado. Aprendi isso com o meu avô e o meu padrasto. Chinelo e sandália, só em casa. Na rua, sapato. Nunca tivemos fatura de sapato. Na infância, era apenas um. Para a escola, para a missa e para as minhas constantes visitas ao INPS da Avenida Venezuela, a bota ortopédica preta, um pouco acima do tornozelo, era obrigatória.

Odiava aquela bota. Era a comprovação de que eu era “todo ruim”. Menino com problema, magro e ainda por cima usando bota ortopédica. O alívio vinha com a recompensa pós-tratamento: um bolo verde em forma de triângulo, que ganhava toda vez que saía do médico. Tive que subir a Igreja da Penha para pagar promessa, usando aquela bota. Dessa vez, a recompensa foram horas nos brinquedos do Parque Xangai.

Na adolescência, a bota foi substituída por um Kichute e um Conga. O Kichute servia para a escola e as peladas. O Conga era usado nas missas e quermesses do bairro. Na juventude, a quantidade aumentou um pouco, o que comprometia meu salário e fazia minha mãe dizer que eu tinha mania de grandeza. Com o All Star, cruzava a cidade e

MINISTERIO DO TRABALHO



SECRETARIA DE EMPREGO E SALARIO

CARTEIRA DE TRABALHO E PREVIDENCIA SOCIAL



Polgar Direito



Handwritten signature
ASSINATURA DO PORTADOR

058-RJ

Série

38421

Número

participava de passeatas. Com o Redley, desfilava na praça do Curral Falso, em Santa Cruz. Com um Comander, ia para shows punk na Praça da Bandeira.

Com o All Star, atravessei várias vezes a passagem de trem subterrânea mais impactante da cidade do Rio de Janeiro. Eu era o álibi de minha tia para encontrar um namorado na Praça das Nações, em Bonsucesso. Atravessávamos a passagem da estação com dois sentimentos opostos. Ela apressada e com medo. E eu encantado com os camelôs. O momento mais espetacular era sair na Praça das Nações. Gostava disso. Gostava de falar esse nome: "Praça das Nações." Parecia campeonato de futebol.

O Redley no pé, sempre extremamente limpo, e um vinil do Stevie B. debaixo do braço facilitaram a minha introdução na galera do Cezarão. Até hoje, uso Redley e All Star quando caminho pela cidade. Eles configuram quem eu sou.

Profissão

"Tu tem que ter profissão na vida!" Era isso o que eu escutava em casa, na igreja, na casa da vizinha e em qualquer outro ambiente povoado pelos adultos. Antes mesmo de ter profissão, tirei a carteira de trabalho. Tirei a carteira não por estar convencido desse conselho. Queria mesmo era executar a minha assinatura nova.

Ter uma profissão era mais importante do que viver, para os membros da minha família. Depois de morar na rua, meu padrasto foi ajudante de cozinha. Sua consagração se deu como motorista de carro-forte, depois de ter sido pioneiro, como gosta de dizer, nas linhas de ônibus do Grajaú.

Meu avô, meeiro no sertão, veio para o Rio de Janeiro vender ga-rapa de maracujá em bujão na Feira dos Paraíbas e na favela do Jacarezinho. Foi num barbeiro dessa favela que cortei o cabelo à máquina pela primeira vez e fui batizado. Minha madrinha era a médica que tratava de mim, mas

sumiu na vida logo depois da cerimônia. Minhas tias e minha mãe foram caixas de supermercado e de lojas de departamento no centro da cidade.

Aos 14, eu distribuía panfletos azuis da Golden Cross em Cordovil e panfletos do “Grêmio livre já” na escola. Um dia, por incentivo de uma professora, saí de Caxias para a Candelária para fazer uma pesquisa na biblioteca do Banco do Brasil, na Primeiro de Março. Um livro do Lênin me chamou a atenção. Era *O Estado e a Revolução*. Ao falar para a atendente que queria levá-lo, ela pediu o meu registro de funcionário do banco. Estava com o HB e perguntamos se menor poderia ser funcionário.

Dois meses depois, estávamos empregados e pude levar o livro. Minha carteira de trabalho ganhou outra assinatura. Era a primeira profissão diferente na minha família.

HB

HB é o apelido do Heraldo Bezerra de Carvalho, que cresceu no mesmo bairro que eu, em Duque de Caxias. Estudamos juntos todo o primeiro grau, na Escola Estadual Euclides da Cunha. Segundo uma das diretoras, eu e ele, junto com Adilson, César e Renato, éramos os garotos comunistas da escola. As longas conversas nas calçadas do bairro embalavam nossa imaginação. Um dia decidimos pichar os muros do bairro com frases políticas que tínhamos acabado de descobrir por influência de uma professora de OSPB.

Baile

Quando começa o baile funk do Cezarão, apesar de a quadra estar vazia, o moleque com a bermuda cinco vezes mais larga do que a perna dança como se estivesse no clímax do baile. Sua performance é tão contagiante quanto a multidão da geral verbalizando em coro o hino do Mengão.

Ao mesmo tempo que ele dança, seus olhos percorrem toda a quadra. Como ele mesmo diz, está “na atividade”. Quem acha que a dança só combina com o envolvimento catártico, fica

surpreso com esta possibilidade de se estar dançando e observando. O baile vai enchendo e as batidas graves vão aumentando. A desenvoltura corporal e a observação atenta são “geral”.

É belo o modo como a parede de caixas de som impulsiona o baile. No auge da noite, já de madrugada, alguém pega o microfone e canta para uma plateia atenta. Quando o baile termina, e a quadra começa a se esvaziar, lá está ele de novo. Com a mesma disposição e atenção do início do baile.

A beleza produzida por ele só perde para o bonde do funk dentro do ônibus, que faz o baile continuar na viagem de volta para casa.

Deus e o trabalho

Todo dia, às seis horas da tarde, minha mãe cantava uma ladainha para a Ave-Maria ao mesmo tempo em que cozinava no fogão. Minha avó fazia o mesmo. E obrigava todos à sua volta a fazerem o sinal da cruz nessa hora. A presença de Deus em nossa família foi garantida por minha avó. Ninguém passava por ela sem pedir a bênção. Na hora de dormir, orientado por ela, eu rezava um Pai-Nosso, uma Ave-Maria, um Credo e pedia para Deus proteger toda a família e também os girinos que pescava no rio e guardava no pote de Nescafé.

Além de Deus, outra presença marcante foi o mundo do trabalho. Todos na família trabalhavam, ou procuravam trabalho. Quando qualquer um dos moleques da família completava 11 anos já ouvia que tinha que tirar carteira de trabalho e procurar emprego, para ser um homem decente. Deus e o trabalho eram o ordem e progresso escrito no centro da bandeira desta família. Durante todo o ano, meu avô e minha avó se concentravam em Deus e no trabalho.

Apenas no carnavalesse universo entrava em crise. Sentado bem próximo à televisão, meu avô beijava a tela que mostrava os peitos de mulatas desfilando. Ele era seguido de uma imediata correção verbal de minha avó. Foi assim que



Levanta a voz e luta!



DigitClick
160 Folhas - 6 Materiais
7 891027 111557

Ensino Público EM GREVE PARA NÃO ACABAR

Compartilhe pelo Ensino Público e Gratuito.



- **MAIS VERBAS JÁ** - Implementação dos índices da Constituição e controle da Comunidade Escolar
- **MENSALIDADES** - Congelamento re ferente a dezembro
- Conselho Escola e diretas para Diretor

IBGE ESTAMOS EM GREVE

REPERIÇÃO ANUAL - 22% DE PRODUTIVIDADE
CONTAS EM ATRASO - 5.000 MILHÕES
ABANDONO O EMPADRONAMENTO DO IBGE

Lula

LIBRE



8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18

FEVEREIRO

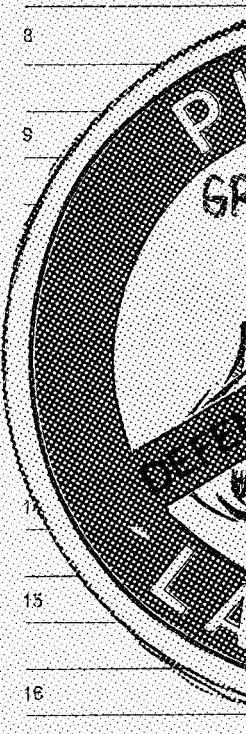
S	T	O	S	S	D
4	7	1	2	3	4
5	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30

MARÇO

S	T	O	S	S	D
6	7	1	2	3	4
5	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30
31					

ABRIL

S	T	O	S	S	D
3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26
27	28	29	30		



8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18

FEVEREIRO

S	T	O	S	S	D
4	7	1	2	3	4
5	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30

S.T.

6	7
13	14
20	21
27	28



o carnaval me foi apresentado. Meu avô rindo diante da coreção de minha avó, acentuada com tapas em seu ombro.

Enquanto meu avô sugeria que “isto sim é que era tempo bom”, minha avó emendava com um sugestivo final dos tempos. A cidade do Rio de Janeiro está loteada entre Deus e o mundo do trabalho.

Violência

Conheci a palavra violência na televisão, no jornal das oito. Sempre aparecia como áudio de fundo de gráficos que indicavam evolução de mortes. Antes, porém, a televisão já tinha me apresentado a palavra “terroristas”. Nunca associei uma palavra à outra.

A palavra mais próxima que conhecia era “porrada”. Porrada de galera na hora do recreio ou porrada em casa, por “ter feito alguma arte”. A porrada lá de casa era sempre precedida de frases como “esse menino tem o capeta no corpo”, “esse menino tem problema de cabeça, de nervo, tem que marcar um INPS pra ele, mas não sei onde tá a carteirinha”. Nunca associei a palavra “violência” à palavra “porrada”. Porrada é uma coisa. Violência é outra.

Fazia uma precária associação com a situação do colega de uma vizinha, que, para não ser preso, sempre andava com uma declaração de quitação com a Justiça no bolso. Ele fazia isso por causa de um primo, que havia cometido um assalto e, ao ser preso, deu o seu nome. O primo foi julgado e sentenciado. No último minuto do julgamento, resolveu contar para o juiz que o nome dado era o do primo, não o dele. Foi a partir daí que o colega dessa minha vizinha passou a andar com a declaração. Nas conversas de esquina sobre o caso, violência era mais ou menos isso.



Mas não era coisa que me ocupasse a cabeça. Estava mais preocupado em conseguir alguma moeda para comprar um chiclete Ploc com figurinhas de futebol na biroscas. Passava o dia formulando estratégias para conseguir qualquer moeda. Às vezes, ia para o ponto de ônibus e esperava a mãe de algum conhecido chegar com sacolas, oferecendo-me para carregá-las na esperança de ganhar algum trocado. Precisava completar a coleção de figurinhas antes de todo mundo. Mas era só voltar para casa, e sentar em frente à televisão, que a palavra violência aparecia novamente.

Na manhã posterior à Chacina da Candelária, a palavra violência se configurou na minha cabeça. Lembro de ter passado de ônibus pela Primeiro de Março, no banco de trás, para dar calote, vindo da casa de alguém na qual dormia. Vinha com a cabeça na janela. Sentia o sol batendo no rosto, acreditando no conselho de minha tia de que isso fazia bem à saúde. Depois de o ônibus ter arrancado do sinal da Primeiro de Março com a Candelária, vi a movimentação embaixo da marquise onde os moleques tomaram tiro do lado da banca de jornal.

Imediatamente uma conversa se iniciou no ônibus e fui entendendo o que acontecera. Como, apesar de garoto, eu já lia Marx, minha reação intelectual não passou pelo espanto nem pelo horror da situação. Ingenuamente, identifiquei este acontecimento às “mazelas típicas do capitalismo” cantadas pelas bandas punk que ouvia na Rua Ceará.

Mas ali, na Candelária, um pivete havia arrancado do meu pulso um relógio Champion do tipo que a gente trocava pulseiras de plástico coloridas, que comprei com as moedas ganhas distribuindo os lisérgicos folhetos azuis da Golden Cross, nas ruas íngremes de Cordovil. Lembro de ter-me esforçado para não me sentir vingado. Vingança foi uma palavra que aprendi nas novelas. Nos desenhos animados e seriados, os policiais nunca se vingavam.

A conversa do ônibus me chocou, quando alguém disse que aquilo devia ter sido coisa de polícia. Os policiais que conhecia eram o Guarda Belo do desenho animado da turma do Mandachuvas, a dupla de motoqueiros do seriado *Chips*, e também os uniformizados interplanetários de *O império contra-ataca* que assisti no Palácio com minha tia, depois de encarmos em pé as curvas do 261. Não lembro de ver nenhuma patrulhinha com sirene ligada nos lugares que frequentava. Polícia, só na TV. O carro do bicho (era assim que nós chamávamos os matadores) foi o que de mais próximo de polícia existiu tanto em Santa Cruz quanto em Caxias.

Brincar de polícia e ladrão só não era alternativa em dia de chuva, quando era certa a pelada na lama. Mesmo sem ter pedido nada a ninguém, um dia ganhei de presente um revólver de plástico comprado na Rua da Alfândega. Foi presente do namorado de uma de minhas tias, que queria me impressionar. Não demonstrei a minha insatisfação, mas pensei que pelo menos poderia ser de ferro e de espoleta. O brinquedo quebrou no mesmo dia.

Um amigo do Cemitério do Caju

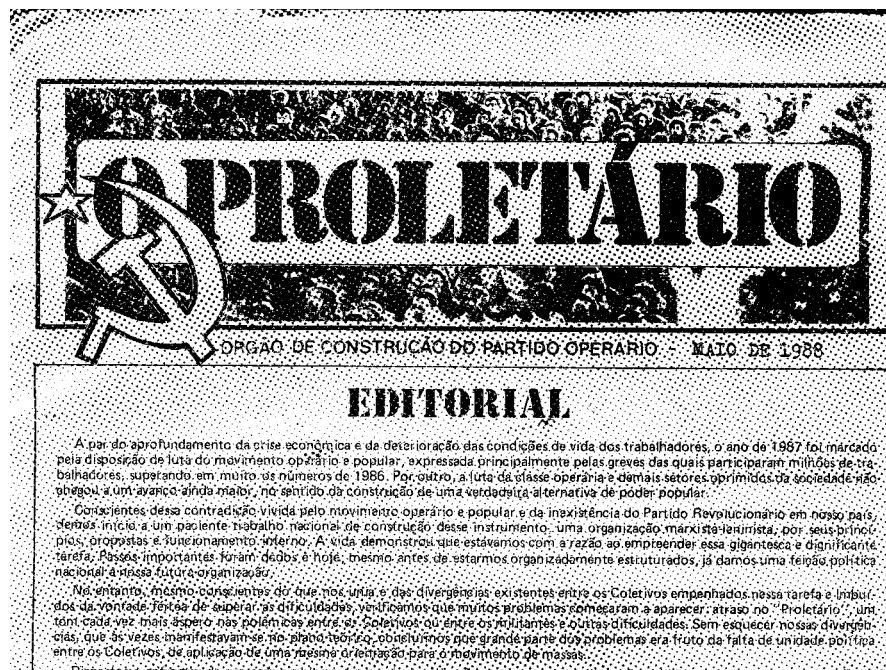
Chiquinho, um morador de rua que vagava entre o cais do porto e o cemitério do Caju, fazia pequenos trabalhos em troca de comida e cigarro. Andava malvestido, com a roupa que os coveiros do cemitério São Francisco Xavier lhe cediam. No período em que trabalhei no cemitério do Caju como atendente de lanchonete, ele foi uma presença recorrente, que me ajudava nos longos dias de trabalho e desviava da morte os meus pensamentos. Na limpeza do chão ou no empilhamento dos engradados de refrigerante, ele era monossilábico. Mas depois que ganhava seu sanduíche de apresuntado e seu Marlboro, era sua única exigência, ele disparava histórias confusas sobre cargas contrabandeadas no porto, transações milionárias, joias e outras aparentemente

inverossímeis narrativas para um moribundo que só tinha dentes no canto superior direito da boca.

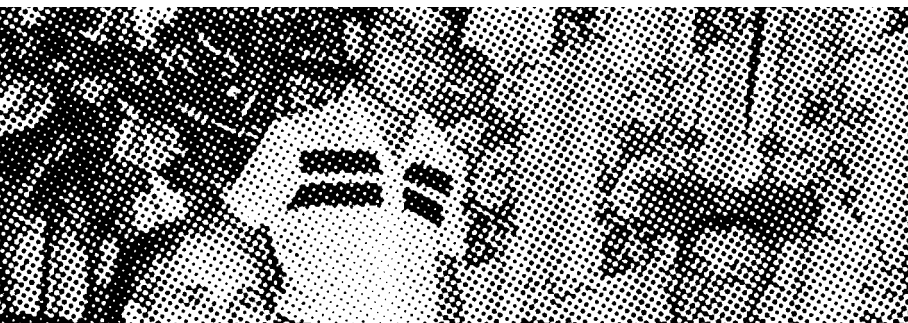
No final de todas as histórias, Chiquinho, depois de ficar um tempo pensativo, tragando o Marlboro com a classe de quem já teve dinheiro, disparava sua máxima: “coração dos outros é terra que ninguém anda.” Às vezes, segurava meu braço com força para dizer esta frase com pupilas que tremiam. Em outros momentos, sentado com a perna cruzada em um banco perto da capela, com o olhar perdido entre as pessoas que velavam os seus mortos, Chiquinho disparava o mesmo conselho para elas, ignorando a dor que sentiam. Desaparecia por vários dias e, quando voltava, eu o recebia com a frase que nos unia: “Então, Chiquinho, coração dos outros é terra que ninguém anda?” E ele disparava mirabolantes tramas em troca do seu lanche e do seu cigarro, que ele chamava de chupetinha do Capeta. Deve ter aprendido esta expressão com algum evangélico. Uma tia minha, obreira, repetia, na sua pregação em pontos de ônibus diante dos fumantes de Derby vermelho, a mesma frase.

Não resta dúvida que Chiquinho guardava um segredo de uma vida tortuosa. Alguns diziam que tinha sido um rico dono de jazigos e outros confirmavam a história da riqueza de pés juntos, mas corrigiam dizendo que ele havia sido, sim, dono de contêineres no porto. Ambas as versões convergiam para a razão da sua desgraça. Um acidente no porto causou um ferimento grave na cabeça e fez ele ser abandonado pela família. Ninguém jamais viu a cicatriz na sua cabeça. Chiquinho não gostava de ser tocado.

Nos raros dias com poucos enterros, nossas conversas eram preenchidas com frases mais longas. Seu rosto era bruto, feito pedra. Seu olhar parecia uma jabuticaba esmagada no chão. Algo que sabemos que já foi vistoso. A mesma sensação de passado que eu tinha ao ler os jornais do partido.







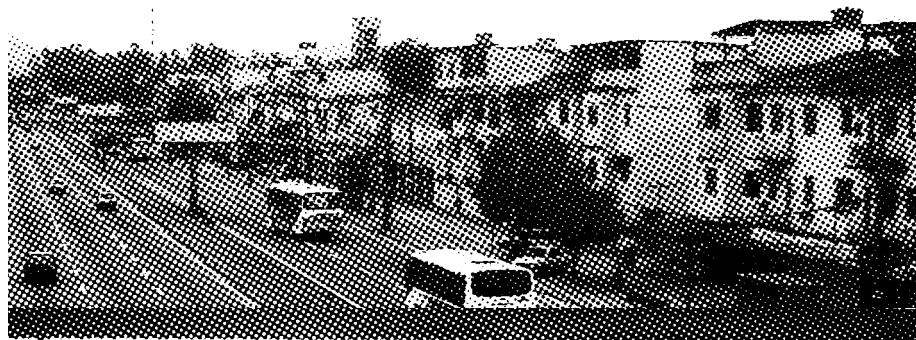
Guilherme de Almeida , a tatuagem em inglês e a amendoeira no Cezarão

Eu tive aula de soneto na Escola Estadual Euclides da Cunha. O poeta, dono dos dois quartetos e dois tercetos, era Guilherme de Almeida. Era mais um nome de poeta que eu achava engraçado. Heraldo e Renato fizeram troça do jeito da professora dizer o último terceto: “eu passei ao teu lado mas ias tão perdido em teu sonho dourado, meu pobre sonhador, que nem sequer me viste.” Passamos a fazer todo tipo de uso do terceto. Na fila, na hora da entrada durante o hino, era só disparar as frases no ouvido das meninas. Em casa, o efeito da descoberta das regras do soneto nos colocou numa produção de rimas pobres em cadernos que trocávamos durante as aulas. Passei a copiar sonetos e a reescrevê-los a meu modo. Nossa descrença no mundo romântico dos sonetos era implacável. No violão, HB fazia versões arrasadoras dos próprios poemas.

A herança do incrível mundo dos sonetos foi o gosto por letras de músicas. Quando consegui comprar meus primeiros vinis de rock, preferia aqueles com encartes onde poderia ler as letras de música e tentava traduzir com um dicionário. Assim como nos sonetos, passei a escrever letras minhas ao lado de cada canção traduzida. Essa relação foi motivo de minhas tatuagens com palavras pelo corpo. A primeira que fiz foi de uma letra de música em inglês, em meu ombro esquerdo. Embaixo de uma amendoeira no Cezarão, eu gravava no corpo o meu gosto pelo discurso. Dona Creuza disse que era coisa de marginal, coisa de gente mal-educada. Ela nunca entendeu que a tatuagem era a ponte que eu criava com meus cadernos de soneto. Era a Escola Estadual Euclides da Cunha em meu corpo. Eram os barquinhos de papel do soneto do Guilherme de Almeida.

Autoviação

Já rodei quase uma noite inteira dentro do 415 chorando. A dor era grande. A maior que senti até hoje. Era como não ter pulmão para respirar. Estava tudo ali, naquela dor. Parecia a última que eu sentiria. Não sei exatamente como, mas uma saudade contundente de meus avós me ocupou. Chorava no percurso e não conseguia sair do ônibus. Ao longo do repetido caminho, apesar das lágrimas e do buraco em meus pulmões darem a constatação física do tamanho de minha dor, eu desconfiava dela. Passando mais uma vez pelo Aterro, olhando entre as lágrimas, do alto dos prédios, as luzes dos outdoors do Passeio e da Avenida Beira-Mar ficaram mais belas naquele instante. Meus olhos se concentraram neles e comecei a imaginar como contaria o que estava sentindo. Imaginei uma frase que poderia escrever sobre aquele pequeno instante onde sentia aquela dor e ao mesmo tempo aquela beleza. Ensaiei como a falaria. Experimentei ali, pela primeira vez, um prazer em organizar a dor de existir. Com o ônibus já cruzando a Avenida Presidente Vargas, um autorretrato na janela se configurou. Não me perdoei. Sentir tamanha dor, chorar e ao mesmo tempo me descolar e ver beleza na cidade... A dor passou. O que se passa na cabeça das pessoas que cruzam a cidade pela madrugada dentro dos ônibus? Será que a cidade invade o lugar de seus pensamentos? Como cada um constrói sua Autoviação?



A BÚSSA

BÚSSOLA

Cap. 03
A bússola

O espaço sideral era na Chacrinha

Além de Deus, o espaço sideral ocupou de diversas maneiras os meus pensamentos nos momentos pós-reza antes de dormir. Depois que rezava o Credo, a Ave-Maria, o Pai-Nosso e pedia a Deus que protegesse nominalmente os membros da família, amigos e bichos preferidos, eu me punha a pensar no espaço sideral até adormecer. O pensamento misturava as brincadeiras de guerra no morro da Leandro da Motta com as imagens das notícias de discos voadores retirando vísceras de animais para fazer pesquisas, presentes na coleção de matérias de jornal sobre UFOS do HB. Além disso, com as constantes histórias que escutava de que o mundo acabaria com a queda de um grande asteroide na Terra, passei a me esconder várias vezes embaixo da mesa nos dias de trovoadas e imaginar o fim chegando. Era estimulante saber que nada aconteceria, mas acreditar que era possível. Pensava também que mesmo que o mundo acabasse eu sobreviveria e começaria a humanidade de outra maneira. Fechava os olhos. Dizia no pensamento que quando abrisse eu seria um novo Adão. Os pregadores de roupa viravam naves espaciais e pessoas desta nova civilização. As mãos organizavam o novo mundo num canto ao lado do tanque de roupas e amenizava a proibição de ir para a rua, dada por minha mãe. Lá, o espaço sideral dominava as conversas depois das brincadeiras de garrafão. As

idade Fantástica

ria comissão udar os UFOs

também os estudos levados a
pela Comissão Condon, da
rsidade do Colorado (USA)

intelectual na busca da verdade,
que venhamos, futuramente, a fer-
necer subsídios aos Governos de

16-12-84 O DIA

Realidade Fantástica

Rússia cria com para estudar os

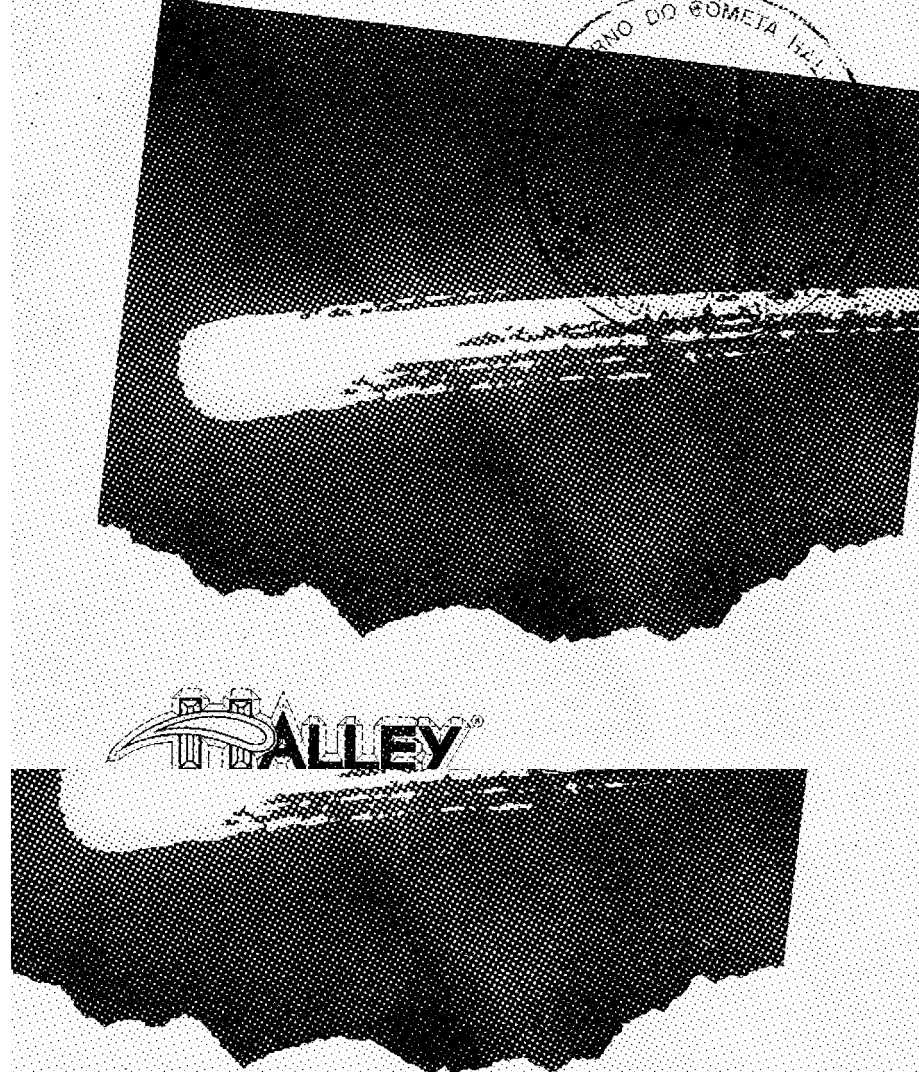
Quando, em fins de maio, o
governo da União Soviética anun-
ciou a criação de um grupo oficial

Também os estudos levados a
efeito pela Comissão Condon, da
Universidade do Colorado (USA)

visões sobre o fim do mundo embalaram muitas amigas da molecada na Chacrinha. A divergência acontecia quando alguns defendiam o fim dos tempos na virada do ano 2000 com muitas chuvas e outros dizendo que acabaria desta vez com fogo e não com água. Uma chapa de pulmão encontrada em um terreno baldio serviu-me para acompanhar os anunciados eclipses do sol. A expectativa com o acontecimento criada por todos produzia em mim uma sensação de estar perto dos grandes efeitos que eu esperava que um dia viessem do espaço. Ficava procurando o melhor lugar para observar o efeito e me colocava novamente a imaginar o fim dos tempos. Por acreditar que a chapa poderia estar contaminada com alguma coisa vinda de hospital, minha mãe jogou-a no lixo antes do dia do eclipse. A decepção por não conseguir avistar o efeito não tirou os meus olhos do infinito. No mesmo ano, eu, HB e a turma criamos esquetes para o horário do recreio, nas quais alienígenas invadiam a Terra atrás de um prato de arroz doce e faziam sermões futuristas para os terráqueos. O espaço sideral era a forma de afirmar a nossa imaginação.

O espaço sideral me fez subir em edifícios no centro do Rio e encontrar Allen Ginsberg

Continuei associando as minhas determinadas atividades de moleque aos mistérios do espaço. Havia começado uma coleção de selos e mobilizava toda família ao pedir os selos das constantes cartas trocadas entre os parentes do eixo Paraíba, Brasília e Rio. Um selo comemorativo da volta do cometa de Halley me levou ao prédio dos correios da Presidente Vargas. Enquanto senhores ligeiramente curvados falavam de filatelia e numismática, eu olhava de lá, pela primeira vez, a beleza do céu no final de tarde na zona norte da cidade. A coleção de selos, por ser cara, se resumiu a algumas centenas. Mas com o tempo os prédios da cidade do Rio de Janeiro foram ganhando importância



RETORNO DO COMETA HALLEY

1º Dia de Circulação

Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

em meu guia afetivo particular. Já gostava especialmente do prédio do Jornal do Brasil. Havia participado de um concurso de poesias promovido pelo jornal e ganhado, o que me fez entrar e desejar trabalhar por lá um dia. Nunca trabalhei, mas os prédios se tornaram parceiros definitivos de minhas andanças pela cidade. Quando conheci a poesia de Allen Ginsberg, que dizia que “gostava de subir nos edifícios mamutes” pela cidade, me senti legitimado e incorporei o último andar de escritórios do prédio Avenida Central a minha “dieta subjetiva”. Trabalhando como entregador de lentes de contato da Baush Lomb em consultórios médicos, independentemente do andar, procurava o mais alto e a sua janela. Poucos instantes de subida eram suficientes para cansar o corpo e ele ganhar de minha cabeça, além de aliviar a insônia noturna permanente que me fazia pensar em prédios flutuando pelo espaço.

A rua asfaltada e os azulejos amarelos

O dia em que chegou asfalto na rua vizinha foi a apoteose dos carrinhos de rolimã e a mudança do modo de jogar bola de gude para a molecada. Dos três buracos de búrca, onde todos disputavam para ser o último a jogar, passamos para o triângulo, riscado no asfalto com pedra de obra, repleto de bolas de gude. O bairro inteiro visitava a rua asfaltada. Churrasqueiras de tijolos improvisados e desfile de velocípedes comprados a prazo no carnê do Baú da Felicidade recriavam o ambiente. Vendedores de sacolé entoavam seus pregões com improvisos sobre a rua asfaltada e inibiam a resposta de que água pura ninguém quer, executada antes com gosto pela molecada. A expectativa de mais ruas asfaltadas virava o centro das conversas em esquinas e finais de missa no bairro. A possibilidade de asfalto em nossa rua só perdia para a alegria de minha mãe quando a pia da cozinha recebeu azulejo amarelo na parte superior da bica. Até mesmo eu, que fugia da cozinha logo depois

da última garfada, passei a lavar meu prato na pia só para ficar olhando a luz do sol que entrava pelo basculante refletir nos pingos de água do azulejo amarelo. Em busca desta mesma sensação, aceitei o convite da molecada para jogar uma pelada na rua asfaltada no primeiro dia de chuva que ocorresse. Os pingos de chuva brilhavam ao bater no asfalto. Era sol e chuva. Casamento de viúva. Uma estranha e nova força era experimentada e aumentava a disposição do grupo para a brincadeira. O jogo só parava para abrimos a boca em direção ao céu e bebermos com gosto os pingos de chuva. Os pés, descalços, corriam para perto do bueiro para criar barreiras ao fluxo da água. Um novo repertório de vivências começava.

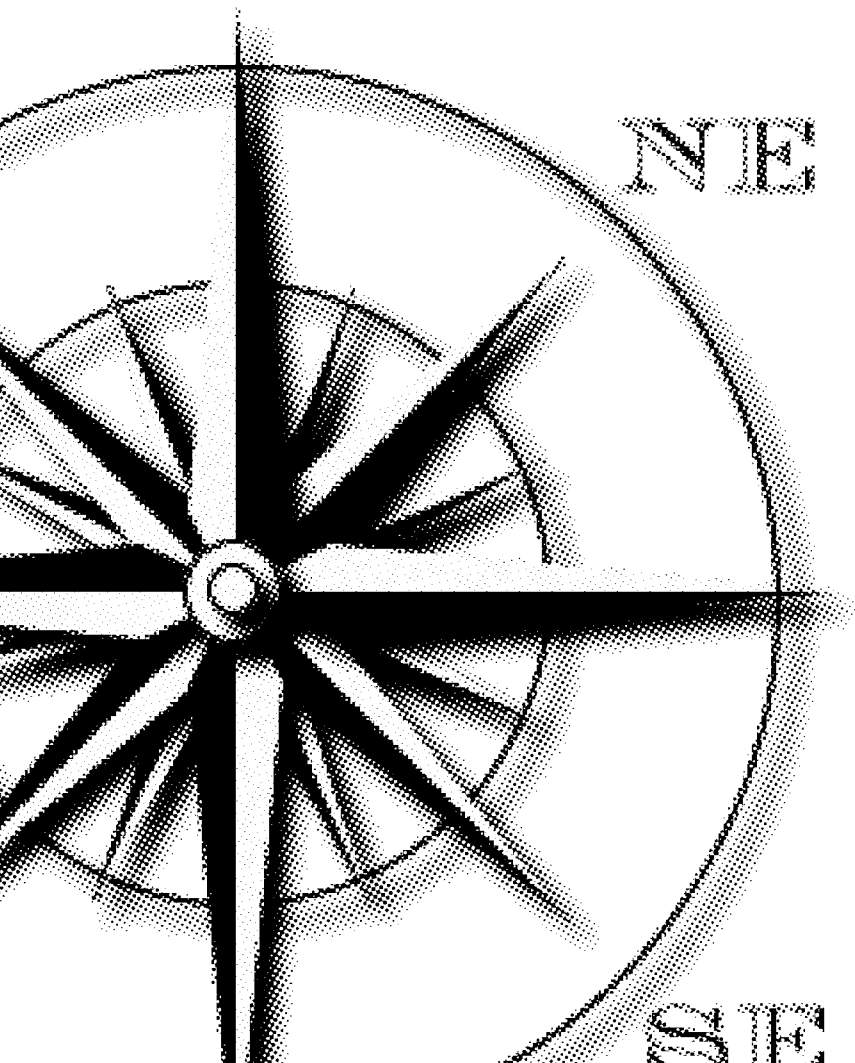
Dia de salário nas Casas da Banha da Avenida Brasil

Dia de salário, para pobre, é algo que começa dez dias antes. Eu era garoto, devia ter entre oito e dez anos, e esperava meu padraсто chegar com o salário do mês. Era certo que naquele dia eu o veria sentado na pequena e velha mesa de fórmica da cozinha, fazendo contas e separando pequenas quantias do seu já pequeno salário.

Morávamos em Duque de Caxias e no dia do pagamento entrávamos no fusca que ele tinha e íamos à Casas da Banha, na Avenida Brasil, fazer aquilo que ele e minha mãe chamavam de “compras de mês”. Nas semanas seguintes, era só complementar a despensa com pão e, raramente, carne. Este dia de salário era um dos dias do mês mais esperados por mim.

Meu padraсто, repetidas vezes dentro do fusca, contava a mesma história: “Eu vi a Avenida Brasil no barro.” Para mim, além de ser gigante, ela abrigava a Casas da Banha, única possibilidade de eu convencer minha mãe a incluir uma lata de leite moça no carrinho. Sempre que íamos, no final das compras, depois de ajudar empurrando o carrinho zelosamente pelos corredores de produtos, eu comia macarrão

N



com carne moída enfeitada de ketchup na lanchonete do supermercado como prêmio por bom comportamento. O ketchup era complemento obrigatório de minhas refeições. Tinha acabado de descobri-lo. Eu ainda não sabia que esse molho grudava na parede do estômago. Era uma compensação por não colocarem nenhum de meus pedidos nas compras. Um chiclete, às vezes, eu conseguia.

Na saída do mercado, íamos em direção ao fusca no estacionamento. Eu sempre pedia, neste momento, para ir dentro do carrinho, mas sempre era contrariado. As compras valiam mais do que o meu desejo. O salário era curto e nenhuma compra podia ser estragada. Toda forma de economia ajudava a “manter o fusca” que, além de ser o “brasão masculino” de meu padastro, conduzia a família as praias de Ramos e da Ilha do Governador nos fins de semana.

Salário foi uma das palavras mais ditas ao longo dos anos lá em casa.

Casas da Banha *versus* Mercadinho

Ir ao Mercadinho, ao armazém ou à vendinha foi uma das primeiras responsabilidades domésticas que assumi. Gostava desta responsabilidade, me sentia fazendo parte da organização da casa. Era só pedir no balcão e esperar embrulharem o pedido em jornal, em seguida anotavam o valor da compra num caderno para as pessoas lá de casa “acertarem depois”. Era uma tarefa fácil e que me permitia estar na rua. De tanto comprar ovo, passei a observar o modo como o vendedor embrulhava separadamente de três em três ovos a dúzia. O barulho produzido pelo encontro das mãos com o jornal ao embrulhar os ovos em formas geométricas era hipnótico. As cores dos enlatados e ensacados que ocupavam as estantes altas próximas ao comprido balcão também ajudavam nesta sensação. Voltava para casa com receio de encontrar algum colega que, brincando, me

fizesse quebrar um dos ovos. Era como se eu quisesse conquistar a confiança lá de casa chegando com tudo “nos conformes” e, sobretudo, evitar uma surra. Repetir esta tarefa com acerto tornou o mundo mais seguro para mim. Entretanto, na primeira vez que acompanhei meus pais até a Casas da Banha e descobri o que era um supermercado, esse mundo das vendinhas e armazéns passou a ser desinteressante. O prédio da Casas da Banha tinha um pé direito alto e tomava um quarteirão inteiro. A quantidade de marcas de comida me trazia novos nomes para decorar e planejar formas de convencê-los a comprar. Ficava impressionado com a dimensão de algo gigante e poderoso. A começar pelo apelido escrito numa pilastra — PORÇÃO. A próxima meta era convencê-los a ir no outro supermercado que ficava na outra pista da Avenida Brasil.

O Fliperama da padaria

Uma única ficha de fliperama era o que sobrava de troco na compra de bisnaga pela manhã, na padaria da Chacrinha, que todo dia realizava a mando de minha mãe, como parte de minhas tarefas — a outra era tirar o lixo do quintal. O pedido de usar o troco para comprar a ficha disparava um “Cuidado com o vício de jogo” — cantiga repetida com voz grave por todos os adultos da família. Em outros assuntos, o tom de voz ficava mais para o agudo. Ronda era castigo na certa. Jogar cartas na esquina seria a difamação para uma família que, de tão reservada, cantava parabéns bem baixo para nenhum vizinho escutar e termos que dividir o bolo caseiro.

Consegui convencer minha mãe que fliperama não era jogo, mas diversão de garoto. Fiquei íntimo da máquina da padaria que abrigava um *Pacman* com defeito no som. Com o tempo, passei a levar um pedaço de pano na mão para secar o suor que ficava no *joystick* e não poderia passar para a bisnaga no caminho de casa. A paixão pela máquina só era abalada pelo desejo de jogar um videogame de verdade. Não conhecia ninguém que tivesse. O primeiro que joguei foi no botequim do



Barbudo, que ficava na esquina em frente a uma igreja presbiteriana. Percebendo a disposição da molecada do bairro para a novidade, ele colocou um *Atari* com o *River Raid*, que viciava mais que qualquer jogo de cartas. No lugar das fichas, passei a alugar minutos. E no lugar das manhãs de bisnaga, mudei para a saída da escola no final da tarde. Pagava com os trocados ganhos no jogo de bafo na hora do recreio.

Estar todo final de tarde com as pupilas seguindo as manobras e os tiros do avião do jogo significava abrir mão da pelada no “campim”, do pão com “mortandela” lá de casa e dos episódios do *Spectreman*. A única coisa que me tirava daquela incrível novidade do bar do Barbudo era uma menina da oitava série com quem gostava de conversar. Eram raros os nossos encontros e, para um rapaz da sétima série, eles não eram nada fáceis. Meu kichute era testemunha do suor que escorria de meus pés. No meio do ano, não quis mais nem o *River Raid*, nem as conversas quase monossilábicas pelas ruas de barro. Descobri que, com notas mais ou menos boas, meu nome não era citado nas raras reuniões de pais e mestres e com isso tinha liberdade de ir para a rua. Abandonei este pequeno mundo criado e tratei imediatamente de criar um novo.

Comecei a colecionar animais e a promover extermínio em massa de formigas. Formigões com asas eram os meus preferidos. As doloridas picadas nos tornaram inimigos. Numa semana de muita chuva, quando a rua da casa em que morávamos encheu de água mais uma vez, consegui pegar uma rã e decidi criá-la num pote de Nescafé cheio de água conseguido no lixo do terreno baldio. Ficava horas olhando as patas e lembrando da palavra membrana, que tinha aprendido numa aula de ciências daquele ano. Comecei a achar o anfíbio parecido com o avião do *River Raid* e decidi que o abriria ao meio com uma gilete. Comuniquei hora e local da operação a todos os moleques da rua.

Meu plano foi frustrado por uma promessa de surra de meu padrasto, anunciada pela minha mãe. A paixão pela rã era tão intensa que, na hora em que tomei conhecimento da promessa, jurei que, se fizessem isso comigo, pegaria o revólver 38 do meu padrasto, herança da época de seu trabalho como segurança. Soubera naquele mesmo ano que ele ficava embrulhado em uma flanela dentro do armário herdado de minha avó. O plano era dar um tiro para o alto. Só para assustar. No dia seguinte, rezei o Pai-Nosso matinal e, antes de ir comprar as bisnagas, aprendi a negociar. Perguntei a minha mãe se ela me daria um trocado se jogasse a rã no valão.

Naquele mesmo dia, voltei a jogar no fliperama da padaria, que agora abrigava o jogo de um carrinho que soltava óleo para fazer os concorrentes derraparem. Na boca do caixa, falei com firmeza para o portuga: “Moço, eu quero duas bisnagas, um saco de CCPL e uma ficha de flíper.”

Atari

Ver um videogame *Atari* pela primeira vez foi de um estranhamento muito grande. Estava acostumado com objetos eletrônicos grandes como TVs de válvula, vitrolas que pareciam móveis. Até os botões do *Atari* eram muito diferentes dos objetos eletrônicos que até então eu conhecia. Era bom de mexer! Na tela, as formas gráficas e as cores do aviãozinho do jogo *River Raid* formavam um universo mais crível do que os monstros que lutavam contra o *Spectreman* nos episódios da TVS. Era mais impactante que o monstrinho engraçado que sai comendo tudo no jogo *Pacman*.

Na garupa da Suzuki

A cinquentinha Suzuki que meu padastro tinha e seu capacete branco eram o meu projeto mais arrojado de ser homem. Sonhava em desfilas conduzindo a moto pelo bairro. Consegui apenas andar no carona depois de insistir muito. A única relação mais próxima que eu era autorizado a ter com a moto era a possibilidade de lavá-la. Uma bicicleta, com nome de marca esquisita, comprada com a cooperação de tias, foi o resultado de minhas insistências em dirigir a moto. O objeto vinha da loja Helal na rua da Alfândega e fez a minha primeira conexão com a cultura de um país que eu ainda não tinha estudado na escola. Peugeot era uma palavra engraçada. Nunca tinha escutado antes, mas logo fiquei sabendo que era uma marca francesa que tinha fábrica na Argentina.

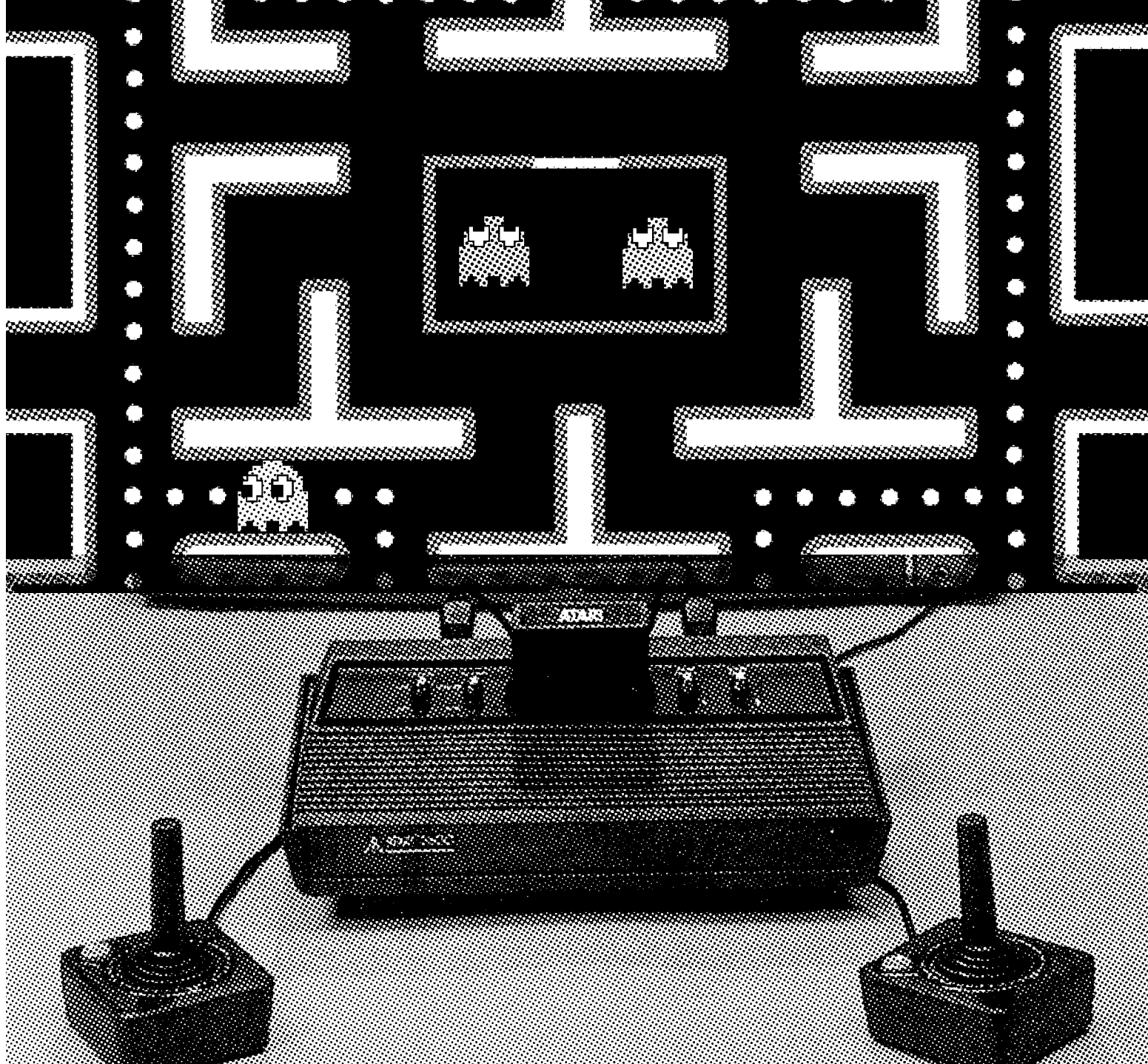
A constante explicação fez a bicicleta virar objeto de interesse dos moleques da rua. Uma freada brusca na descida do morro me deu o primeiro gesso de perna inteira e me fez perder os olhos de gato que tinha conseguido comprar com os trocados da lavagem da Suzuki. Uma de minhas melhores conversas com meu padastro foi no dia em que ele me deu um galão por ter lavado o Fusca e a Suzuki. Falamos, inclusive, sobre o Japão e sua capacidade tecnológica. Uma relação masculina se constrói com papos sobre tecnologia.

A cabeça e o pé da galinha do aviário do Jacarezinho

As mãos magras, compridas, ossudas e de veias volumosas de minha avó. Um espirro de sangue vindo do pescoço da galinha as deixara manchadas de vermelho. Meu avô comprava a galinha no aviário da favela do Jacarezinho, com os trocados ganhos na venda de garapa de maracujá no bujão que carregava no ombro. A repetição com pequenas variações deste evento produz no fio da memória minha afetividade com eles.

Todo domingo, eu acordava na casa deles e corria para a cozinha para ver esta cena: minha avó matava e depenava a galinha com um facão, abrindo o pescoço com um corte enviesado. O sangue era colocado na frigideira, para ficar duro e ser aproveitado. A pele e as tripas da galinha eram mergulhadas em banha e viravam torresmo. Naquele cuidadoso ritual da minha avó, quase todas as partes da galinha eram aproveitadas. Foi assim que criou os filhos, dizia.

Algumas vezes, consegui acordar na hora em que meu avô ia ao aviário e pude escolher a galinha que seria devorada. Gostei de ter escolhido, pois desenvolvi uma técnica peculiar: para escolher a galinha, segurava o seu pé e via se a sola estava robusta. Adorava mastigar o pé de galinha e chupar os ossos. Também passei a gostar de comer o pescoço



da galinha e chupar e mastigar o fiozinho que saía dele. Algumas vezes, eu o disputava com uma tia. Ela se sentia mais merecedora do pescoço por causa da dura semana de trabalho como caixa da loja Helal.

A cabeça da galinha virava objeto de observação dos primos após o almoço de domingo. Certa vez, eu a embrulhei no jornal e a levei escondido para casa. No caminho, fiquei abrindo e fechando o olho da galinha morta. Ainda morava em Caxias e todo caminho dentro do ônibus do Jacarezinho até a Baixada foi embalado por essa brincadeira. Em Cordovil, o olho travou e não fechou mais.

Bula

“Deixa de ser sem-vergonha, menino!” Era a frase que saía, aos gritos, quando eu era descoberto pegando alguma moeda em casa para comprar “iguarias artificiais da infância”. Chegava à birosca com a mão cerrada, escondendo a quantidade de moedas para não ser passado para trás pelo atendente no valor de cada doce. Ficava paralisado diante do balcão, que guardava, na parte inferior, atrás de um vidro sujo e rachado, os pés de moleque, paçocas, cocôs de rato e pingos de leite.

Como doce conquistado, era só desfilar pelo bairro mastigando de maneira exagerada, para que todos vissem. A sensação era encorajadora até mesmo diante da certeza da surra que esperava em casa, pois a moeda fazia falta na compra do chã de dentro. Eu, imediatamente, diante do cinto, argumentava: “Eu posso comer ovo mesmo.” Eu era realmente um moleque sem-vergonha. E gostava disso.

O que me salvava é que eu, segundo minha mãe, era temente à Deus, gostava de trabalhar e de ler. Lia todas as embalagens de doce que encontrava pelas ruas de lama da Vila São Luís e adjacências. Mas minha leitura preferida era a bula de Novalgina. Lá em casa, qualquer dor era



indiscriminadamente tratada com Novalgina em gotas. Lembro de ter tido muita dor de dente e pingar o frasquinho de Novalgina direto no buraco do dente podre.

Fazia isso, porque já tinha visto minha mãe gritar de dor de dente e jogar perfume da Avon para se ver livre da dor. Era uma pena que o perfume da Avon não viesse com bula. Em nossa casa, era comum ter reunião de mulheres para falar da Avon, *Tupperware* e venda de roupas e objetos vindos do Paraguai. Nesses dias, minha mãe queria se ver livre de mim e eu imediatamente pedia uma moeda. Ela executava a frase do sem-vergonha sem grito e com um leve sorriso.

Depois de comprar o doce, era só ficar sentado no para-peito da janela ouvindo as negociações daquelas mulheres com minha mãe, que só usavam roupas com estampa de flores. Bem diferentes dos uniformes que eu era obrigado a vestir.

Máquina de escrever

Um dia fui surpreendido por uma máquina de escrever de aço, usada, antiga e pesada, dada pelo namorado de minha tia. O presente não era para incentivar uma possível expressão individual, mas para me direcionar para um almejado segundo grau técnico em secretariado, curso que, para minha mãe, me daria a possibilidade de “ser um homem direito”. O curso só perdía em respeitabilidade na família para o segundo grau técnico em contabilidade. Meu padrao pintou a máquina com a mesma tinta azul do ventilador FAET. Sem jeito para trocar a fita da máquina eu sujava a mão constantemente de preto e vermelho enquanto catava as letras nas teclas. Ela não durou muito, mas mesmo quebrada serviu para registrar baganas de pensamentos que descrevo aqui, como uma cartografia sentimental.

Nunca alcancei a velocidade desejada para conseguir emprego de datilógrafo. Nunca consegui a precisão de

transformar em palavras os pensamentos que ocupavam minha cabeça diante dos registros fotográficos de minha família. Um pequeno poema misturando contraindicações de bula de remédios e ruas do bairro foram o meu melhor uso da máquina.

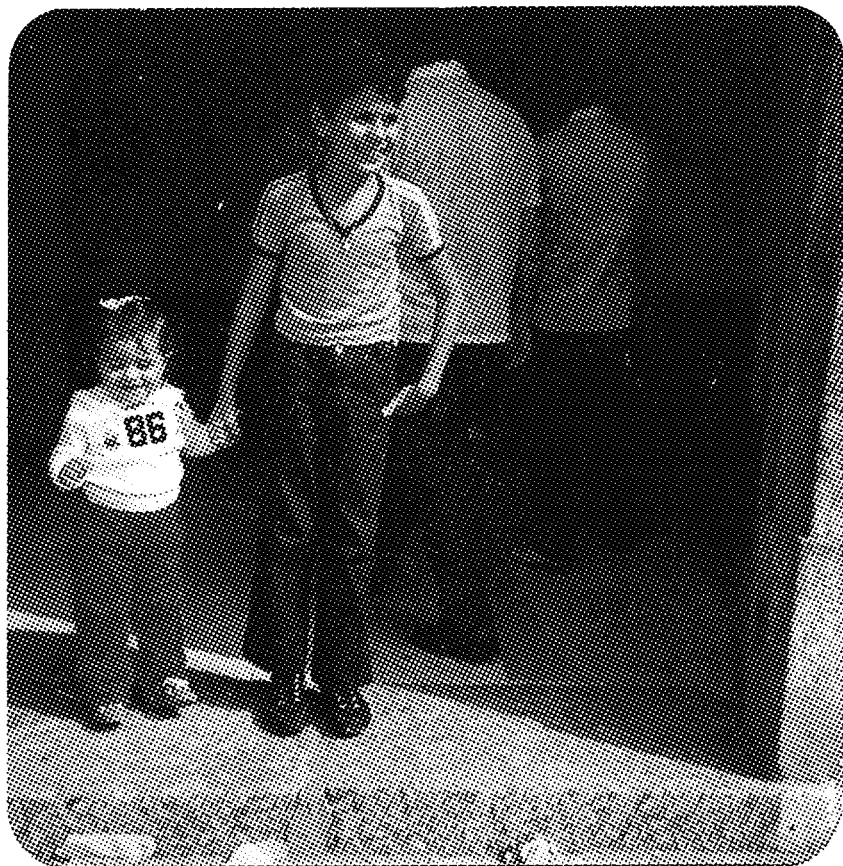
Primeiro táxi

Era um domingo de dia das mães. Almoço na casa da minha avó, no conjunto habitacional perto da favela do Jacarezinho. Dia dos pais eu não gostava, porque era dia de todo mundo me olhar com pena. Mas no dia das mães, entre todos os primos que se reuniam, eu era o mais “espevitado”, segundo comentário de uma prima mais velha, ou “o capeta em pessoa”, segundo um primo que sempre perdia no futebol ao lado da lixeira do prédio.

Não contente pela derrota e percebendo que a frase não tinha efeito, ele emendava: “Sua mãe vai te colocar de novo no colégio interno, em Paquetá!” A desavença familiar só não era completada, porque escutávamos a voz de algumas das tias, dizendo que o almoço já estava pronto. Era só disputar a corrida na escada até o quinto andar e ser recebido com um “já pro banheiro ‘lavar a mão’, meninos”.

Neste domingo, eu decidi não subir. Uma prima e um primo me seguraram pelos braços e pelas pernas e decidiram me conduzir contra a minha vontade. Lá pelo terceiro andar, eu me sacudi e bati com a cabeça na quina da escada. A camiseta branca, com motivos de elefante, escolhida como bônus na loja do Baú da Felicidade, ficou toda vermelha. Entrei no apartamento e todos já gritavam, menos eu.

Eu olhava reto e firme para todos. No banheiro, uma tia lavou a minha cabeça e disse que o buraco era grande. Uma prima se aproximou e anunciou: “Sua mãe acabou de desmaiar na sala.” Lembro de ter acordado deitado no banco de trás de um táxi Gordini, paralelo à linha do trem, indo em direção ao Getúlio Vargas, na Penha.



Gostei de ter acordado num táxi e fui contando as estações. Bonsucesso, Ramos, Olaria etc. Depois de mais de vinte pontos na cabeça, voltamos de ônibus. Estava com a cabeça enfaixada e louco para jogar na cara dos meus primos que havia andado de táxi.

Vento Veloz

As conversas sobre carro nunca me mobilizaram muito. Sempre achei alguns carros meio engraçados. O Gordini era um deles. Ter um carro era algo muito distante, que nunca imaginei. Isso me afastou um pouco do meu padrasto, que sempre falou com eloquência masculina sobre carros. Sua obsessão, porém, era o Passat. Sabia até mesmo o significado do nome que repetia com prazer: Passat — Vento Veloz.

Tia rica de Laranjeiras

Todo moleque pobre acredita que tem uma tia rica. A minha, Sivirina, eu acreditava ser rica porque não usava ralador de alumínio. Minha mãe colocava o ralador de alumínio num ângulo de noventa graus e ralava legumes, principalmente beterraba, que, quando comíamos inteira, era cozida no feijão. Minha tia ralava os legumes em um de plástico duro, com formas variadas e com uma pequena lâmina no meio.

Fora o ralador, eu achava que ela era rica porque morava em Laranjeiras, com vista para o Cristo. No seu banheiro, havia um box, que ela usava como banheira e nele tomava banho sem pressa. Seu guarda-roupa era de madeira e com várias portas. No fundo, havia uma plotagem gigante de uma paisagem de um lago norte-americano.

O guarda-roupa dividia o apartamento em dois espaços. Na sala, um aparelho de som três-em-um ambientava o pequeno espaço com músicas da trilha sonora da novela *Pai herói*. Ela era a única pessoa da família que tinha um

três-em-um e um telefone. Muitas vezes, parentes iam até sua casa para se comunicar com outros, mais distantes.

Gostava de dizer que passava férias na Zona Sul. Em Laranjeiras. O preço a pagar era ter que comer abobrinha refogada, cortada no elegante ralador de minha tia. Com ela, andei muito pelas imediações do Catete e do Flamengo.

Era um mundo incrível que se abria para mim nas férias. Todas as férias, minha mãe me mandava para a casa de alguma tia. Isso aliviava o nosso orçamento. Passei férias no Lote XV, Cidade de Deus, Jacarezinho, Jardim Leal. Mas o que mais me impressionava eram as férias em Laranjeiras.

Inexplicavelmente, o banheiro de minha tia era todo azulejado. Eu imaginava que ela devia ser milionária para ter tanto azulejo. Minha mãe diz até hoje que um dos dias mais felizes de sua vida foi quando a parte superior da pia ganhou azulejos amarelos. Acreditar que minha tia era rica me fez gostar de abobrinha. Imaginava que, comendo abobrinha e imitando seus hábitos, me aproximaria da riqueza.

Andar pela rua foi a coisa mais importante que aprendi com ela. Ela era enfermeira do Hospital da Lagoa, onde nasci. Enchia a boca para declinar o seu endereço: Rua das Laranjeiras, 336, Bloco B, 15º andar. O efeito nos moleques da Chacrinha não era o mesmo nas meninas que conhecia na Praia do Flamengo. Isso me causou estranheza.

Certa vez, um comentário na sequência de minha frase desconstruiu esse cenário encantador. “Ah, o favelão! Tu tá falando do favelão...” Naquele momento, não consegui compreender muito bem a situação. Só percebi que não podia falar com entusiasmo do endereço da minha tia em todos os lugares.

No caminho de volta da praia para a quitinete da minha tia, reconstruí toda a relação que tinha com ela. De tia rica



e excêntrica, passei a percebê-la como a primeira filha de minha avó a tentar romper intelectualmente o ciclo a que esta família está determinada.

Salvo pela tia em Paquetá

Minha tia Terezinha era a alegria dos sobrinhos. Sem filhos, nos fins de semana gostava de passear pela cidade e de visitar as irmãs e irmãos espalhados pela metrópole. Usava as sobras de seu salário como caixa para agradar a família e principalmente os sobrinhos. Com ela, aprendi o tamanho e a extensão da família e da cidade. Encorajou-me a circular. Meu aprendizado das linhas de ônibus do Rio de Janeiro foi iniciado por ela. Até hoje sonho comigo e com ela dentro do saudoso 261 minhocão cruzando as ruas. No sonho, seu olhar continua parecido com os olhos de futuro que atravessavam minha cabeça quando a olhava na barca para Paquetá. Era um de seus destinos preferidos aos domingos com os sobrinhos. Eu contava golfinhos na Baía. Na ilha, minha meta eram os pedalinhos. Eram os ônibus que eu dirigia pelo mar. Um domingo, com grande parte da família presente na ilha do Joaquim Manuel de Macedo, quase morri afogado. A água foi ocupando o pedalinho alugado. Dois furos na parte da frente sabotaram os meus gritos de pirata que conquista a Baía. Minha tia segurou a mim e a minha irmã que, ainda pequena, iniciava sua circulação pela cidade. Olhando a ilha ao longe, lembro de uma sensação adulta sobre a morte em meu pensamento. A ilha seria a última imagem. O momento da morte seria a tentativa de preservar uma última imagem. Fomos recolhidos por pescadores. No barco, os olhos de minha tia voltaram a ser de futuro. Na semana seguinte fui com ela visitar uma tia no Jardim Leal, em Duque de Caxias.

Balas de tamarindo

Todo moleque da periferia acha que vai ser jogador de futebol. Não porque saiba fazer gol. A primeira coisa que ele aprende é driblar, e é esse o seu passaporte para ser chamado para qualquer pelada. Assim como a televisão agora está em toda parte, o futebol é onipresente na periferia.

A disputa entre séries da Escola Estadual Euclides da Cunha, na Chacrinha, no ano de 1983, acontecia num “campim” criado em cima de um brejo com a serragem da fábrica de móveis ao lado. O efeito ao correr era cômico para quem via e de aventura para quem jogava. Quando corríamos, a serragem afundava junto com o nosso pé.

Quem ficava de fora da partida, subia no pé de jabuticaba e, depois de mastigar, pegava o estilingue e arremessava o caroço nos pernas de pau. Alguns dias consegui sair com a camisa limpa.

A vista da mistura de serragem com jabuticaba lembrava um filme-catástrofe. Em outro ponto do “campim”, um pé de tamarindo ensaiava o meu paladar para as balas que viria a conhecer no vagão de trem do ramal Gramacho. Só não comprava as balas de tamarindo quando ouvia o “poderoso Dragão Chinês” ser anunciado em voz anasalada pelo vendedor no vagão.

Pular da árvore em direção à serragem também se tornou um passatempo para quem ficava de fora das partidas. Outros preferiam ficar narrando o jogo, como se fosse uma partida entre Flamengo e Vasco, a real rivalidade carioca.

Na segunda-feira seguinte ao histórico 2 x 1 do Flamengo sobre o Vasco, imitar a narração de rádio durante a pelada quase gerou uma briga entre a oitava e a sétima séries. Imitar narração de jogo na hora do recreio me levou a varar minha primeira noite, esperando Flamengo e Liverpool ser





transmitido pela TV. No dia seguinte, repeti a escalação tantas vezes que não esqueci até hoje.

Aquele ano inteiro foi motivado pela vontade de ser jogador de futebol. Mas a vida é dura para um moleque. Esse desejo foi interrompido pelas inúmeras vezes que não pude ir ao “campim” para ficar sentado numa cadeira ouvindo o barulho da lata de Neocid sobre minha cabeça. Para ajudar, eu tentava acabar com os piolhos treinando cabeçada.

Dieta de remédios

Eu era como popularmente se chama “todo ruim”. Cresci com a presença constante de doenças. Os vermes que coçavam a bunda e as lombrigas que via nas fezes me encorajavam a tomar os comprimidos. Era como brincar de guerra contra os inimigos.

Depois, tive que usar bota ortopédica por ter o pé torto. Foi assim que, cedo, ganhei o meu primeiro documento: uma carteira verde do INPS. Usava-a nas sessões de fonoaudiólogo no Pan Venezuela.

Latas de Neocid e fralda na cabeça para combater os piolhos, que segundo uma rezadeira estavam me deixando anêmicos, também permaneceram alguns anos em minha dieta farmacêutica.

Óleo de fígado de bacalhau, em sessões diárias, junto com calcigenol, combatiam a magreza e a fraqueza dos ossos. Para completar, depois de ter passado por uma operação de garganta, fui novamente para uma mesa de cirurgia, operar fimose. Ao perceber que o tamanho do meu membro estava pequeno, minha mãe recorreu às simpatias: durante quase um ano, reguei meus órgãos genitais com chá de madeira de caixa de charuto cubano, conseguido por um amigo íntimo de minha tia, que trabalhava no ramo de importação e exportação. O recurso ao sobrenatural teve êxito.

Cidade de Deus entre os buracos dos tijolos

Os tijolos vazados das escadas do prédio da minha tia na Cidade de Deus eram os telescópios das brincadeiras com os meus primos nas visitas que lhes fiz nas férias. Era um universo meio fantástico para mim.

Como seus pais, meus três primos eram Testemunhas de Jeová. Todos eles também tinham algum problema na vista, que aos poucos os deixava cegos. Para algumas pessoas da minha família, isso era resultado do cruzamento de sangue, pois meus tios eram primos.

Parecia um filme perceber o esforço deles no franzir dos olhos, na brincadeira do telescópio, com o sol batendo no rosto. Eles eram muito habilidosos. A prima mais velha, a que tinha a doença mais avançada, saía da CDD até o Benjamin Constant, além de fazer curso de massagista. Os outros dois eram técnicos em eletrônica. Todos usavam óculos fundo de garrafa.

Meu tio, o pai deles, tinha uma carrocinha de amendoim e coquinho doce na Praça Saens Peña. Quando eu o visitava, saía carregado de amendoim. O melhor momento da visita era ver meu primo abrir uma televisão Sanyo e fazer perguntas sobre o funcionamento dela. Técnicos de TV eram muito inteligentes para mim.

Em Santa Cruz, meu amigo Pietro também usava óculos fundo de garrafa. Ele falava de Allan Kardec e sabia sobre música punk mais do que ninguém. Era como se as pessoas inteligentes usassem óculos.

Acordes da Dilermando Reis

Sempre achei esquisito o nome da rua da casa dos meus avós: Dilermando Reis. Gostava mesmo era da janela do apartamento deles. Coisas incríveis aconteciam naquela janela. Minha avó, meu avô e minha tia moravam num apartamento da Cohab, num conjunto habitacional na Suburbana, cercado pelo viaduto do Metrô, o rio Faria Timbó, a favela do Jacarezinho e o Buraco do Lacerda (que bastava chover para encher).

Ouvi o nome Leonel de Moura Brizola pela primeira vez nessa janela, quando pilastras de concreto pré-moldado ocuparam o campo de futebol à margem do Faria Timbó. Os campeonatos de sábado da terceirona carioca a que assistia do camarote, depois de subir correndo as escadas até o quinto andar, dariam lugar a um dos primeiros CIEPs construídos pelo ex-governador. Esse fato, mais o saco de leite que recebíamos gratuitamente na escola, fez com que o nome de Brizola se tornasse uma das palavras preferidas nas brincadeiras da molecada.

Em vários momentos da minha vida, tive que morar neste apartamento. E as janelas foram tão importantes quanto as peladas que joguei com os moleques do prédio, nas quais sempre arrancava o tampão do dedão do pé quando errava a bola e chutava a parede chapiscada do térreo, perto da lixeira.

Em dia de chuva, a diversão era ficar na janela da varanda olhando os barracos de madeira do Jacarezinho serem arrastados pelas águas que transbordavam. Apesar de minha avó, com a severidade paraibana, me proibir de mangar da desgraça alheia, eu não me aguentava nas calças quando via uma pessoa agarrada a um pedaço de madeira ou até mesmo a uma carcaça de sofá sendo arrastada pelo rio. Eu gritava: "Surfando no rio, né, favelado?"

A fivela do cinto de meu avô deixou bem claro que minha avó estava falando sério. A preocupação deles era que, no dia seguinte, meu avô estivesse vendendo o já conhecido refresco de maracujá, com o seu bujão, dentro do Jacarezinho, e fosse reconhecido como o avô do moleque que ri da desgraça alheia.

Eu já tinha ocupação para a janela nos dias seguintes aos dias de chuva. Era certo que as ratazanas saíam do rio e iriam para o nosso prédio. Da janela, eu vibrava olhando um vizinho policial matar as ratazanas com tiros de chumbinho.

Em dia de jogo no Maracanã, era só esperar o vagão da torcida do Flamengo passar pela linha de trem que separava o nosso bloco do Jacarezinho. Eu festejava.

Com os anos, essa janela me foi proibida e nem foi preciso a ação da fivela do cinto do meu avô. Com a frequência de nossas noites mal dormidas por causa dos tiros de armas cada vez mais eloquentes, descer as escadas e contar a quantidade de marcas de bala no prédio virou uma bizarra atração, que não combina em nada com os acordes que passei a conhecer do Dilermando Reis. No telefone, comprado para meus avós conversarem com os filhos que moravam longe, meu avô descrevia os tiros escutados.



Vila Militar

Um dos lugares que idealizei foi a Vila Militar, em Deodoro. As conversas que preenchiam as tardes em que preparávamos o cerol para passar na linha do dezão desenrolada de poste a poste quase sempre acabavam na demonstração do desejo de um de nós de ser PQD. O bom de ser PQD era poder chegar no bairro sem camisa, com a medalha de soldado virada para as costas.

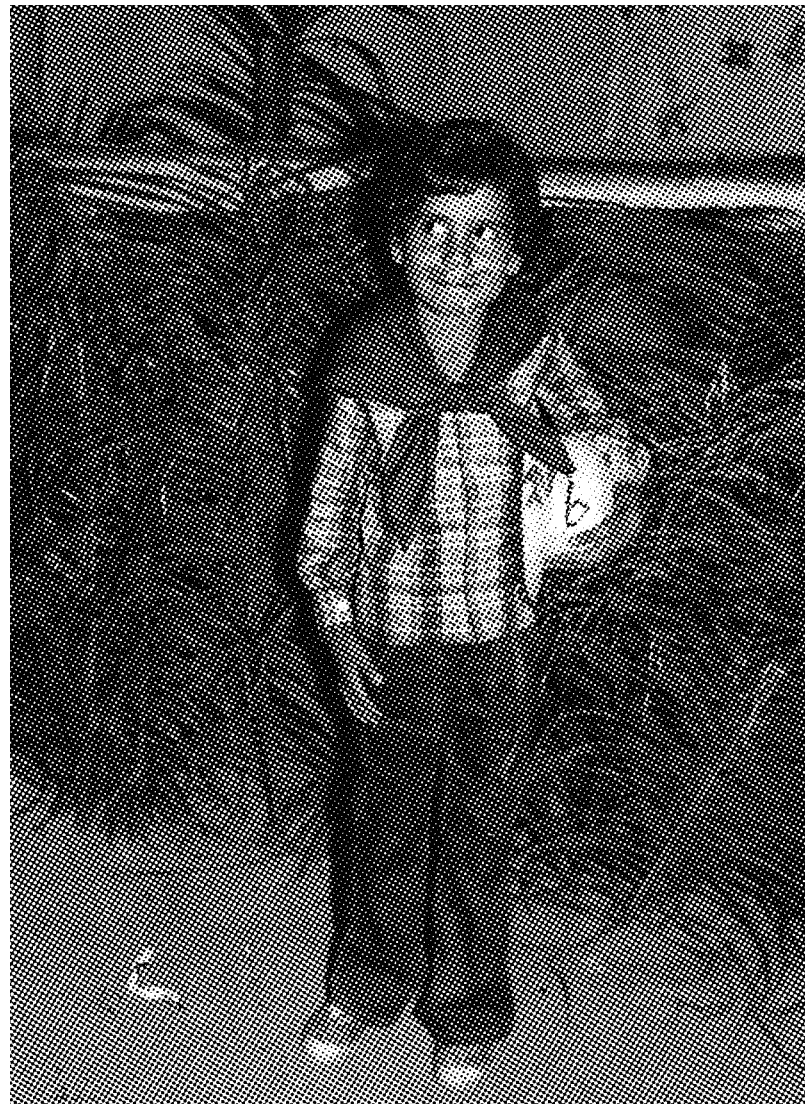
Este era o nosso dever. Era a forma que arrumávamos de um dia, na vida real, sermos "Conan, o Bárbaro". Quando alguém do território entrava para o PQD, era certo que em um dia de folga uma rodinha se faria em torno dele, para ouvir as incríveis histórias de disciplina, certamente valorizadas pelo narrador. O desejo de ser PQD, mais a rabiola de plástico verde e amarelo, era a forma mais próxima de se sentir brasileiro.

Uma pena que todo moleque que entrava para o esquadrão de paraquedistas deixava de soltar pipa. Essa foi a minha primeira rejeição à possibilidade de me tornar militar.

palavras não saíam de minha mente,
 em minha boca. Tu cuspia sem
 ras fragmentadas, fragmentos
 ia. Num relampago de consciência
 osbi que era um homem alto,
 arda existência, e o único
 lho pai. Sempre quando batia-me
 esse a mãe para o alto. Oh homem
 ha mais em minhas mãos e livre
 meus dedos. Virei e cerpe e
 me lá estava ele diante de mim
 e entender porque fiz isso.
 boca, mas daquelas lábios
 e num repente ~~de~~
 terrades dispeste a secar-lhe
 nhay, e seu resto fez-se
 suas mãos, estendidas em minha
 LEVEMENTE
 di para o resto de uma pessoa
 ra completamente fragmentada e
 livre. Peguei-o sem exitar
 que parar ~~de~~ Já não

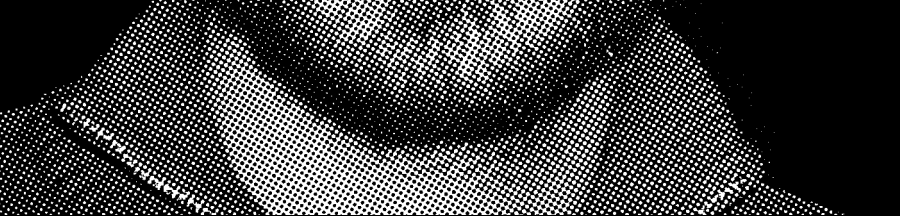
Um circo na Chacrinha para o primeiro beijo

Meu primeiro beijo eu dei atrás de uma lona de circo na Chacrinha. Elizabeth tinha combinado comigo na porta do circo. Cheguei antes dela e fiquei esperando na porta, onde avistava a jaula do leão. Era a primeira vez que colocava gel no cabelo e a mistura com o vento do início do inverno provocava uma sensação engraçada de gelado na cabeça. Depois do espetáculo, atrás do circo, minha língua dançou dentro de sua boca com rapidez e ela começou a rir. Nem o frio da noite intimidava o sorriso e o brilho do seu rosto. Uma amendoeira era testemunha, com o balançar sem poesia de suas folhas, do vento que operava também na lona do circo. A lona era magra como o leão. Eis o breve relato do primeiro beijo depois de vários anos dançando quadrilha nas festas juninas e imaginando beijar um par. Eis a Chacrinha que recebeu aquele circo e me fez sentir tão corajoso quanto o domador. Eis o ritual de passagem para o amor.



Índice de imagens

P. 19	Eu em uma foto de escola	P. 103	Bandeira da Paraíba e Bandeira do Estado do Rio de Janeiro
P. 24-25	O ventilador	P. 107	Brasília
P. 26-27	Cezarão num dia de sol	P. 109	Minha casa no Cezarão
P. 29	Indicação para base aérea de Santa Cruz	P. 110	Um aniversário
P. 32	Central do Brasil	P. 113	Praia na Ilha do Governador
P. 37	Estação de Santa Cruz	P. 114	Dois aniversários perdidos no tempo
P. 40-41	Uma van	P. 118-119	Carta de conversa com um amigo metalheiro
P. 42-43	Avenida Brasil	P. 121	Época do movimento estudantil
P. 45	Antenas UHF	P. 124	Minha primeira carteira de trabalho
P. 46-47	Mais uma vista do Cezarão	P. 128-129	Minha agenda e adesivos colados em caderno
P. 49	Interior do trem	P. 131	Candelária
P. 52-53	Stevie B. e Seiya de Pégasus	P. 135	Proletário e Vanguarda
P. 56-57	Placa da Rua 50	P. 136-137	Pista de skate do Cezarão
P. 60-61	Arcos da Lapa	P. 138	Eu e meus avós
P. 62-63	Palácio Gustavo Capanema	P. 141	Avenida Brasil
P. 64	Carteira de identificação funcional do Banco do Brasil	P. 145	Recortes do jornal O Dia
P. 67	Banca de jornal da Carioca	P. 147	Selo comemorativo do cometa de Halley
P. 71	Eu com o meu padrao na Praia de Mauá	P. 150	Bússola
P. 72-73	Eu na escola de teatro Martins Pena	P. 153	Minha tia e minha mãe comigo na praia
P. 77	Máscara de Clóvis	P. 158-159	Atari
P. 84-85	Placa de indicação	P. 161	Eu e minha tia em Paquetá
P. 89	Estação de trem de Madureira	P. 164-165	Eu e minha irmã em Mauá e Porto das Caixas
P. 90-91	Igreja Nossa Senhora da Glória	P. 168	Minha tia que eu imaginava ser rica
P. 94-95	Passarela na Avenida Brasil	P. 169	Eu sentado no sofá da minha tia que eu imaginava ser rica
P. 97	Ingresso para cinema no CCBB	P. 172-173	Balas de tamarindo e Pedalinho
		P. 174	Cidade de Deus
		P. 179	Meu avô usando telefone doméstico pela primeira vez
		P. 181	Escritos antigos
		P. 183	Eu numa festa junina



Sobre o autor



Marcus Vinícius Faustini, carioca de 38 anos, é diretor teatral, cineasta e atual Secretário de Cultura de Nova Iguaçu. Criou o projeto Reperiferia, a Escola Livre de Teatro de Santa Cruz e a Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu. Nos anos 1980, foi vice-presidente da AMES (Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas).

Este livro foi composto em Akkurat.

O Papel utilizado para a capa foi o Cartão Supremo 250g/m².

Para o miolo foi utilizado o Pólen Bold 90g/m².

Impresso pela Prol Gráfica em outubro de 2009.

As fotos desse livro são imagens de arquivo pessoal

e também imagens feitas por Diego Felipe e Veruska Taylla.

Todos os recursos foram empenhados para identificar e

obter as autorizações dos fotógrafos e seus retratados.

Qualquer falha nesta obtenção terá ocorrido por total

desinformação ou por erro de identificação do próprio

contato. A editora está à disposição para corrigir e conceder

os créditos aos verdadeiros titulares.